



Ensino Médio | 2ª série | Org. Luiz Venâncio R. Aiello

CONTOS DE PASSAGEM



© Escola Vera Cruz, 2016



Projeto Contos de Passagem

Responsável: Luiz Venâncio Rodrigues Aiello

Professora de Artes Visuais: Maria Celina Pinto de Gusmão

Apoio: Luciana Leila Leardini

Professora orientadora da 2ª série: Marli de Barros

Psicóloga escolar: Simone Fernandes

Coordenadora do Ensino Médio: Ana Maria Bergamin Neves

Projeto gráfico e edição final:



Capa: xilogravura de André Calabrese Goldberg

São Paulo/2016

Sumário

Prefácio

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello

10

Contos

Adolescência

11

Sobre a moralidade

Lucas Moraes Figueiredo

12

Perdeu-se na mutação cósmica do ritmo

Bento Pestana Hubner

15

Cafezinho

Theo Levin Cecato

18

Relato de uma prometedora anônima

Bruna Ades

21

Morta presa aos padrões da sociedade

Manuella Monolescu Reichmann

24

Um típico classe alta em uma típica escola

Artur Busato

27

Luz no fim do túnel (ou não)

Matheus Mandú Rodrigues dos Santos

33

Noite cabreira

André Athayde Gimenes

37

Revolta pelo bem?

Ricardo Cestari Giorgi

40

Capuz Vermelho

Sofia Pereira Rodriguez

43

Os olhos dos outros

Gabriela Luiza Freitas Bernal

47

Uma mão lava a outra

Enzo Codazzi Corrêa de Mendonça

49

Um sonho do céu

Luiz Felipe Tavares

51

O inesperado dos animais

João Marcelo Santiago de Castro e Paula

54

Morte	59
Apenas um dia ruim Téo Puliti Serson	60
Olhai o céu estrelado Rafaella Avakian Mansur	63
Confiança Fábio Pisaneschi Dias	67
O canto do sabiá João Bicudo Cremonini	70
A estátua dos sonhos Luca Conti	75
Amor de avó Luiz Carvalho Martins	77
O racha Gabriel Markus Ortiz	81
 Fantasia	 84
A melancolia da vida Luísa Grassi Amarante	85
Rua dos Bobos, nº O Renata Pinto de Souza Sawaia	87
Sonho vazio Sabrina Camargo Silvestre	89
Operária 249 Lucas Xavier da Cunha	91
As aventuras do Homem Capitalista Isadora Scafusca	94
Malabarista retórico Rodrigo Peiter Carballido Mendes	96
Um conto sobre reclusão Carolina Bergamin Neves	99
Taverna, jogos e álcool Jean Carlo Mercadante De Paola	104
Sim Dorome Pedro de Mattos Lopes	108

Mulher	111
Maria	
Francesca Colucci Ribeiro	112
Metido a feminista	
Mariana Tavano Gabriel	115
Virgínia, a Virgem	
Natália Bettini Paes Leme	117
 São Paulo	 121
Vocês em mim	
Livia Prazim de Albuquerque	122
O Senhor da Sé	
Julia Moutinho Ramalho Pinto	126
Realizando um sonho	
Rafael Conti Pereira Luiz	128
Ele só queria mais atenção	
Beatriz Levi	131
Como uma ironia do destino	
Giulia de Paula Rivellino	134
 Futebol	 136
Do estádio para o hospital	
João Renato Pacce Pinto Serva	137
De operário a sensação	
Guilherme Toassi Gualtieri	140
Operário artilheiro	
Rogério Delfino Alves Júnior	142
Cristiano Ronaldo	
Petro Ito Asbahr	147
 Viagem	 149
Beto	
Luiza Alegre Caballero	150
Através das vacas	
Marina Vieira Moraes Martins	154

Campo	156
Sob chamás	
Rafael Diogo Piesco Polifemi	157
A traição de Bernardo	
Guilherme Jimenez Marino	159
A traição vivia no galpão de animais	
Vitoria Maria Sutirot	162
 Romance	 164
Rosas guardadas	
Camila do Val Laurotto	165
Verdades ocultas	
Giorgia Maria Leme Parrini	170
O que o destino junta pode ser separado	
Gabriela Eidman	173
Não existe amor em São Paulo	
Andressa de Siqueira Pereira	175
Amor sem fronteiras	
Eduarda Lamarca Freire	179
Álcool, mulheres e brigas	
Julia Galliás Bronzeli	184
No casamento gay, pode ser bem pior	
Guilherme Guanciale Franco	186
A arte do flerte	
Manuela Bueno Silva Arap	188

Xilogravuras

Artur Busato	27
Beatriz Arruda Fontenelle	70
Beatriz Levi	104
Carolina Arantes Araújo Costa	47
Daniel Rabello Guerra Vieira	128
Eric Gomes Gregory	94
Francisco Villela Teixeira	99
Gabriela Luiza Freitas Bernal	188
Gabriel Markus Ortiz	134
Giovanna Tito Nastas	126
Guilherme Guanciale Franco	173
Helena de Godoy Ferreira	165
Isabela Ract Pousada	85
João Renato Pacce Pinto Serva	140
João Rocha de Lemos Machado	89
Julia Moutinho Ramalho Pinto	12
Livia Prazim de Albuquerque	18
Lucas Ribeiro Paiva	108
Luiza Martinez Taddei	75
Luiz Carvalho Martins	81
Maria Clara Bueno Hernandes	54
Marina Faria Rodrilla	43
Mathias Franch Soares Leite	37
Natália Bettini Paes Leme	63
Pedro de Mattos Lopes	150
Pedro Ito Asbahr	137
Rafael Bim Gomez	112
Rafael Soares Calamita	117
Raphael Dall 'Acqua Morgan	159
Rita Bandeira de Mello Burti	24
Rodrigo Magalhães Bonel	77
Rogério Delfino Alves Júnior	142
Sabrina Camargo Silvestre	51
Sofia Blanco Belmonte	170
Tomás Arruda Botelho de Campos Andrade	96

Contos de Passagem é o resultado do trabalho desenvolvido no curso de Redação com os alunos da 2ª série do Ensino Médio da Escola Vera Cruz, coordenado pelo professor Luiz Venâncio Rodrigues Aiello. As ilustrações foram feitas pelos alunos da 2ª série do curso de Artes Visuais, sob a coordenação da professora Maria Celina Pinto de Gusmão.

São Paulo/2016

Prefácio

Tudo passa, tudo passará, cantava Nelson Ned; e o *agora já passou*, escreveu Arnaldo Antunes. O que temos neste livro são “contos de passagem”: de adolescência, de amor, de morte; escritos em uma das passagens mais belas da vida desses alunos: o meio do Ensino Médio.

Agora que a infância deles vai passando, deixei-lhes aberta a porta: não os obriguei a publicar seus contos. Por isso nem todos os alunos estão aqui; preferi não usar como moeda de troca a nota que o “produto livro” lhes poderia gerar – ainda mais em tempos nos quais precisamos de menos nota, menos moeda e mais troca.

Colocando a autonomia na conta da intencionalidade, usei a máxima liberal do *laissez faire, laissez passer*: deixei-os livres para escrever, limitando-me a auxiliá-los técnica e pedagogicamente durante o processo. Foi o que também fez a querida colega Maria Celina Pinto de Gusmão, professora de Artes Visuais que ensinou a alunos e alunas a técnica das xilogravuras que ilustram os textos deste livro; porém, deixando-os livres para criar.

Daqui, passagem é o nome, liberdade é o ato criativo e escrita é a política afirmativa. Num mundo em que a liberdade é cada vez mais ilusória, a escrita cada vez mais superficial e a passagem cada vez mais interrompida, escrever torna-se o mais político dos atos: escrever textos é, cada vez mais, escrever a si mesmo e reescrever o mundo, inscrevendo-se nele.

Eu e os alunos da 2ª série dedicamos este livro a todos desta Escola – professores ou não – que dedicam seu trabalho à leitura e à escrita de si e do mundo. Boa passagem!

Luiz Venâncio Rodrigues Aiello

Professor de Redação do Ensino Médio da Escola Vera Cruz

Adolescência

Sobre a moralidade

Lucas Moraes Figueiredo



Julia Moutinho Ramalho Pinto

Matheus estava sentado no banquinho em frente ao vão livre do Masp. Cercado de pontas, baganas e pinos vazios, encostou os relatos do profético Zaratustra para conferir o alarme disparado por seu celular. Retirou-o do bolso direito de sua calça de sarja vermelha e percebeu que estava na hora de tomar seus remédios. Abriu a pasta universitária que carregava rente ao corpo e capturou, dentre os livros e cadernos, o pequeno pote de Risperidona e o outro de Efexor. Tomou os antipsicóticos e antidepressivos e foi retomar a leitura, não sem antes conferir os 180° ao seu redor não identificáveis pela visão periférica humana.

Estremeceu. Já era a segunda vez que identificava rostos suspeitos que pareciam estar o encarando. De seu lado direito, um engravatado. Cabelos grisalhos circundavam o heliponto do topo de sua cabeça. Vestia um paletó azul-marinho com uma gravata preta e um par de sapatos beges brilhantes. Alternava o foco entre o Estadão que tinha em suas mãos e o relógio em seu pulso esquerdo. Do outro lado, um vagabundo. Coberto de folhas, mexia compulsivamente seus dedos negros por seu corpo sujo. Seu olhar era fedido. Seu corpo era gosmento. O cachimbo de alumínio brilhava mais que um Rolex. Sua alma era viciante.

Matheus fez o possível para ignorar e continuou sua leitura. “O medo é o pai da moralidade”, dizia Nietzsche. Olhou para trás e no mar de gente da Avenida Paulista, aqueles dois grãos de areia lhe saltavam à vista. A corrente ainda não os havia levado. Olhou para sua mão direita e reparou que estava mexendo seus dedos do mesmo jeito que o mendigo. Olhou para sua mão esquerda e ficou surpreso ao reparar que usava um relógio muito parecido com o do engravatado, e que o estava conferindo compulsivamente. Não tinha nenhum compromisso agendado. Só o compromisso de viver.

“E porque necessita de alturas, necessita de degraus e de contradição entre os degraus e entre aqueles que sobem! Subir é o que quer a vida e, ao subir, supera-se”, continuava o antifilósofo. O engravatado agora tremia a perna. O mendigo arranhava a face. Ambos olhavam para Matheus. Sangue escorria pela face do vagabundo. Pingos vermelhos manchavam a obra do alemão. Fechou os olhos com força e continuou.

“Quem combate monstruosidades deve cuidar para que não se torne um monstro. E se você olhar longamente para um abismo, o

abismo também olha para dentro de você”. Agora estava difícil continuar a leitura. Sua face, arranhada, ardendo e sangrando o incomodava mais do que as polêmicas ideias de Nietzsche. Provocava olhares intrigados e assustados dos paulistanos ao seu redor enquanto tentava controlar seu frenesi e os arrepios que lhe subiam a espinha e os membros de seu corpo que se mexiam sem que lhes fosse dada a ordem, como se estivessem dançando um jazz esquizofrênico experimental com notas dissonantes e fora do tempo. Levantou-se e começou a correr, esbarrava em praticamente todas as pessoas com que cruzava numa tentativa louca de fugir do mendigo e do engravatado. Não importava para onde olhava, lá estavam os dois personagens.

Correu para dentro do metrô. Atravessou as escadas rolantes apressadamente, como se estivesse em transe, e foi direto para as catracas. Enquanto procurava loucamente por seu bilhete único dentro da carteira, olhares o apunhalavam e o faziam sangrar ainda mais. Foi então que reparou que as pessoas ao seu redor se intercalavam entre mendigos e engravatados. Estremeceu mais uma vez. Passou a catraca e seu fluxo de consciência foi interrompido pelo guarda do metrô, que o havia abordado. O guarda falou algumas coisas inaudíveis que não fizeram nenhum sentido e, assustado, o jovem perturbado o empurrou e seguiu escada rolante abaixo. Enquanto abria caminho, reparou nas vozes que já haviam tomado conta de sua cabeça. Pequenos murmúrios e grandes apitos compunham um áudio selvagem. Olhou para o vagão do metrô que acabava de chegar e parou. Centenas de engravatados desciam dele e vinham em sua direção. “A recompensa dos mortos é não morrer nunca mais”, dizia Nietzsche. Foi a última coisa que lembrou antes de se jogar no trem, sentido Consolação.

Perdeu-se na mutação cósmica do ritmo

Bento Pestana Hubner

Descia a serra do Querosene na manhã fresca. Os dedos rosa da aurora se esparramavam pelo céu e Pablo Toico seguia sua caminhada em direção ao trabalho. Vestia seu colete de explorador, uma camisa preta, calça social e um belo par de botas, além, claro, de seu chapéu de palha.

Aqui uma pausa para explicações: Pablo trabalhava no Instituto Butantã como pesquisador de escorpiões, sua paixão.

Nosso herói precisava de sua mochila que carregava nas costas, com sua pesquisa sobre escorpiões amarelos, *Tityus serrulatus*, um disco do Cartola que ia dar para seu amigo Marcel e seu livro “de ônibus”, “A mística do Samba”, pelo qual Toico se dizia apaixonado.

Seu trajeto: casa, Corifeu, metrô Butantã e Instituto.

Querosene, o morro da gasolina, o morro do cheiro forte, dilatado por suas ruas tortuosas que subiam desciam, pareciam ondas escrotas que explodem na porra da praia. “Que merda de morro! Não, amo esse morro... não sei”, pensava o exímio poeta Pablo.

Chegou à avenida movimentada, Corifeu. O tempo, meus amigos, o tempo não nos dizia nada. O jovem Pablo se sentou no ponto e esperou dez minutos, quando apareceu imponente como um leão, seu ônibus.

Toico se perdeu no existir do ônibus. Qual era o significado daquilo tudo? Os níveis de organização cultural do ser humano eram burros, simplesmente. Ora, por que nossas relações morais são tão escrotas? Podíamos só nos comer para nos alimentarmos, tudo seria

mais óbvio e menos falso. Comer, satisfazer nossos desejos e vivermos sem essa preocupação de existir. E mesmo assim, diria Pablo, ainda participaríamos de algo tão mais interessante com nossas interações biológicas! Sim! Sobreviver na cadeia alimentar, nos associarmos por necessidade, nossa pedra seria simplesmente uma pedra, não uma questão de relevância política ou de conceitos e contextos elevados. Pau na bunda é uma pressão social, não seria, pois não haveria sociedade, poderíamos dar a bunda.

Nosso herói entrou na nave que percorreria a Corifeu até o metrô e, lá, pegaria mais um ônibus para o Instituto.

– Bom dia motorista. Bom serviço – disse.

– Oba! Brigado!

Gesto escroto, você o despreza, Pablo. Ao cobrador:

– Ô! Bom dia!

– Bom dia.

Sentou na cadeira ao lado da janela, viu as coisas passarem com o andar da carruagem celestial.

Metrô Butantã.

Pablo desceu do ônibus e viu uma banda tocando um jazz extremamente frito, que de uma hora pra outra foi se tornando um sambinha e, de repente, “Águas de Março”. Maravilhou-se e na hora do refrão até cantou junto “São as águas de março (...)”.

Toico seguiu adiante, ainda com a música em sua cabeça. Parou no ponto e mais dez minutos. Chega a segunda nave. Entrou. Sentou-se na última cadeira.

Pensamento vai, pensamento vem, eis que no cantinho do banco ele vê um escorpião amarelo... Aproximou-se do pequeno ser o colocou na mão. Observou suas escamas amarelas, brilhantes... Que ser era aquele? Que mundo era aquele? Toico queria ser envenenado, queria ser e lambar o escorpião.

Os minutos do dia pararam, porque de verdade não importavam, mesmo. O dia estava quente e intenso e cada movimento do nosso herói provocava, nele, uma sensação de prazer absurda. Escutava o bip do relógio, escutava os sons e fantasiava todos os pormenores mundanos; era só um escorpião...

Batuque rente e forte pé no chão, Consolação, as coisas são concretas. A flauta suspira uma melodia harmoniosa, os corpos nus e fortes dançam com o laranja do dia, o tempo inexistente e é tão ritmado que parece ser um fluido complexo de puras notas musicais organizadas a partir de um prelúdio delicado, de um enredo marcado e de um desfecho sensual.

O vermelho é a cor do sangue, do amor e tudo é vermelho, pois brilha com as danças místicas dos seres humanos, que deliram com o desejo, desejo, desejo. Vermelho é a cor do existir, vermelho é o fogo que queima todas as bordas de sanidade de quem menos espera, vermelho nos olha de dentro, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho, vermelho.

“Preciso saber da gasolina, da Carolina.”

O escorpião, o Toico e a morte...

Cafezinho

Theo Levin Cecato



Livia Prazim de Albuquerque

Eles eram dois, Arrigo e Nido. Sua idade: entre 18 e 20 anos. Suas aparências eram estranhas e meio largadas. Tinham os olhos baixos e roxos, eram de estatura média e tinham um cabelo quase comprido e mal cortado. Eram da classe média paulistana.

Nos tempos modernos em que a cidade é movida por carros, Arrigo e Nido andam de ônibus, e para eles andar de ônibus é a maior função do mundo, assim como sair da casa ou do sofá (locomução não era seu forte, realmente). Os dois tinham afazeres como ir ao dentista ou buscar comida em qualquer lugar, mas dificilmente conseguiam cumpri-

los, pois um mal os cercava: o vício e o desespero sempre chegavam quando o dia ia caindo, parecia que em sua mente um botão se ligava e imediatamente eles desistiam de tudo, indo tomar um cafezinho da tarde no boteco mais próximo.

Prazer, meu nome é cafezinho da tarde no boteco mais próximo. Quando a tarde cai, atraio milhões de paulistanos cansados para meus braços e os faço beber de mim como escravos. Eu sou seu vício, seu vício, seu vício.

E de repente, Arrigo e Nido se viam lá, presos nos braços molhados e pretos do seu pior inimigo.

Segunda-feira, 11 da manhã: acordaram tarde para as funções na metrópole. Arrigo e Nido tomaram banho, se arrumaram e puseram o pé para fora de casa. Marcado às três horas, dentista. Correram, saíram de casa apressados para não perder o primeiro ônibus: 175P Ana Rosa, até a Cardoso de Almeida, onde era seu dentista. Chegaram ao ponto, nada de ônibus. Esperaram meia hora. Às 12h30, chegou o ônibus que subia rapidamente para a lenta, parada e gigantesca Avenida Paulista, onde o trânsito caótico pinta, da cor lata de metal, toda a rua. Às 13h30, já estavam cruzando lentamente a Brigadeiro Luís Antônio. Às 16h00, atravessavam lentamente a Rua Augusta e Arrigo, frustrado, olhava para seu relógio, enquanto Nido observava com cara de cu o edifício 2181. Estavam atrasados. Às 17h00, chegaram ao cemitério do Araçá. O dia começava a cair como num clique. Sem comunicação nenhuma, os amigos desceram do ônibus, atravessaram a Doutor Arnaldo e caíram no boteco de esquina com a Cardeal Arcoverde. Estava tudo perdido: tinham caído nos braços do cafezinho da tarde no boteco da esquina mais uma vez.

Na terça-feira, acordaram atrasados. Vestiram suas velhas, sujas e mesmas calças de sempre e saíram rapidamente de casa. Entrevista de emprego. O ônibus nem passou, pois uma grande greve havia atingido São Paulo e a insatisfação trabalhista levou Arrigo e Nido a esperarem até as cinco e posarem nos braços do cafezinho da tarde no boteco de esquina mais uma vez.

Era assim todo dia, tinham algum compromisso e apesar deles tentarem chegar a algum lugar, um empecilho os guiava diretamente para os braços do cafezinho da tarde no boteco da esquina.

Sexta-feira. Tudo estava dando certo, os amigos tinham: acordado na hora exata, se trocado, corrido até o ponto e lá vinha ele o lindo, glorioso e vinho ônibus 669-10 Terminal Princesa Isabel (com ar condicionado embutido). Subiram, o ônibus estava vazio. A felicidade no rosto dos dois era deslumbrante. Eram passageiros, sem atraso e problemas.

O ônibus virou à esquerda e começou a subir a Brigadeiro Luiz Antônio. O cinema a que eles estavam indo ficava na Paulista. O ônibus continuou subindo a Brigadeiro. O sinal fechou. A tensão aumentou quando o sinal abriu, o ônibus disparou e um cheiro estranho começou a ser percebido pelos passageiros. Fumaça. O ônibus parou e todo mundo começou a correr desesperadamente para fora. Eles também correram, com um pouco de *delay*, e escaparam. Quando os dois olharam para seus respectivos relógios, viram que ainda havia uma hora para começar o filme, se olharam e começam a andar. Duas quadras para cima: Avenida Paulista. Viraram à direita e entraram num estabelecimento com um nome de Café Mestiço: em vez do cinema, pré-estreia de *Sobre Café e Cigarros*, de Jim Jarmusch, eles optaram pelo cafezinho da tarde no boteco de esquina de vez.

Relato de uma prometedora anônima

Bruna Ades

Oi, meu nome é Alice, e ao longo dos meus 18 anos de vida venho enfrentando uma doença muito rara e autodestrutiva: eu sou uma prometedora crônica. O que vem me destruindo, ao longo do tempo, é: eu prometo milhões de coisas para mim mesma e eu nunca, nunca mesmo, cumpro. Já tentei todos os métodos possíveis e imagináveis, mas, obviamente, nenhum deu certo no meu caso.

Eu nem me lembro da minha primeira promessa, não por ter uma memória ruim, mas sim porque nessa época eu nem me considerava gente. Quem me contou foi minha mãe; ela disse que com um ano e meio eu ainda me arrastava para lá e para cá, então, um dia ela me pegou, sentada em um cantinho da nossa casa, dizendo: “prometo que vou aprender a andar em um mês”... Mas, obviamente, isso não aconteceu, só aprendi a andar com dois anos.

Com dois anos e meio, quando entrei na escola, todos me consideravam uma criança um tanto quanto agressiva e, cansada de só arrumar confusão, prometi que nunca mais iria bater nos meus coleguinhas. Três meses depois, não bastou somente entrar em uma briga com a queridinha de todos, ainda a fiz sangrar e minha professora chorar como se não houvesse amanhã. Resumindo, tive que mudar de escola e lá ia mais uma promessa não cumprida.

Aos três anos, prometi para mim mesma que iria desapegar da chupeta. Todos acharam que daquela vez seria pra valer... Passei quase seis meses sem colocá-la na boca. Mas, em uma noite escura e fria, eu estava sozinha no meu quarto e, aterrorizada pelas sombras que entravam pela janela, não pude resistir: peguei minha chupeta na gaveta

do lado da cama e chupei até a manhã seguinte (sem nunca contar a ninguém). Todos acham até hoje que a promessa foi cumprida, mas tenho “Antonieta” guardada até hoje.

A partir dos quatro anos, passei a prometer freneticamente: prometi não brigar com a minha irmã, não usar mais a mamadeira, não chorar para dormir, fazer minhas necessidades sozinha, conseguir me limpar sem deixar resquícios, tomar banho na hora certa, comer coisas verdes e, obviamente, nenhuma delas foi cumprida. Foi com essas simples mentiras que a porta para minha doença foi aberta. Eram promessas cada vez mais frequentes, uma atrás da outra, sem que eu pudesse controlar.

Quando fiz 15 anos, todos já notavam o meu vício. Eu lutava, bravamente, contra ele mas, cada vez mais, me parecia impossível derrotar a fera prometedora. Na primeira semana de maio, havia seis dias que eu não prometia e via o brilho nos olhos dos meus pais: eles estavam muito orgulhosos e isso me fazia sentir bem, muito bem. Em um dia como todos os outros, voltei do vôlei e fui tomar banho. Me tranquei no banheiro com a música no volume máximo, liguei o chuveiro, entrei na água e comecei a cantar. Estava tão feliz que mal notava o que dizia, quando parei para pensar um momento e percebi que tinha acabado de prometer novamente: havia prometido que pararia de andar descalça na escola pelo menos até o final do ano.

Mesmo tendo prometido, ainda havia uma saída: teria que cumprir a tal promessa. Estava determinada como nunca antes. Coloquei aquilo na minha cabeça e fui atrás. Prestava atenção nos meus pés a toda hora, pedi ajuda a meus amigos, ia praticamente todos os dias de tênis para a escola e até cheguei a amarrar o sapato no meu pé por um tempo.

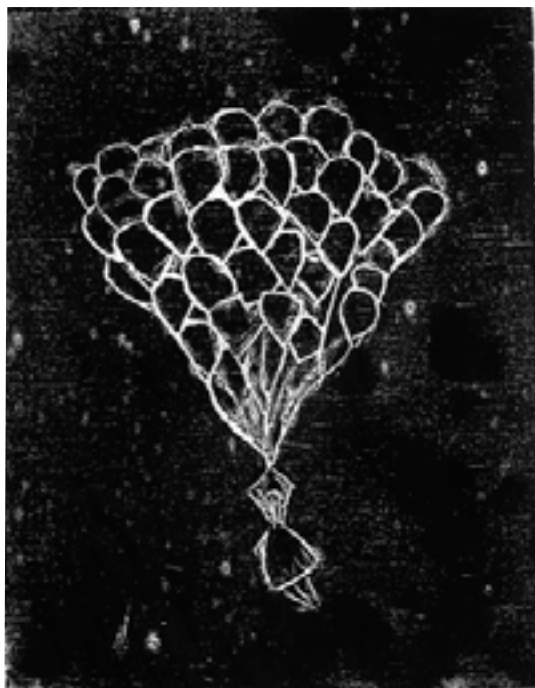
Passaram-se maio, junho, julho e eu estava firme em minha promessa. Em agosto, na volta às aulas, me sentia quase curada, faltavam poucos meses para cumprir a minha primeira promessa.

Iniciou-se setembro e, no intervalo, estava com as minhas amigas no pátio; ríamos e conversávamos sobre os mais diversos assuntos. No meio de uma conversa superinteressante sobre a matéria de geografia, o sino tocou. Nos aprontamos e subimos. Quando cheguei à minha sala, me aproximei da minha mesa e vi um sapato jogado ao lado de meus materiais. Não conseguia me mover; olhei para os meus pés e vi que eles tocavam o chão. Chorei a semana seguinte inteira e, junto com as minhas lágrimas, ia embora a minha esperança de cura.

A partir daí, eu passei a prometer cada vez mais. Hoje, prometo no mínimo cinco vezes ao dia. Já tentei todos os métodos que conheço para a cura, desde acupuntura até tratamento com remédios de tarja preta. Todos fracassaram. Mas prometo parar de prometer.

Morta presa aos padrões da sociedade

Manuella Monolescu Reichmann



Rita Bandeira de Mello Burti

Parecia ser um ano letivo normal para Mariana, uma menina de 14 anos, educada, inteligente e insegura, que havia acabado de se mudar da Escola Pádua para a Escola Vera Cruz, após a transferência no trabalho dos pais.

O professor apresentou Mariana à classe e ela logo virou alvo dos engraçadinhos, principalmente de Ana, uma das meninas mais populares

da escola. No recreio, ela tentou conversar com alguns grupinhos de amigos no corredor, mas nenhum a quis por perto e, por isso, ela comeu seu lanche sozinha no banheiro.

Na saída do banheiro, a garota percebeu uma série de olhares vindos de todas as pessoas do corredor e não entendeu a razão. A grande surpresa, juntamente com decepção, ocorreu quando Mariana entrou na classe e viu Ana postando no Facebook uma série de coisas que faziam com que ela parecesse ridícula.

A menina correu para casa aos prantos.

Quando entrou na residência, subiu logo para o quarto e sem falar com os pais sobre o primeiro dia, ficou lá se perguntando a razão de ter sido tão humilhada. O que ela deveria mudar para se encaixar? A garota ficou pensativa a noite toda.

Na manhã seguinte, Mariana decidiu fazer uma plástica devido à má forma de seu nariz, pois queria um igual ao de Ana e achava o seu redondo demais. Pensava que, ao ter uma parte do corpo igual à da menina mais popular, conseguiria amigos. Mas seus pais não aprovaram tal decisão.

Devido à desistência de mudar seu nariz, Mariana decidiu então que faria um regime rígido para conseguir uma barriga igual à de Ana, pois assim alguém repararia na sua existência.

Semanas se passaram e Mariana perdeu mais de 10 kg. Mesmo assim, ninguém ligou. Otimista, a garota resolveu então cortar o cabelo e deixá-lo no comprimento do de Ana. Meses se passaram e ninguém se dispôs a ser amigo dela.

Nessa mesma semana, Ana e seu grupinho de meninas malvadas foram bater em Mariana para avisá-la de que tentar chamar atenção não mudaria nada, só a deixaria em uma situação pior.

Porém, logo depois, com gelo no rosto e tristeza, a menina recebeu uma mensagem no Facebook do menino mais bonito da escola, Pedro. Um sorriso no rosto se formou e aquele momento foi a primeira vez em que a garota foi notada.

Pedro flertou com a menina por dias e até falou com ela na escola. As coisas pareciam se ajeitar. Mas Mariana não sabia que aquela amizade fazia parte de uma aposta que havia sido feita no aniversário de Ana: a menina popular namoraria com Pedro se ele pregasse uma peça na garota nova.

Enquanto a aposta acontecia, Mariana sentia-se nas nuvens, mas quando descobriu que toda a escola ria de sua cara pelas costas, desabou.

Depois de todas as coisas que seus colegas da escola haviam feito, em vez de raiva, a menina só pensava em chamar atenção, mesmo sabendo que eles a desprezavam. Mas havia uma solução rápida, eficaz e fácil que facilitaria tudo, disse para si mesma.

Com o pensamento positivo e os analgésicos na mão, a garota chegou à conclusão de que chamaria atenção das pessoas pela falta. Foram engolidas sete pílulas de uma vez e apagadas as luzes do quarto. Caída no chão, Mariana conseguiu chamar atenção da morte.

Um típico classe alta em uma típica escola

Artur Busato



Deuzilvaldo era igual a qualquer estudante do 2º ano do ensino médio: burro, imbecil, irresponsável, preguiçoso, feio, babaca, cuzão, demente, jumento, lesado, zé ninguém, idiota, infantil, indiferente, otário, abestalhado, cafajeste, canalha, cretino, delinquente, histérico, homofóbico, machista, palerma, patife, preconceituoso, safado, salafrário, sem noção e tapado. Seu esforço relativo a tudo o que não se relacionava ao Snap, ao Insta e ao Whats era tão grande quanto seu próprio pênis, ou seja, quase nulo.

Bateu todos os recordes de piores notas em todas as matérias. Apenas conseguiu chegar a um nível pífio de escolaridade por causa da grana que seus pais “doavam” para sua escola; mas, até para os “classes alta” mais corruptos da sociedade, dinheiro não nasce em árvore.

Em uma quarta-feira, durante a aula de biologia na escola Zurc Arev, sentado na última cadeira da última fileira, com a mala em cima da mesa e olhando descaradamente para baixo, Deuzivaldo estava mandando mensagens por Whatsapp quando a porta de sua sala se abriu e o rosto de sua coordenadora apareceu, dizendo:

– Com licença, Marlu, posso tirar Deuzivaldo da sala um pouquinho?

– Mas é claro.

Ela olhou para Deuzivaldo e fez um sinal com a mão, chamando-o. Ele se levantou, não tentando esconder seu celular. Alguns de seus amigos olharam para ele perguntando o motivo do enquadro, mas ele obviamente não fazia ideia do que estava por vir.

A coordenadora o guiou para a sua sala sem dizer uma palavra. Quando chegaram lá, Deuzivaldo esbarrou no canto da porta por desatenção, pois estava respondendo às pessoas que perguntavam sobre sua saída da sala pelo celular. Mas ele tomou um susto quando deparou com seus pais.

A coordenadora se sentou e sinalizou para Deuzivaldo fazer o mesmo. Então ela respirou fundo e começou a falar.

– Deuzivaldo, sabe por que você está aqui?

– Éééé... Naaaum.

– O senhor está ciente de quantas recuperações já pegou em menos de um mês e meio de aula?

– Naaaum sei naaauum, quantas?

– O senhor está de recuperação de Português, Química, Matemática, Física, História, Biologia, Redação, Inglês, Sociologia e... Música disse a coordenadora lentamente, enquanto contava as matérias com os dedos. – São dez. O senhor sabe quantas matérias nós temos nesta escola?

– Hmmm, éééé, naaauum. Não sei, não... Quantas?

– Português, Química, Matemática, Física, História, Biologia, Redação, Inglês, Sociologia e... Música. – repetiu a coordenadora lentamente, contando-as com os dedos. – O senhor, pela sexta vez desde o 6o ano, pegou todas as recuperações possíveis, com exceção de Educação Física, que parece ser a única matéria pela qual você tem um mínimo de interesse. O senhor tem noção da gravidade disso?

– Naaaum...

– Realmente, não parece. Depois de ter conversado com todos os professores e com seus pais, chegamos à conclusão de que o senhor irá repetir de ano se essa situação não mudar. Está entendido?

– Éééé... sim.

– Agora volte para sua sala, largue esse celular e trate de prestar atenção na aula.

Ao voltar para sua sala, Deuzivaldo fez questão de andar o mais devagar possível, e de parar para ir ao banheiro e tomar água, mesmo não precisando. Ao chegar à sala de aula, voltou para a mesma posição em que estava: encostado na parede e olhando para baixo da mesa.

O tempo passou e Deuzivaldo não fez o menor esforço para sequer levantar os olhos durante as aulas. Como consequência, o aviso de sua coordenadora se concretizou. O afiançado Deuzivaldo repetiu de ano, mas esse fenômeno não aconteceu uma única vez: foram implausíveis 24 vezes seguidas.

Em uma quinta-feira, durante a aula de português na escola Zurc Arev, sentado na última carteira da última fileira, com a mala em cima de sua mesa e olhando descaradamente para baixo, Deuzivaldo estava mandando mensagens por Whatsapp quando a porta de sua sala se abriu e o rosto de sua nova coordenadora apareceu, dizendo:

– Com licença, Alea, posso tirar Deuzivaldo da sala um pouquinho?

– Mas é claro.

Ela olhou para Deuzivaldo e fez um sinal com a mão, chamando-o. Ele se levantou, não tentando esconder seu celular. Alguns de seus amigos olharam para ele perguntando o motivo do enquadro, e ele já sabia o que estava por vir. Mas daquela vez ele se surpreenderia.

A nova coordenadora o guiou para sua sala sem dizer uma palavra. Quando chegaram lá, Deuzivaldo esbarrou no canto da porta por desatenção, pois estava respondendo às pessoas que perguntavam sobre sua saída da sala pelo celular. Mas ele tomou um susto quando se deparou com sua antiga coordenadora e seus pais.

A nova coordenadora respirou fundo e começou a falar.

– Deuzivaldo, o senhor faz ideia de quantas vezes o senhor repetiu de ano?

– Éééé... Hmmm... Naaaum, naaam sei não.

– Foram 24 vezes, Deuzivaldo. Ninguém na história da Terra repetiu 24 vezes o mesmo ano do ensino médio. – Ela tomou uma pausa para não elevar a voz. – O senhor sabe por lhe chamei aqui?

– Ééé... Hmmm... Naum sei naummm.

– Porque não tem cabimento um homem de 40 anos estar no 2o ano do ensino médio – disse a nova coordenadora. Ela respirou fundo novamente e entregou a Deuzivaldo um papel:

– Isto é uma carta de expulsão. Não há mais possibilidade de lhe ajudar. Assine aqui e se retire da escola, ok?

Deuzivaldo assinou seu nome na carta de expulsão e voltou para sua sala para buscar sua mala, mas antes passou no banheiro e no bebedouro, mesmo não precisando. Pela primeira vez em sua vida, Deuzivaldo começou a pensar em seu futuro: onde iria trabalhar? Na empresa de carros de seu pai?

E foi exatamente isso o que aconteceu. Deuzivaldo foi admitido por seu pai em sua empresa, uma das maiores – se não a maior – exportadoras de carros japoneses do mundo. Deuzivaldo não fazia ideia do que fazia na empresa do pai, mas isso não importava. Só importava ter Wi-fi, uma sala com ar-condicionado e um iPhone20 com Snapchat, Instagram e Whatsapp.

Luz no fim do túnel (ou não)

Matheus Mandú Rodrigues dos Santos

– laaaaaannnnnn!! A comida tá na mesa!

Essa frase soa como música para os ouvidos de qualquer adolescente de 17 anos esfomeado após o treino de MMA. Fui em direção ao prato como um foguete e comi aqueles quatro ovos, filé e batata doce como se fosse a última refeição da minha vida. Devo ter criado dúvidas na minha mãe em relação à minha condição de “humano pensante” depois do jeito que comi. Mas, enfim, estar bem descansado para o dia seguinte era mais importante. Até pensei em dar uma descabelada no palhaço para fechar o dia bem... Mas como falei, sono em primeiro lugar.

“Nooossa... Que magrooo...”. Talvez não existisse frase melhor para expressar a preguiça de sair da cama de manhã. Zumbizando, fui para o chuveiro, tomei um banho rápido, me troquei e fui voando para a mesa tomar café. Fome.

– Depois de nossa discussão sobre equações matriciais, acho que vocês já estão aptos para fazer exercícios, não é? Página 327 a 333.

Sabe quando você está deitado na cama, debaixo da coberta, naquele frio, pronto para dormir vendo um filme, mas o controle cai e você sucumbe à preguiça? É, era mais ou menos esse o nível da minha preguiça de fazer os exercícios. Magro.

– JAB! CRUZADO! UPPER!

Enfim, no santuário...

Que me julguem, mas pra mim aquelas palavras tinham um valor muito maior do que saber o que é cátion e ânion, ou qual é o valor de x. Dentro das oito paredes, eu me transformava. Passava de um vagabundo que só dorme, para uma máquina ligada no 220. Focado, nada podia me parar.

– Ian, chega aqui.

– Sim, mestre?

– Estou muito orgulhoso da sua dedicação aqui no treino. Parece que tá com formiga no rabo toda aula! Mesmo nos poucos minutos de intervalo que eu te dou, você tá lá sozinho, tentando corrigir os movimentos. Esse é o espírito de um guerreiro. Então, acho que você está pronto. Sua luta é dia 17 de junho. Continue com essa garra que não tem ninguém que te segure, moleque. Tenho fé em você, támo junto.

– Mestre, não tenho palavras para agradecer... Deixa comigo, prometo que vou fazer jus a essa chance!

Uma lágrima escorria do meu rosto.

– Ian, o que aconteceu? Por que você está chorando?! Algum delinquentezinho te bateu? Tadiiiinho!!!

– Mãe, você realmente acha que se eu entrasse em alguma briga, eu sairia perdendo? São lágrimas boas, mãe.

Depois de muito sangue, suor, um pouquinho de vômito, desmaios, suplementos, dietas e mais lágrimas, chegou o grande dia. Nem parecia que eu não tinha dormido no dia anterior, de tão ansioso que eu estava. Não podia ser diferente.

— Vai com Deus, filho, toma cuidado, por favor, quero te ver inteiro quando voltar!

— Inteiro eu não prometo, mãe, mas meio vivo eu prometo que eu volto... Beijo, te amo!

Desci do busão e dei de cara com aquele templo. Arena Body Builder.

— Vamo, lan! Você já está atrasado, vai se trocar!

Acho que nunca estive tão concentrado na vida. Nem se a Megan Fox falasse que queria me pegar na hora, eu aceitaria. Ok, exagerei. Mas era bem por aí.

Cadê aquele desgraçado?! Todo mundo pronto, eu naquela pilha absurda, e nada do tal de Rafael com quem eu ia lutar. Totalizaram-se 30 minutos de espera, até que...

— É com tristeza que divulgamos que o competidor Rafael da Silva não poderá comparecer. Portanto, vitória dada a lan!

Sabe quando você bate o dedinho na quina da mesa? Ou quando seu time perde para o rival e vem a galera cornetar no dia seguinte? Ou quando você sabe a resposta, mas assinala a alternativa errada na folha

de respostas? Ou qualquer outra coisa dessas que dão vontade de se matar na hora? Então, agora multiplica por mil. Era mais ou menos essa a raiva que eu sentia por ter todos os quatro anos de dedicação no lixo.

Conclusão? Eu só lembro ter acordado no hospital, já muito mais calmo, com a minha mãe totalmente em choque do meu lado falando que eu tive um ataque de raiva.

Desse dia até hoje, eu tenho um auxílio de uma psicóloga que me ajuda com a raiva. E o MMA? Bom, para quem esperava uma história gratificante de superação, só lamento. Depois daquele dia parece que algo dentro de mim morreu, e não consegui mais ter aquele tesão pela luta. Enfim, vida que segue.

Noite cabreira

André Athayde Gimenes



Mathias Franch Soares Leite

— Tô namorando todo mundo. 99% anjo, perfeito... mas aquele 1% é vagabundo. Mas aquele 1% é vagabundo, safado e elas gostam... Só 1%... E o 1% mais safado do Brasil! – Na baladinha top das noites de Sampa cantavam os visitantes do Villa Country. No meio da euforia causada pela song do safado, era mais uma festinha cheia de pegação e loucuras, coisas que todos sabem que não faltam na radicalidade da maior cidade do Brasil. Eu não usava nada de mais, um sapatinho da Osklen, meu Apple Watch e uma blusa puta style que minha mãe me deu.

Meu, não perdi tempo já fui pra cima desse bichinho chamado mulher. Modéstia à parte, faço um tremendo sucesso entre as garotas, então, claro que já fui somando umas minas.

Infelizmente, esse não era meu dia... Sim, levei o famoso fora. Isso me deixou meio cabreiro, mas como sou persistente, continuei a caça. A segunda gatinha que eu dei em cima nem olhou na minha cara. Indignado: essa é a palavra; se tivesse olhado, veria a belezura que perdeu.

Esses foras me serviram como estudo. Ficou claro que as meninas estavam dificultando o serviço, então adotei a – como eu gosto de chamar – tática do crocodilo. Fiquei ali no bar, parado, só lançando olhares, esperando por uma correspondência. O mar não estava para peixe, demorei quase meia hora para receber uma resposta visual. E, quando cheguei na minazinha, ela nem me deu bola. Isso foi o ó do borogodó, mas temos que ser justos, um dia é o dia da caça, o outro do caçador.

A baladinha já ia acabando quando decidi ir embora, então pedi um Uber. Esse não era meu dia mesmo, o motorista se perdeu no caminho e demorou 15 minutos para chegar. De cara, percebi algo estranho: o carro fedia a fumo (sim, maconha). Gelei na hora, havia caído bem com o único Uber traficante de todos. O azar não parou por aí, o esperto ainda estava com o banco todo reclinado para trás. Naquele momento, segurei a raiva e mandei o cara seguir para a minha casa.

Não deu um minuto no percurso e o cara ligou um rap no rádio, desses tipo de presidiário. Meu, que música horrível era aquela? Pedi pra ele abaixar o som com toda a educação que me foi dada e o cara ainda

teve a petulância de aumentar ainda mais aquela barbaridade. Claro que me senti... não diria com medo, mas acuado e tímido em pedir novamente (o motorista certamente estava armado).

Nesse momento, percebi que seria necessária muita valentia para superar aquela situação. Meu coração começou a bater bem forte e não era à toa. O maldito do Waze guiou o carro por umas aleiazinhas terríveis, a iluminação era horrível e todas as casas pareciam abandonadas. Para mim ficou claro que aquele motorista queria me sequestrar e tinha marcado o GPS para nos levar para as suas quebradas, lá do Capão, provavelmente. É, motorista de Uber é sempre um perigo, nunca pode se deixar confiar nesses malandros.

Mesmo assim, continuei sem dar um pio. Em certo momento do percurso, o Waze pediu que virássemos à direita para chegar ao fim do percurso: nisso já fiquei mais cabreiro. Quem sabe uma quadrilha de motoristas de Uber raptos poderia estar ali me esperando? Quando o cara virou, não me contive, estufei o peito e disse:

— Meu, mas que ótimo esse caminho, hein, motorista? Esse Waze é uma maravilha mesmo!

O danadinho do GPS tinha cortado um baita de um caminho e tínhamos dado na rua da minha casa. Impressionante, não? O carro parou na frente da minha residência, agradei o motorista e subi para o meu apartamento ainda sem acreditar no aperto que eu havia passado.

Meu, que noite maluca! Só consegui dormir porque tomei um banho quentinho e, por sorte, minha avó havia deixado um tremendo bolo de chocolate para me deliciar.

Revolta pelo bem?

Ricardo Cestari Giorgi

Vitor é um jovem de 19 anos de idade, filho de uma família muito rica. Ao contrário do que pensa o senso comum, ele é totalmente o contrário de seus pais conservadores. É prestativo, gentil, amigável e luta com todas as suas forças por uma sociedade melhor. Em seu dia a dia, ajuda os outros, critica o racismo, o preconceito, o machismo e estuda.

Em um dia como qualquer outro, Vitor saiu de uma reunião contra os opressores da sociedade com muitas ideias em sua cabeça. O resto do dia ele passaria na casa de seus tios, um refúgio dos costumes de dar nos nervos de seus pais. Ali ele poderia discutir sobre tudo o que sonhava. Todos da família, exceto os seus tios por parte de mãe, eram rabugentos e conservadores ao extremo, mas isso não afetava o rapaz, pelo menos até aquele dia.

Quase chegando à casa de seus tios, o jovem esperava, depois de virar a esquina, ver aquela simpática moradia que lhe dava mais a sensação de lar do que a sua própria casa. Entretanto, não foi isso que viu. A frente da casa estava cheia de vans e equipes de repórteres das mais respeitadas emissoras, enquanto policiais colocavam uma faixa listrada de amarelo e preto em torno da casa. No momento em que observou o lugar, a aparência e humor de Vitor desmoronaram.

O jovem correu desesperadamente até a casa e adentrou sem autorização da polícia, que tentou contê-lo, mas só conseguiu o feito quando ele já tinha olhado tudo. O jovem não achou seus tios. De acordo com as investigações, eles foram mortos durante um roubo e,

aparentemente, o que causara a morte é que os dois teriam resistido. Vitor já não mais sorria ou pensava. Sua face expressava uma tristeza imensa.

Depois de algumas horas, o jovem, que estava jantando com a sua família em sua própria casa, não demonstrava nenhuma emoção além de raiva. Não estava triste, muito pelo contrário. Os comentários que seus pais faziam à mesa o perturbavam, mas ele conseguia manter a sua expressão calma, até que algo foi dito:

– Finalmente aqueles dois morreram, não aguentava mais. Ninguém nunca gostou de como era essa raça deles, mas agora já temos aquele dinheiro de volta. – disse o pai.

– É verdade. Também não consigo imaginar como minha irmã estúpida tentou conversar com os bandidos. Devem ter sido negros para fazerem algo tão ruim. – disse a mãe.

Vitor se levantou bruscamente da mesa, pois esses últimos comentários haviam sido a gota d'água. Correu para o quarto e lá ficou, junto com o seu irmão mais novo, que o admirava e procurava entender o que acontecia. O mais velho ficou inquieto, organizando coisas e levando-as de um quarto para o outro, até que o barulho cessou e seus pais acabaram o jantar.

Às 11 da noite, os pais do jovem estavam no quarto, descansando na cama e vendo a televisão. Nesse mesmo momento, Vítor entrou e começou a se pronunciar:

– Seus monstros, mesmo depois de todo esse tempo ainda não se tocaram? – Vitor levantou a voz, apontando um revólver para os dois.

O pai, rapidamente, abriu a última gaveta de seu criado-mudo na intenção de pegar seu próprio revólver. Infelizmente, para ele, porém, sua arma estava nas mãos do filho.

– Então... Depois de tudo você não hesitaria em me matar... – Vitor fez uma pausa, mas logo continuou a falar – era o que eu esperava de meu “querido e puro criador” – finalizando a frase com um tiro certeiro na cabeça do pai. Em seguida, atirou na cabeça da mãe.

– Um mundo melhor não pode acontecer com humanos como vocês vivendo nele – disse o jovem.

Mas não sabia ele que seu irmão havia visto a cena. Diferentemente do esperado, o pequeno não chorou tanto, pois ele já conhecia há tempo os costumes dos pais, coisa de que não gostava. Vitor, tentando mascarar seus sentimentos, saiu caminhando diretamente para o irmão, com os cabelos cobrindo completamente sua face. O pequeno entendeu o que se passou e, sabendo dos sonhos do irmão, diz em voz alta:

– Você agora é um procurado, vai ser difícil você alcançar o seu sonho de um mundo melhor assim. Tudo bem, vá viver a sua vida em outro país, pois sou eu quem vai mudar a nossa família e o Brasil. Quando você escapar das perseguições, não demore a realizar seus sonhos.

Vitor olhou para trás, realmente chocado. Não tinha muito tempo até a polícia chegar, mas mesmo assim, disse:

– Obrigado.

Capuz Vermelho

Sofia Pereira Rodriguez



Marina Faria Rodilla

Ao lado da porta principal havia um cabideiro com um único casaco vermelho. À direita desse cabideiro, uma cozinha imunda, e à esquerda, a pequena sala com um sofá velho e um rádio quebrado. Janete olhava em direção à rua por uma fresta, que surgiu após uma grande chuva de janeiro no morro, e servia de janela para a jovem desde então. Segurando o pequeno saco plástico próximo ao peito, ela esperava o melhor momento para encontrar seu cliente.

Ao mesmo tempo em que o relógio marcou cinco horas da manhã, sua avó começou a ter uma crise de tosse. A tosse não parava,

forçando Janete a ir para a cozinha em busca de um remédio para a velha. Ela revirou o armário de remédios, porém não encontrava o xarope que Guará havia dado a ela para cuidar da avó. A tosse não parava, aumentando sua preocupação. A essa altura, ela havia desistido do armário de remédios e foi para os outros gabinetes da cozinha. Não encontrava. Pequenos frascos de plástico de variados remédios jaziam no chão, enquanto a tosse piorava. Mais frascos caíam no chão, agora a tosse estava mais forte do que nunca. Janete havia esvaziado tudo. Um som de engasgo veio do quarto da avó e o coração da menina parou por um segundo. Ela correu em direção ao som, seu desespero tornou sua visão embaçada e tudo que ela podia ver era a perna escura de sua avó por trás da porta, imóvel. “Onde está?” A jovem pensava inutilmente, em busca de uma resposta do paradeiro do remédio.

Quando chegou ao minúsculo quarto, sentiu-se aliviada ao ver a avó respirando. Ainda ofegante do susto, olhou para o colchão onde a velha estava: ao lado dela estava o remédio que a menina tão desesperadamente procurava. Janete havia se esquecido de sua decisão de deixar o xarope perto da avó, caso ela precisasse dele quando não estivesse em casa. A jovem caiu de joelhos no chão, tanta pressão e ansiedade deixavam-na tensa. Em seguida começou a rir. “Rir para não chorar”, era o que sua mãe dizia enquanto ainda estava viva.

Janete, na época, tinha 12 anos e brincava de bola com as outras crianças da favela. Na hora do almoço, voltou para casa coberta de arranhões e roxos por conta de uma queda e correu para os braços da mãe em busca de consolo. Num abraço apertado, a mãe disse sua famosa frase, e com um beijo na testa o choro cessou. Na mesma noite, Janete foi acordada pelo choro da avó e o som dos carros da PM à distância. A velha largou o telefone e saiu correndo da casa, morro abaixo, e a menina

a seguiu. Depararam com a horrenda visão de sua mãe com a roupa rasgada em uma poça de sangue, ainda segurando a sacola de pães que trouxera do trabalho.

A partir de então, a avó começou a trabalhar novamente como empregada para sustentar a neta. Infelizmente, um ano mais tarde, sua saúde piorou tanto que mal conseguia ficar de pé, forçando a jovem a largar a escola para cuidar dela. Foi então que Guará apareceu, prometendo dar todos os remédios que a velha precisasse em troca da ajuda da menina para vender algumas pedras brancas para seus clientes.

O telefone tocou, tirando Janete de suas recordações. Quando atendeu, não ouvia nada além de um chiado, até que uma voz rouca e grave do outro lado da linha apareceu: “Você está demorando.” E desligou abruptamente. A jovem havia se esquecido completamente do cliente. Ao olhar para o relógio, viu que haviam passado 30 minutos. Ela correu em direção à porta, aflita, e vestiu o casaco que estava no cabideiro com pressa, cobrindo seu rosto com o capuz.

Capuz Vermelho decidiu ir pelo caminho mais curto, porém mais perigoso para os negócios de Guará. Encontrou o homem que iria vender a droga em um beco. “Rápido e fácil”, era o jeito que Guará gostava que trabalho fosse feito. No momento em que a menina recebeu o dinheiro, saiu correndo para dá-lo ao chefe. Entretanto, percebeu que o homem de antes começou a segui-la. Para despistá-lo, decidiu subir num muro que estava perto de uma casa e achar Guará pelo telhado. Ela não conseguia mais ver o cliente atrás dela, e essa foi sua deixa para entrar no esconderijo do chefe ao lado da casa onde estava.

Ao entrar, Guará agarrou a pequena mão negra da menina e com a outra deu um soco em seu rosto. A menina estava no chão, atordoada,

a porta foi arrombada, e do outro lado dela vieram policiais que se jogaram em cima de Guará. Por último veio o cliente que ajudou Janete a se levantar. “Obrigado por ajudar a achar esse patife”, foi o que o PM disfarçado disse a ela, enquanto levava Guará para o carro da polícia. Nesse momento, para a jovem, foi como se o mundo houvesse acabado, e diante de tanta desesperança ela não conseguia fazer nada além de chorar.

Os olhos dos outros

Gabriela Luiza Freitas Bernal



Carolina Arantes Araújo Costa

Regina morava perto do bairro do Ipê, em uma casinha muito gostosa. Dentro da casinha, havia o quarto dela. Nesse quarto, Regina, quase todos os dias, se debatia contra as paredes. Essas paredes eram cobertas de olhos, que, para a menina, davam a impressão de que todos sempre a estavam observando.

A menina, que era muito bonita e interessante, todo dia chegava ao seu quarto e se enfiava dentro do cobertor. Tinha muito medo de que os olhos vissem como o seu corpo era feio, e como ela e sua vida eram absurdamente chatas.

Descia um morro para ir à escola, que era realmente agradável. No caminho, havia belas casas, belas flores e um cheiro muito bom de pão que vinha da padaria, no final do morro. O conflito maior de todos os dias sempre era a hora de sua chegada à escola: ela odiava que todos a observassem nos corredores a caminho da sua sala. Tinha medo da rejeição.

Marcos e Aurora eram os melhores amigos dela. Estudavam com ela e moravam ao lado de sua casa. Marcos e Aurora eram irmãos gêmeos. A casa dos irmãos era maravilhosa, Regina preferia passar mais tempo na casa deles do que em sua própria casa. Lá tinha piscina, campo de futebol e o melhor: no quarto dos irmãos, em suas paredes, não havia vários olhos a observando.

Um dia, os gêmeos foram conhecer a casa de Regina. Em cinco anos de amizade, eles nunca tinham ido visitá-la. Ela perguntou como eles se sentiam com todos aqueles olhos os observando. Aí que foi o maior susto: eles não estavam enxergando nenhum olho, nada; para eles aquela parede era como qualquer outra.

A menina ficou muito assustada, não entendia o motivo pelo qual só ela enxergava aqueles olhos. Ficou pensando naquele fato durante dias e dias.

Depois de muito pensar, chegou a uma conclusão: quando estava com seus amigos, não pensava sobre a solidão e sobre sua insegurança. Sentia-se segura e confortável. Em sua casa, seus pais não lhe davam amor. Por isso, quando estava lá, imaginava vários olhos a observando. Os olhos traziam a imagem de uma ferida aberta, da insegurança mais forte que poderia haver.

Uma mão lava a outra

Enzo Codazzi Corrêa de Mendonça

Era uma tarde fria e cinzenta na zona Sul da cidade de São Paulo, bem onde se localizava o barraco em que Augusto morava com a sua humilde família. O garoto seguia sua monótona e simples vida e todos os dias era a mesma coisa: acordava cedo, caminhava 4 km para chegar à escola e voltava para sua residência no final da tarde, quase sempre andando (raramente tinha dinheiro para a condução). Augusto praticamente só fazia isso da vida, além de estudar feito um condenado, hábito que explica o *bullying* que sofria de seus colegas, tendo como apelido “nerdão”.

Além de ser um baita CDF, Augusto tinha 1,60 m de altura, cabelo tigela, era gordinho e pobre, só estudava nessa escola de classe média alta porque sua mãe era faxineira da escola. Tudo isso resultava em milhares de ofensas que sofria. No começo, nem dava bola para os xingamentos, mas um dia se revoltou profundamente e teve coragem de se expressar, por conta de uma ofensa que mexeu com sua autoestima.

João Ariel, o garoto mais popular da escola, era o maior medo de Augusto. Todos os dias o playboy tirava onda com o pobre coitado, e todos ao redor riam da situação. O garoto se rebelou com uma fala de João, que chamou seu pai de “fracassado”. O pai de Augusto trabalhava como gari, mas sempre acreditou que o jogo iria virar. Dizia a seu filho que sempre batalhasse em sua vida, acontecesse o que acontecesse, nunca admitindo ser inferior a ninguém.

Sem pensar duas vezes, Augusto berrou furioso:

– Nunca diga nada a respeito do meu pai, seu playboyzinho de merda!

Todos se calaram, e olharam surpresos para o protagonista. E então João revidou:

– Você está ficando louco, seu pobre nojento? Como ousa?!

– É isso mesmo! Cale a boca!

Não deu outra: João acertou o rosto de Augusto com um direto bem no nariz. O garoto até tentou reagir, mas era infinitamente mais fraco que seu oponente.

Era época de vestibular e Augusto ainda ficou por algum tempo abalado com o ocorrido, mas nunca deixou os estudos de lado, ainda mais em uma etapa tão importante. Passados alguns meses, os resultados saíram: o garoto se classificou entre os 10 primeiros na lista de uma faculdade federal, enquanto seu inimigo obteve uma péssima nota, já que nunca se dera bem na escola.

Alguns anos depois, Augusto estava quase se formando e João Ariel sequer tinha ingressado em uma faculdade, não conseguindo passar no vestibular de jeito nenhum... Até que, certo dia, Ariel estava desesperado com seu futuro e foi buscar ajuda com alguns colegas, que nunca lhe davam atenção. Augusto soube do ocorrido, e como era muito humilde e de bom coração, aceitou as desculpas de João e resolveu ajudá-lo, mostrando que sempre é possível dar a volta por cima, não importa a ocasião, tendo personalidade suficiente para reconhecer a fraqueza dos outros e tentando ajudar.

Um sonho do céu

Luiz Felipe Tavares



Sabrina Camargo Silvestre

Vindo da Escola São Clemente, zona Norte do Rio de Janeiro, um jovem adolescente voltava para seu barraco no Morro do Alemão. Usava camisa do Vasco da Gama e andava com uma bola e um pandeiro na mochila de seu herói favorito: homem de ferro. O moleque, no seu andar, cumprimentava todos da região, enquanto subia o morro. Com sotaque típico de carioca, o neguinho de cabelo raspado tinha um colar com sua inicial, G.

Apesar de jogar bola e sair toda noite para sambar, o menino, filho de um pai que, apesar de esquelético e prestes a bater as botas, era sua maior inspiração, e de uma mãe que vivia sempre com os olhos vermelhos e um isqueiro na mão, estudava igual um condenado. Gerson ainda tinha duas irmãs mais novas.

O menino sempre ouvia as histórias do pai, que contava sobre suas idas a São Januário, assistir aos jogos do Vascão, sobre suas idas à praia carioca e sobre como gostava de passar tempo com seu filho. O pai tinha o sonho de algum dia ver seu filho trabalhar e conseguir uma vida digna.

Em outro dia típico do Rio de Janeiro, de quase 40 graus, Gerson jogava bola enquanto seu pai doente estava em casa (de onde não saía). Sua mãe, que, pelo contrário, não parava em casa, pela primeira vez não voltou para dormir.

Três noites se passaram e a situação não melhorou, mas só piorou. Até que Gerson, voltando de sua aula, num beco fechado, avistou sua mãe com um negócio que parecia ser um cigarro aceso. Definitivamente não era um cigarro, mas como Gerson era um bom otimista, tentou acreditar no que parecia ser menos doloroso naquele momento.

Dias foram e vieram e, sexta à noite, os três irmãos cuidavam do pai enquanto esperavam pela chegada da mãe. Passava da uma da manhã e finalmente ela chegou. Para a surpresa de todos, o que chamava mais atenção não eram os olhos vermelhos, e sim uma série de cortes que pareciam ser de faca em seu corpo. Ela não quis falar sobre o incidente e foi direto para seu quarto.

No dia seguinte, Gerson recebeu a notícia, ainda na escola, de que seu pai tinha ido para o hospital. Logo após o fim da aula, o menino

foi direto para lá. Após algumas horas de espera, recebeu a pior das notícias. Caminhou cabisbaixo para casa, inconformado que seu maior ídolo havia lhe deixado.

Após alguns dias da tragédia, uma grande decisão tinha que ser tomada. O menino preferiu largar a escola e buscar um emprego para no mínimo alimentar suas irmãs. Se candidatou para a vaga e esperou.

O resultado saiu, Gerson acabou conseguindo a vaga e foi trabalhar como estagiário em uma grande empresa do Rio. Após alguns anos, conseguiu o mais improvável. Sustentou as duas irmãs mais novas, ajudou a sua mãe e finalmente saiu do morro. Estava orgulhoso do que havia feito e muito feliz, porque havia realizado o sonho de seu pai.

O inesperado dos animais

João Marcelo Santiago de Castro e Paula



Maria Clara Bueno Hernandez

Mal havia chegado à casa e Caio já estava tomando uma bronca de Dona Fátima, sua querida mãe. O garoto estava há dez minutos de pé, sobre o capacho da porta de seu chique apartamento, todo decorado com a mobília mais moderna dos anos 80, com seu material escolar ainda nas costas. A maior paixão do garoto que completara 11 anos havia uma semana era o mundo animal. Essa paixão explica o fato de estar carregando um rato nas mãos, e isso explica também o motivo da bronca naquele momento.

Dona Fátima, mulher sofisticada, prezava a integridade de seu apartamento, sua mobília e roupas chiques: esculturas de mármore, móveis revestidos com os tecidos mais caros, assim como suas roupas.

Jamais permitiria a entrada de qualquer animal, não importando se o animal era dos mais mansos, do menor dos roedores aos maiores cachorros.

— Saia daqui já com este bicho! — gritava, após carregar seus pulmões com ar.

Não havia jeito, Caio teria que devolver o animal à rua. Com muito lamento e com uma cara de tristeza, soltou cuidadosamente o roedor, que saiu em disparada para um bueiro. Em um estado de derrota, reforçado com o animal fugindo sem ao menos olhar para ele, o garoto retornou para seu apartamento e deparou com sua mãe em pé na porta, pois queria ter certeza de que o filho deixara o rato na rua. Reparando em sua melancolia, tentou consolar o rapaz:

— Esse rato pode trazer doenças, já falamos sobre isso.

O dia seguiu sem grandes surpresas, Caio tinha deveres de casa para fazer e Dona Fátima tinha que trabalhar. Após o término de suas atividades, Caio estava lendo revistas sobre animais, sobre como cuidá-los, tratá-los etc. A cada dia que passava, maior era a vontade de ter um bichinho de estimação, e qualquer bichinho iria satisfazer a vontade do menino.

No dia seguinte, algo parecido acontecia: Caio estava novamente ouvindo um sermão, daquela vez por pegar uma pomba em estado deplorável para criar. “Deplorável” é pouco para descrever a situação do animal: estava com uma espécie de doença e, ao mesmo tempo, tinha um machucado totalmente infectado.

– Ele está machucado, mamãe, temos que ajudar! – Esse era o principal argumento de Caio, que se repetiria várias vezes ao longo da conversa, mas logo esta se transformou, novamente, em um longo sermão de Dona Fátima. Logo menos, o animal estava na rua de novo.

No dia seguinte, mais um capítulo, Caio trazia um gato preto cego de um olho, com uma perna machucada e os pelos todos sujos por estar na rua há muito tempo. Já era o terceiro sermão da semana, mas o garoto jamais desistiria de seu maior sonho, e ele estava disposto a tudo. Obviamente, o bichano teve acesso negado ao apartamento, pois além de sujo e machucado, “gato preto dá azar”, segundo nossa querida Dona Fátima.

Esperando o filho e outro bicho, a mãe estava na sala, olhando em direção à porta do apartamento. Estava sentada em uma de suas luxuosas poltronas tomando um chá, lendo sua revista de moda. Logo teve uma surpresa: apenas o garoto chegou, sem carregar nenhum animal. Tamanha foi a surpresa que o resto de seu dia foi feliz, e para não reforçar o assunto, não fez mais nenhuma pergunta a Caio. À noite, a madame não estava conseguindo dormir devido a barulhos que ela pensava virem da rua. Porém, logo ouviu algo quebrando no quarto de seu filho. O primeiro pensamento que lhe veio à cabeça foi: “era bom demais para ser verdade”. Viu então um cachorro vira-lata totalmente hiperativo pulando de um lado para o outro. Só voltou a dormir depois de mais uma conversa com seu menino e de levar o cachorro para fora.

Depois de vários dias marcados por diferentes broncas, as férias chegaram. A dupla viajou para sua casa de campo em Itu. Esta, por sua vez, era mais enfeitada do que a casa da cidade. Dona Fátima pensava que iria ter seu merecido descanso, e que Caio iria esquecer seu sonho; mas justamente o contrário ocorreu. O padrão dos animais que o filho

trazia era totalmente diferente, agora havia lagartos, sapos, aranhas, lagartixas e outros. O mais impressionante, talvez, foi o esquilo que o garoto conseguiu capturar.

Na semana seguinte, o mais inesperado: uma cobra entrou na casa. Dona Fátima gritava desesperada para o caseiro tentar ajudar, enquanto Caio mandava ela parar de gritar, pois a cobra “queria apenas um lar para morar”. O nível de desespero de Fátima aumentou quando o garoto fez gracinhas para o réptil e este respondeu mostrando suas presas embebidas em veneno. O mais chocante e traumatizante para o garoto foi o momento em que o caseiro chegou com uma pá, para matar a cobra. Caio enterrou o animal em uma pequena cerimônia, com o caixão fechado.

Com o tempo, algo estranho começou a acontecer na casa, Caio não trazia mais animais, um tom melancólico se instaurou. A mãe notou, na tristeza do filho, que estava arruinando seu sonho. No jantar, iniciou uma conversa sobre isso e dessa vez ficou disposta a ouvir seu filho defender o seu desejo.

No meio da conversa, Caio começou a chorar e então Dona Fátima se sensibilizou de maneira intensa. Passou os dias seguintes pensando na felicidade de seu querido filho, não podia deixá-lo nesse estado. Os dias foram passando, e a mulher não parava de pensar no assunto.

Em um sábado, Dona Fátima acordou Caio com a seguinte frase:

– Coloque uma roupa, estamos indo ao *pet shop* comprar um cachorro.

Um sorriso brotou na cara do menino, ia de uma orelha à outra. Abraçou sua mãe com todas as forças que tinha. Logo os dois estavam no carro a caminho da loja, e Caio tremia de tanta animação.

Chegaram à loja e viram os cachorros brincando. Foram apresentados a todos, das mais variadas espécies: boxer, labrador, jack russel, poodle, pug etc. Acabaram escolhendo um bull terrier, cachorro que vinha diretamente da França. Compraram tudo que necessitavam para criar um cachorro, além de vaciná-lo. Luigi, esse era o nome dado por Caio.

Ao chegarem em casa, o cão farejou tudo e simplesmente sentou no chão. Brincava com Caio e não roía os móveis. Tudo estava perfeito, Caio sentia-se completo e Fátima, satisfeita por ver seu filho feliz. Até que chegou um dia em que o cachorro não parava de latir à noite, e não queria brincar, ficava apenas olhando para Caio e latindo. Tudo seguiu até a mãe escutar um grito de seu filho. O encontrou com uma mordida na cara, feita por Luigi, que sangrava muito. Esquivando-se do cão, pegou seu filho e saiu pela escada de incêndio.

Tiveram que chamar a polícia para retirar a fera do apartamento, e ele ainda mordeu dois policiais. Depois de muito esforço, sedaram o cachorro e o levaram. Caio teve que operar o rosto, e depois da cirurgia falou o seguinte para sua mãe:

– Não quero mais ter um animal de estimação...

Agora, Caio evita passar perto de qualquer animal na rua.

Morte

Apenas um dia ruim

Téo Puliti Serson

– Tenha uma boa tarde, senhor Alberto.

Não respondi. Raramente respondo, não vejo sentido ou propósito em responder. Na realidade, nada tem propósito ou sentido nessa vida. O que importa a ausência de sentido das coisas, aliás? Nada. Nada importa. Mas agora estou novamente a sós com meu adorado sebo. Sinto vontade de fumar, acendo um cigarro. Acender um cigarro até importa, mas importa pouco. Vou continuar minhas eternas releituras da minha querida coleção especial: Camus, Dostoiévski, Hemingway, Proust, eles, sim, importam e importam muito. Importam tudo, para ser honesto. Por sorte, toda espécie de babaca que entra por aquela porta só está interessado em livros do tipo “Guinness book”, “Cinquenta tons de cinza” ou qualquer porra que o valha. Ainda bem que a estupidez alheia preserva a minha amada coleção.

Sinto sono, acho que estou ficando efetivamente velho. Vou passar um café. Depois, vou ler um pouco de Eliot. Sim, cigarros Marlboro e T. S. Eliot tornarão minha tarde minimamente suportável. Estou com dor de cabeça, mais tarde talvez eu passe um café. Abro o livro e entro em profundo deleite nas ondas líricas da rica poesia Eliotiana. “Tin tom”. Merda, um cliente, vou atender.

– Boa tarde.

Um sujeitinho metido a besta: óculos de pseudo-intelectual, camisa de flanela desajeitada, cheiro de maconha, por volta dos 17 anos. Conheço bem esse tipinho – uma torpe mistura de arrogância e sexualidade imatura, já leu um ou dois livros do Camus ou Kafka e se

acha o existencialista culto beatnik pica das galáxias. “O que você quer?”, murmurei ríspido e seco e acendi mais um cigarro. Ele disse que estava procurando uma tradução decente de T. S. Eliot. Avistou meu exemplar em cima do balcão e perguntou se estava à venda. É evidente que não estaria, mas no caso eu tinha a merda de duas pensões para ex-mulheres para pagar e circunstancialmente ele levou embora meu querido livro pela mísera quantia de 37 reais. O sujeitinho foi embora e eu fiquei sentado com o sangue fervendo e a cabeça explodindo de dor. Agora, até meu cigarro ficou amargo. Vou ler Thomas de Quincey, *Suspiro di profundis*. Um excelente livro, a propósito. Minha cabeça estava doendo e tinha o sono acumulado de várias noites em claro com garrafas de uísque e xícaras de café frio. A luz pálida daquele dia de outono me cansava a vista e, ainda por cima, não consegui tirar aquele sujeitinho de merda da minha cabeça. Mais um cigarro, o dia se arrastava longo e fétido, além de insuportavelmente cinza. “Tin tom”. Caralho.

— Boa tarde, senhor.

Murmurei um som desgostoso. O mesmo tipinho, tão asqueroso, me lembra tanto de... mim mesmo quando imerso nesse pseudoconto de fadas chamado... juventude. Bah, minha cabeça dói. O idiota pergunta se eu tenho “por ventura” *O estrangeiro*, de Camus. Entrego àquelas mãos sujas de um pseudovagabundinho filhinho de papai um dos meus mais queridos exemplares. Míseros 25 reais. Ainda por cima, me pediu um copo de água... Lembro-me nitidamente da pálida luz fluorescente da cozinha ofuscando meus olhos, o sangue fervendo nos meus miolos e a sensação intensa de que tudo a partir daquele momento era um grande delírio de mau gosto.

O mini-arrogantezinho se despediu. Minha cabeça doía como um matadouro e sentia uma estranha náusea nas minhas tripas. O próximo

cigarro me aliviou um pouco a dor de cabeça e o seguinte a multiplicou por três. Tomei uma aspirina e coloquei um Miles Davis na vitrola. “Tin tom”... Se for mais um desses merdas eu juro que eu mato.

Ele entrou e minha respiração ficou ofegante. Não sei direito o que me acontecia, mas sentia-me ansioso e cansado. Esse era um pouco diferente, universitário, barbudo, se fazia de melancólico, cortava os pulsos ouvindo Velvet Underground e chupava a piroca do Nietzsche nas horas vagas. A luz pálida estava me incomodando. Respirei fundo: “O que deseja?”. Ele queria *Os irmãos Karamazov*. Isso era demais, Dostoiévski eu não iria aceitar, aquilo passara dos limites. Tentei respirar, me acalmar. Pensei comigo mesmo: “Por que se importa tanto, Roberto? O que está lhe acontecendo?”. Fui acender mais um cigarro para me acalmar; quando dei a primeira baforada daquela fumaça pútrida e lânguida que foi direto ao encontro do meu olho, a raiva me ferveu novamente as vísceras. Num simples impulso, minha mão roçou minha pistola que estava escondida na gaveta atrás do balcão. Lembro-me apenas de um único e insalubre instante suspenso. A claridade ofuscou agudamente meus olhos cinzentos, tateei o gatilho e então bum. Gratuitamente, aleatoriamente, absurdamente, instintivamente eu acertei uma bala no meio da testa do pobre coitado. Por nada, nenhuma razão razoável em especial, eu matei um homem. Um sentimento estranho se apoderou de mim, eu não chamaria de culpa, mas, na verdade, o que importa? Terminei meu cigarro pacificamente. Fui passar um café enquanto não vinham me prender. O café e os cigarros estavam especialmente amargos. Foi apenas um dia ruim.

Olhai o céu estrelado

Rafaella Avakian Mansur



Natália Bettini Paes Leme

Edifício em ruínas, noite escura, quarto escuro. Todos os males do mundo concentravam-se naquele único aposento, naquele único indivíduo. Chamava-se Joseph, um frio e calculista assassino. A meia-idade já marcava seu rosto pálido, iluminado por uma única vela.

Joseph, naquela noite, vasculhava as gavetas de sua escrivaninha corroída e empoeirada. Nelas, guardava cartazes de “procurado” e notícias a seu respeito. De súbito, a vela apagou-se e o fio de fumaça espalhou-se pelo recinto. Nesse momento, uma corrente de empatia e culpa dominou a mente e o corpo do assassino. Joseph começou a relembrar as feições das vítimas assassinadas, os pedidos de socorro, os urros desesperados, as lágrimas derramadas.

Durante tal estado de embriaguez emocional, a única gaveta emperrada da escrivaninha foi se abrindo lentamente. De dentro do compartimento, uma criatura de médio porte saiu. Sua estrutura esquelética era iluminada como uma lâmparina. De suas escápulas, um par de asas corroídas despontava.

No instante em que os olhos de Joseph entraram em contato com o olhar da estranha criatura, um fascínio mútuo delineou-se. Como ímãs, ambos os corpos começaram a se atrair num movimento compassado. Ao dar-se conta da força maior que o guiava, Joseph parou. Uma sensação de medo percorreu sua espinha e com a voz trêmula, ele perguntou para o ser:

— Quem é você?

A figura bateu as asas como forma de se reaproximar do homem e respondeu num tom sobrenatural:

— Não se assuste, caro Joseph, não vou lhe fazer mal. Pode parecer estranho, mas sou apenas um fruto e um guardião da sua própria mente.

— E como posso ajudá-lo? — respondeu ironicamente o assassino, retomando sua insensibilidade.

— Não sou eu quem precisa de auxílio por aqui, é o senhor. Você não tem sido, ao longo da sua vida, uma pessoa bem-intencionada. Então, antes de entender por que causou tantas mortes e destruição, você precisa descobrir quem você realmente é.

No instante em que essas últimas palavras escorreram dos lábios do anjo sombrio, Joseph desmaiou. Quando abriu os olhos novamente, estava no centro de uma sala escura, desprovida de móveis. Ao longo do abdômen do assassino, quatro gavetas sobressaíam.

De repente, o anjo sombrio reapareceu e pronunciou lentamente:

– Dentro das gavetas que brotam de seu corpo estão os elementos que compõem sua identidade. Com uma melhor compreensão desses componentes, você poderá desconstruir as características maléficas que colocou em evidência até agora, e estruturar um ser humano melhor para si mesmo.

A criatura desapareceu.

Joseph começou a vasculhar as gavetas. Ao abrir a primeira, reviveu sua infância traumática. Aos cinco anos, fora abandonado pelos pais alcoólatras. A partir daí, passou a ser criado pelo tio, um agressor físico e psicológico. Na segunda gaveta, deparou com uma adolescência arruinada: desprezo, depressão, insociabilidade. A fase adulta, presente no terceiro compartimento, não fora muito diferente. Como consequência de toda a sua história, parou de valorizar a vida humana, tornando-se o maior assassino daquela cidade.

Lágrimas rolavam em suas faces. Naquele momento, Joseph percebia a origem de tanto ódio pela vida. Com os frágeis dedos abriu, então, a última gaveta. A luminosidade que saiu do compartimento ofuscou seus olhos escuros. Nela havia uma única estrela do céu noturno.

Nesse momento, Joseph rompeu com sua desumanidade. Finalmente percebeu que, enquanto algo tão inatingível como

as estrelas brilharem, haveria esperança na vida e na sociedade. Repentinamente, viu-se novamente no edifício em ruínas, no quarto escuro. Dirigiu-se à janela e observou, com lágrimas nos olhos e calor no coração, o céu estrelado.

Confiança

Fábio Pisaneschi Dias

João era um homem comum. Tinha um emprego normal em um mercado e morava em um prédio de cinco andares no centro. Quando era criança, sonhava em ser jogador de futebol, “assim como todo menino”, pensava ele, um sonho que obviamente não se concretizou, pois além de ser péssimo em esportes, também estava acima do peso.

“Acima do peso”, que piada: João era gordo, uma baleia, rolha de poço, e muitos outros nomes dos quais o chamaram na infância. Essa fama o perseguiu até a fase adulta: mesmo que os moradores do prédio não comentassem, ele sabia o que pensavam dele e que sempre seria uma piada.

Não gostava dos outros moradores, não queria interagir com eles mais do que o necessário. Quando voltava do trabalho, se dirigia imediatamente para o elevador e ia para o seu apartamento, todos os dias, sem exceção. Gostava dessa rotina, estava acostumado com ela, e não queria mudá-la nunca, mas parece que até o destino gostava de se divertir às suas custas.

Um dia, o elevador quebrou. Ele não podia acreditar. Sempre que os moradores se aproximavam, João podia contar com o elevador para que o levasse à segurança do lar, mas agora essa não era mais uma opção, agora ele teria que subir as escadas.

Enquanto se preparava, os moradores do primeiro andar chegaram, e João os acompanhou com facilidade. Sentiu uma incrível sensação de conquista, ele não era pior que eles, era plenamente capaz

de subir a pé até o seu apartamento, porém esse pensamento se esvaiu quando começou a segunda leva: suas pernas doíam e ele teve que parar para descansar.

João imaginava se as pessoas que subiram junto com ele também estariam se sentindo assim se tivessem que subir mais um andar. Estariam descansando também ou teriam continuado sem ele? “Provavelmente teriam me deixado”, pensou, teriam continuado e ainda comentariam sobre seu peso, assim como todos sempre fizeram.

Enquanto descansava, os moradores do quinto andar passaram por ele. João os observou perplexo: como alguém conseguia subir tanto? E ainda por cima correndo; ele nunca conseguiria fazer aquilo e voltou a se sentir como sempre sentiu, um lixo.

João estava prestes a desistir, esperaria o conserto do elevador. Não devia demorar... Mas resolveu tentar mais uma vez, queria aquela sensação de conquista de volta. Ao se levantar, sentiu suas pernas reclamarem, mas continuou. Cada passo era uma tortura, mas não podia parar, se parasse nunca teria a coragem de fazer isso de novo. Tentou se concentrar em um passo de cada vez, até que finalmente conseguiu, chegou ao segundo andar.

Estava exausto, mas com um sorriso no rosto. Já havia percorrido metade da distância. “Agora só falta mais um”, pensou, e quando o fez sentiu alívio mas também tristeza (estava gostando da aventura, apesar de não ser da sua rotina). Os moradores do segundo andar haviam chegado, não pareciam tão cansados quanto ele, mas João não se importou, afinal, estava tentando seguir em frente, e o mais importante, estava conseguindo.

A última etapa da jornada foi sem dúvida a mais fácil, não porque João já estivesse se acostumando, mas porque sabia que era capaz, sabia que podia conseguir e isso o moveu para a frente. Conseguiu chegar a seu apartamento e quase que simultaneamente, ouviu o elevador funcionar. Ter chegado antes de tal acontecimento o deixou extremamente feliz, mas agora não tinha tempo, precisava trocar de roupa, pois decidiu que iria comprar um par de tênis de corrida.

O canto do sabiá

João Bicudo Cremonini



Beatriz Arruda Fontenelle

Lá estava o homem, levantando de seu sofá velho, quando bateram na porta de seu bagunçado apartamento às 12 horas do dia 15 de maio. Levantou-se lentamente, cheio de dor de cabeça devido às doses de uísque que tomara na noite anterior com o intuito de aliviar minimamente as outras dores (de mais um estressante dia de trabalho). Passou pelo corredor, com a parede cheia de cópias baratas de Thomas Hill e Willian Turner, até alcançar a porta sem ânimo algum de saber quem deveria estar do outro lado. Abriu a porta e não havia ninguém.

– Malditas crianças de hoje em dia... Como pode haver tanta graça em apreciar a desgraça dos outros...?

Sua face de 47 anos apresentava expressões que sintetizavam ao mesmo tempo mau humor, tristeza, desesperança e um pequeno toque de desejo de acolhimento. Voltou para dentro de sua sala de estar, onde havia diversos móveis e peças de boa qualidade, porém mal cuidadas. Seu apartamento era como um belo quadro que foi bagunçado por uma tempestade causada por uma mistura de tédio e melancolia. Nada poderia tirar o homem de seu estado depressivo, se não o amor de seu filho, ou algo que o levasse a uma realidade distante da qual ele vivia, como o canto da mãe natureza, já devastada quase que por completo em sua desprezível cidade.

Logo após voltar à sala de estar, novamente ouviu o ressoar da campainha. Desta vez, já irritado, andou rapidamente até a porta, com o desejo de dar uma bronca nos meninos que haveriam de ter tocado em sua casa minutos antes. Abriu velozmente e gritou:

– Deixem-me em paz, crianças safad... – parou sua fala ao deparar com o carteiro, que se encontrava à sua frente e não tinha culpa nenhuma do mau humor do sujeito.

Pediu desculpas ao trabalhador, que compreendeu seu estresse sem queixas. A encomenda recebida era uma carta, vinda de sua ex-mulher, Milena:

“Heitor:

Mando-lhe esta carta para lhe comunicar que conversei com o juiz e o valor da pensão, a partir deste mês, aumentou para 1600 reais. Não se esqueça de que, independentemente de

seus problemas pessoais, espero recebê-la em minha conta mensalmente até o dia 15. Caso contrário, teremos de restringir novamente os seus dias com Joaquim.

Milena”

Embora a carta fosse deprimente, não alterou o estado do homem, visto que esse comportamento da mãe de seu filho já era esperado por ele, que não pensava em nada além da necessidade de esvaziar sua cabeça com um passeio pela rua. A caminhada era um dos seus hobbies prediletos, pois podia manter o seu corpo em movimento e ver as pessoas, participando belamente da peça teatral da vida, na qual todos estão fadados a viver dentro de seu ridículo papel cotidiano.

Andou pela calçada incansavelmente até chegar a um bairro de elite, onde lojas de perfume e de joias se encontravam no meio do mar de apartamentos chiques. O sol ainda raiava e a vista de algumas flores nos jardins residenciais traziam cor e um alívio momentâneo em meio ao cinza urbano. Tudo parecia ser extremamente monótono, até o momento em que o homem avistou um prédio verde limão, cuja aparência era menos burguesa. Era um conjunto habitacional que se mantivera, com dificuldades, em meio à pressão da especulação imobiliária que levava embora todas as antigas habitações que ali estavam. Sua arquitetura simples e mais antiga fascinou Heitor, que parou para admirá-la durante alguns minutos.

Em meio à sua fascinação, algo passou a lhe chamar atenção. Era o canto de um pássaro, que vinha de dentro de um apartamento no segundo andar do prédio. Por alguns instantes, o homem passou a não pensar em nada, apenas se contentava com a beleza daquele cantar. O canto era suave e simples, como o cantarolar de uma virgem à espera de seu amor. Para alguns, aquele som não passava de um simples

piar que não dizia nada, mas, para Heitor, aquele momento lhe trouxe uma felicidade divina, uma proximidade do nirvana, um tom de paz e esperança.

Quando já era noite, o pássaro não mais piava e o estômago do homem gritava pedindo algo para digerir. Ele foi até um bar de esquina perto de sua casa e comeu salgados baratos, acompanhados de algumas garrafas de cerveja. Voltou para casa e trabalhou em seu computador durante um par de horas, até que adormeceu.

O alarme tocou. A noite de sono havia sido dominada pelo som do cantar que havia escutado no dia anterior, que trouxe um pingo de alegria à vida do velho. Como resposta à sua nova descoberta, decidiu dedicar-se a ir até o mesmo local todos os dias, à procura de um momento de paz. Cada dia em que ouvia o canto do pássaro, uma nova ópera parecia ser tocada, cada uma com o seu toque de sensibilidade, o que passou a ser alimento para o ânimo de Heitor. O banco de madeira localizado à frente do prédio tornou-se o seu pequeno paraíso, onde o desconhecido pássaro lhe anestesiava as dores e o cansaço da vida.

Após um tempo, somente a presença sonora do pássaro passou a se tornar insuficiente para a satisfação do homem. Assim como Adão desejou provar do fruto desconhecido, o velho passou a sentir a necessidade de ver o pássaro com seus próprios olhos. Heitor sonhou durante várias noites com o momento em que o veria, imaginando que alcançaria a alegria profunda e poderia se comunicar com o animal somente pelo olhar. Nada poderia ser mais mágico do que um momento como esse.

Para que seu desejo pudesse se realizar, pediu ao porteiro do prédio que entregasse uma carta aos donos do apartamento. A carta

simulava um desejo do homem de visitar o apartamento para avaliar o seu interior, uma vez que estava disponível para aluguel. A resposta foi positiva. Marcaram um encontro em um sábado à tarde, com direito a almoço. Heitor juntou suas melhores roupas, que não usava há anos, e penteou seu cabelo para ser bem recebido.

Finalmente chegou o tão esperado dia em que ele poderia encontrar o pássaro que vagava em seus sonhos mais belos e trazia forças para o seu viver. Tocou o interfone do prédio e um velho respondeu, mandando-o entrar. O canto do pássaro, já escutado do térreo, parecia diferente nesse dia, como se algo extraordinário estivesse para acontecer. Heitor subiu de elevador como um guerreiro saindo de uma batalha, em busca da tão esperada paz. Encontrou a porta do apartamento entreaberta, até escutar junto do cantar do pássaro a voz do velho:

— Pode entrar, meu senhor. Estávamos à sua espera.

Andou lentamente em direção ao apartamento, já se arrepiando para ver o pássaro. Aproximou-se lentamente do som. O inesperado veio. O que se viu dentro do cômodo foi como a explosão de uma bomba nuclear. Perto da janela, do lado de uma gaiola vazia, havia um aparelho reproduzindo o som de um CD barato de pássaros nativos da região. Somente nesse momento Heitor percebeu o porquê da diferença do canto que estava acostumado a ouvir. Ali perto, estava uma velha de avental a depenar um animal já morto, para o tão esperado almoço.

A estátua dos sonhos

Luca Conti



Luiz Martinez Taddei

Claudinho estava indo fazer seu mochilão pela Europa, mas era um daqueles mochilões de gente bem rica, nos quais o papai reserva os melhores hotéis cinco estrelas para o filho. Lá estava ele, na primeira classe do avião, bebendo seu champanhe, com destino a Paris.

Na recepção do hotel, foi confundido com um alemão por conta de sua aparência: loiro, magro, com olhos azuis, muito branco, ou seja, nada que combina com os estereótipos de um brasileiro.

Após uma difícil conversa com a recepcionista, ele conseguiu entender qual era seu quarto, largou suas coisas nele e foi ao seu

primeiro passeio, o Museu do Louvre. Claudinho, como um bom apreciador de arte, ficou o dia inteiro no museu e deixou as obras mais cogitadas, como a Monalisa e a Vênus de Milo, para ver no final.

Ao observar a Vênus, seus olhos brilharam. Aquela estátua sem braços foi capaz de fazer algo com ele que nenhum outro ser humano conseguiu fazer. Claudinho se apaixonou.

Ele ficou observando a obra até a hora do museu fechar. E ainda teve de ser arrastado para fora por Pierre, o segurança do Louvre. Claudinho subiu em um ônibus para voltar ao hotel e, quando olhou para os passageiros, tudo o que via era a Vênus de Milo. Ela não saía de sua cabeça. Chegando ao hotel, foi pedir sua chave à recepcionista e ao vê-la, a figura da estátua apareceu mais uma vez. Ele se assustou, pegou a chave rapidamente e se trancou em seu quarto.

Até em seus sonhos ela veio lhe perturbar. Claudinho estava em um lago com a Vênus e tudo parecia perfeito até a hora que ele foi abraçá-la, quando percebeu que estava igual ela, sem braços. Acordou gritando, o susto foi grande e ele resolveu ir a um café tomar um ar.

Pediu um expresso e foi se sentar. A estátua começou a aparecer em todos os lugares, no reflexo da faca, na colher, na espuma do café. Claudinho surtou e saiu correndo. O dono do estabelecimento foi atrás para cobrar o café; quando Claudinho foi entregar o dinheiro, a Vênus apareceu na cédula, ele a jogou para cima e foi correndo para seu quarto.

Claudinho não aguentava mais aquilo, queria poder esquecer a estátua, mas não conseguia, queria poder ter a estátua, mas também era impossível. Ele não via mais sentido em viver daquele jeito e por isso foi até o parapeito. Subiu e... Claudinho era manchete do dia seguinte.

Amor de avó

Luiz Carvalho Martins



Rodrigo Magalhães Bonei

Luís, após tocar a campainha da casa de sua avó, ajeitou seu cabelo, cansado após uma longa quarta-feira. Preferia estar em casa, mas tinha que fazer a visita. Seu avô tinha morrido no mês anterior e o mínimo que o garoto podia fazer era visitar a pobre velhinha de uma maneira mais decente que a última, quando a levaram para o psiquiatra.

A velha abriu a porta e ele já encarnou a personalidade mais carismática que poderia ter. A coitada já tivera dias melhores e ele tinha que alegrá-la.

– Oi, Vó Lourdes! Como que a senhora está? Vim aqui te fazer uma visita!

O sorriso que Lourdes deu ao ouvir essas palavras fez com que Luís se sentisse um mestre da manipulação. Ele entrou na casa junto da velha engatado na maior conversa de elevador já vista pela raça humana. Logo após botar a sua mochila numa cadeira perto do sofá da sala, sentou-se e Lourdes foi logo preparar um bom jantar para ele.

Luís, no fundo, sentia saudades de sua avó; e comer seu clássico macarrão seria muito bom. Aparentemente, seu dia já estava melhorando. Mas, quando foi pegar o controle remoto da televisão, notou algo de errado: viu, no varal da avó, uma cueca samba-canção de bolinhas azuis.

Ele imediatamente ficou constrangido, a pobre velhinha deveria ter colocado aquela cueca no varal por engano, fazia pouco tempo que o avô morrera e devia ser difícil se desapegar após tantos anos de casamento.

– Ô vó! – Luís não conseguiu se segurar – E essa cueca no varal, é do vovô?

– Ai meu deus, que vergonha, esqueci! – Lourdes correu para o varal e tirou a roupa de lá, a cena foi mais engraçada do que seria normalmente.

Após uma meia hora de televisão, chegou a comida: o lendário macarrão. Luís se sentou e começou a conversar com a velhinha, que não parecia estar nem um pouco entristecida, algo que surpreendeu o garoto. Talvez a sua visita fosse completamente desnecessária, a TV a cabo estava falhando e até o macarrão estava com gosto esquisito.

Lourdes fez questão de que Luís deixasse o celular longe enquanto comia. Por algum motivo a velha tinha uma raiva do aparelho. Como a casa era dela, ele obedeceu.

O garoto tentava conversar com sua avó sobre como fora lidar com a morte do marido e como ela iria seguir sua vida agora, mas a velha fugia do assunto, ficava muito incomodada até chegar ao ponto em que ela saiu para ir ao banheiro.

Enquanto ela estava fora, Luís pôde se concentrar no macarrão que estava comendo e notou que estava sentindo uma azia, tinha de ir ao banheiro. Subiu correndo para o quarto da avó passando mal da barriga, trancou a porta e vomitou na privada.

No meio do vômito, havia uma camisinha. Luís estava perplexo: essa história toda estava incoerente, afinal, uma senhora de 80 anos pode ficar grávida? Sua vó tinha um amante? O que estava acontecendo? Sentindo-se um verdadeiro espião, trancou a porta e começou a vasculhar o quarto. Estava correndo riscos, já que não há como explicar uma situação dessas para a avó.

Foi aí que ele encontrou na gaveta de roupas um remédio esquisito: benzodiazepam (na bula dizia que altas quantidades poderiam levar ao coma ou até a morte), e a caixa estava vazia.

Não podia ser, buscou seu celular no bolso para pesquisar, mas lembrou que tinha deixado o aparelho na sua mala quando foi comer. De repente, ouviu alguém do outro lado da porta:

— Luís, você tá aí dentro? — Era sua avó.

O protagonista resolveu interrogar a velha que estava do outro lado da porta, não sabia mais do que ela era capaz, segurança seria a melhor opção. Manteve a porta fechada.

— Vó! O que esse remédio tá fazendo junto com as suas roupas? Por que não tá lá com os outros no banheiro?

— Eu tenho ansiedade Luís, preciso disso!

— Mas vó, você não tem ansiedade, eu fui com você ao médico semana passada, ninguém disse nada desse remédio. — Silêncio do outro lado da porta. — É que eu achei uma camisinha na privada e quero saber o que tá acontecendo com você e o que aconteceu com o vovô.

— Meu Deus, Luís, faz um mês que você não larga desse assunto do vovô, se acalma, meu filho.

— Vó, fala logo qual é a desse remédio!

— Ah, Luís, esse remédio eu usei pra matar você! É que seu avô tava velhinho, né? Aí eu consegui sufocar com um travesseiro! Você é jovem e forte, eu jamais iria conseguir fazer uma coisa dessas, o risco seria muito alto!

O racha

Gabriel Markus Ortiz



Luiz Carvalho Martins

Jonas encontrava-se no pronto-socorro. O motivo fora um acidente de carro muito violento na noite anterior. Ele teve seu pulmão perfurado pelo para-brisa e seu estado era grave. O paciente tinha 22 anos, olhos castanhos, face quadrada e nariz de batata. Seu passatempo favorito era tirar racha com os amigos de madrugada.

No hospital, seu estado era grave. Teve toda assistência médica a seu dispor, já que era filho de um dos mais importantes médicos da

cidade. Seu pai, porém, não estava presente, pois estava de férias nas Bahamas, como fazia todo ano. Um dos melhores amigos de seu pai, também médico, foi socorrer Jonas para salvá-lo da morte.

Já na sala de operação, os médicos decidiram que era necessário um transplante pulmonar, uma das operações mais arriscadas da medicina. O paciente já estava dopado e inconsciente, pronto para ser operado; então foi iniciada a cirurgia.

Jonas começou a sonhar durante a operação. Sonhava que estava na sua casa, descansando. Assistia TV tranquila e serenamente, até que alguém bateu em sua porta. Ao abri-la, ele deparou com uma figura familiar, mas que nunca tinha presenciado antes. Ela tinha uma cara muito pálida, corpo muito magro, estava descalça e vestia um manto preto que cobria parcialmente seu rosto. Segurava em sua mão uma foice afiada e reluzente. Ele percebeu então que deparava com a Morte. Convidou-a para entrar e, com certo medo, ofereceu algo para comer. Ela recusou e disse que vinha para buscá-lo.

A situação era bastante agonizante para o rapaz, pois ele não queria de jeito algum morrer tão jovem. Sonhava em fazer muito mais em sua vida, coisas como ter um bom emprego, encontrar o amor de sua vida, ter filhos e pular de paraquedas (é essencial na vida de todo jovem corajoso). Tudo isso passava por sua cabeça ao se deparar com a Morte em sua porta.

Ele tentou debater com ela. Disse que era jovem demais para ser levado e essas coisas. A Morte apenas disse que a hora estava certa, olhando para o seu calendário no celular. Ela então propôs um jogo de xadrez, pondo em questão a vida do jovem. Como não sabia jogar xadrez,

Jonas perguntou se eles poderiam tirar um racha (uma das únicas coisas que ele sabia fazer muito bem). Sabendo que esse era o *hobby* do rapaz, a Morte aceitou o desafio.

Saíram da casa e chegaram a uma rua deserta, onde não havia carros ou pessoas. Quando estalou os dedos, a Morte fez com que surgissem um Mustang e um Shelby. Jonas escolheu o Shelby, pois sempre quisera ter um.

Ao entrar no carro, Jonas percebeu que o interior era todo feito à base de Morte, ou seja: o acelerador, o freio, o volante, era tudo feito de ossos. O rapaz estranhou, mas decidiu não falar nada. Ele sentia uma dor forte no peito, como se alguém o estivesse pressionando.

A largada seria decidida com o soar do corvo que estava no meio da pista. Ao ser dada a partida, Jonas encontrava-se à frente da Morte, então se encheu de esperança. Ele percebeu que o outro carro estava chegando rápido e faltava pouco para a linha de chegada. Faltando apenas 100 metros, ele ainda estava à frente, mas por muito pouco. Seu coração começou a palpitar fortemente, ele nunca tinha se sentido tão vivo. Porém, faltando 30 metros, a Morte o ultrapassou e cruzou a linha de chegada. Foi aí que Jonas sentiu uma forte dor no peito novamente, mas dessa vez caiu no volante e o carro começou a buzinar, algo parecido com o som que soava no quarto de operações: piiiiiiiiiii.

Fantasia

A melancolia da vida

Luísa Grassi Amarante



Isabela Ract Pousada

Eu sempre sou tida como sujeira, algo que incomoda as vias nasais das pessoas, um empecilho. É difícil, sabe? Viver assim, com todo o universo te rebaixando e sem ter controle algum de sua vida... Eu não me considero tão ruim assim, só que acho que eventualmente, em algum momento, você acaba finalmente acreditando no que dizem de você.

Talvez o meu destino seja esse, sabe? Ser um nada, em um nada, no meio do nada. Eu nem sei para que eu existo ou quem eu sou, só sei que eu estou sempre à deriva, no vento, e vira e mexe um ácaro nojento e desnecessário decide grudar em mim.

Ser como o vento deve ser ótimo, ter a coragem de ser completamente desinibido e ter a liberdade de ir e vir quando quiser, do jeito que se quiser, intenso, abalando tudo à sua volta, ou suave, trazendo frescor a todos. Ter essa capacidade deve ser um sentimento avassalador.

Mas não, eu não fui presenteada para ser algo tão bom, e nunca terei como me tornar algo bom. O universo decidiu que o meu papel seria... Bem, na verdade eu não tenho a menor ideia de qual é o meu papel, e duvido que alguém como eu tenha.

Um dia desses, eu estava vagando por aí, pensando em tudo e em nada, quando de repente fui sugada. Parecia que minhas partículas iriam ser arrancadas de mim! Era um tubo gigante e preto em que eu era forçada a seguir o caminho; o vento estava tão forte que eu mal conseguia respirar, era uma confusão. E mesmo assim, finalmente eu me sentia bem, esperançosa e como se algo fosse enfim mudar.

Mas parece que eu sou a fonte de diversão do universo, porque as coisas só pioraram a partir daí. Me encontrei em um lugar apertado e escuro, parecido com um tecido, que vira e mexe faz um barulho ensurdecedor. Toda vez que esse barulho começa, mais irmãs poeiras se juntam a mim. Eu nunca mais pude ver o sol, os gigantes que se incomodavam comigo em seus narizes, ou mesmo o vento.

Rua dos Bobos, nº 0

Renata Pinto de Souza Sawaia

Eu moro no lugar mais gostoso do mundo. É sempre escuro e quente e tem um líquido morninho à minha volta. Não tem muito espaço para eu me mexer e, por isso, eu me enrosco algumas vezes em um cordão que está preso à minha barriga.

Passo a maior parte do tempo dormindo no meu aconchego e, às vezes, eu chuto as paredes que não param de se mexer. De vez em quando, eu sinto um desconforto em meu estômago, mas logo depois essa sensação para (acho que tem alguma coisa a ver com o meu cordão). Assim, passo meu dia a dia sem preocupações, sem problemas e sem fazer esforço algum.

Um dia, eu acordei com um susto, o líquido estava indo embora. Eu tentei segurá-lo com minhas mãos, mas ele escorregava pelos meus dedos e antes que eu me desse conta, minha casa havia secado. Fiquei inquieto e completamente desconfortável com aquela situação. Chutei, soquei, empurrei e dei cabeçadas nas paredes.

Depois de algum tempo lutando, algo mais estranho aconteceu. Eu estava de cabeça para baixo quando uma força começou a me empurrar. Tentei de todas as formas me segurar, mas sem sucesso. Fui aos poucos sendo apertado pelas paredes que novamente me traíam e depois de grande esforço, finalmente cedi.

Estava fora de minha casa pela primeira vez e não gostava nem um pouco disso. Meus olhos doíam por causa da intensa luz que vinha daquele lugar e o frio percorria todo o meu corpo desprotegido.

Foi então que o pior aconteceu. Olhei para a minha barriga com a esperança de encontrar algo familiar àquela situação e deparei com meu cordão partido.

Não podia mais aguentar, aquilo era demais para mim. Abri a boca e comecei a gritar e me debater instintivamente. Confesso que eu nem sabia que podia fazer aquilo, mas funcionou. Fui enrolado em um pano e quando me dei conta, estava sendo segurado por algo grande, quentinho e aconchegante. Quase podia fingir que nada havia acontecido e que eu estava de volta a meu cafofo.

A cada dia, eu vou me acostumando com minha nova casa (que pelo menos é muito maior do que a anterior) e entendo um pouquinho mais sobre o mundo. Já aprendi muitas coisas. Sei que aquilo que me segurava era minha mãe, uma pessoa incrível que me dá comida e carinho, que também tenho um pai que cuida de mim com muito afeto, que existe luz e escuro e, acima de tudo, que tem um sentimento chamado saudade.

Esse eu sinto todas as noites quando a escuridão chega e eu me deito todo encolhido lembrando o meu antigo lar sempre quentinho e confortável, onde não existiam preocupações, problemas e esforço.

Sonho vazio

Sabrina Camargo Silvestre



João Rocha de Lemos Machado

Sora era um garoto simples, vivia no campo. Era ingênuo e sonhador. Seu nome de origem japonesa significava “céu”. Pode ter sido pelo nome ou por sua imaginação fértil, mas Sora sentia atração por nuvens e pensava que eram como algodão, macias e... sólidas: queria tocá-las. Todo dia pedia para sua para que o levasse aos céus e ela retrucava dizendo que não seria possível, olhando os olhos lacrimejantes do menino.

Dias se passaram – ou foram anos? – e o garoto já estava prestes a desistir do sonho bobo, afinal, já com seis anos, chegava a hora de

encarar a realidade. Era uma quinta-feira como qualquer outra. Voltando da escola, sozinho devido à falta de amigos, avistou um balão de ar. Lembrou-se de que onde morava eram constantes os viajantes que vinham de balão, mas nunca tinha visto um no chão. “Não deve ser tão difícil pilotar algo assim”, pensou, já indo em direção à parte reservada ao piloto. Subiu e retirou os pesos que mantinham o balão no solo, puxando a corda que aumenta o fogo. “Fácil”, disse com os joelhos tremendo, mas mesmo assim com um enorme sorriso.

O balão subia rápido: Sora, animado, puxava a corda mais e mais, até que finalmente alcançou as nuvens. Estava ofegante, o ar parecia pesado, o vento frio, mas nada disso importava: alcançou o que quis durante toda a sua vida (6 anos parece pouco, mas para ele, foram uma eternidade).

Na sua frente, via seu sonho realizado: o algodão que pensava ser a cama mais confortável. Apoiando-se na “cesta” onde estava, pulou... no que, para sua surpresa, não tinha consistência. O que saía dos seus olhos era o mesmo que compunha a nuvem, só que em um estado físico diferente. Sim, aquilo era apenas vapor. O nome do menino era Sora, mas não o “sora” de céu e sim o “sora” com katakana de caracteres diferentes. O significado verdadeiro era “vazio”: a sensação que teve ao atravessar seu sonho, indo em direção ao chão.

Operária 249

Lucas Xavier da Cunha

— Formiga 249, coleta de alimentos – vociferou o sargento formiga, dando início ao dia da formiga 249. Prontamente, ela mexeu suas seis patas e iniciou seu caminho pelos complexos túneis de terra do formigueiro, tomados pelo trânsito matinal. Todos tinham suas funções para cumprir antes do anoitecer, manter o formigueiro era preciso.

Já no mundo externo, 249 começou a marchar decididamente na grama orvalhada, apaticamente desviando das enormes gotas d'água que, a qualquer momento, poderiam provocar sua morte. O caminho era indeterminado e geralmente longo, mas pelo menos, nessas horas da manhã, costumava ser seguro, desde que a operária mantivesse seu andar frenético próximo ao chão.

Depois de aproximadamente uma hora, após atravessar um denso aglomerado de plantas do mesmo tipo e passar despercebida ao lado de dois enormes mamíferos quadrúpedes babões e preguiçosos, ela finalmente achou algo. Sua descoberta tinha metade de seu tamanho e exalava um delicioso aroma de farinha misturada com água e sal. Utilizando suas gloriosas mandíbulas enrijecidas pelo labor, 249 ergueu sua conquista. Sem sequer considerar um descanso, ela iniciou sua marcha de volta ao formigueiro. A relva já havia secado, mas o peso extra fez o caminho mais penoso. O dobro do tempo foi necessário para a volta, que terminou com uma simples descarga e uma ordem desnecessária do sargento para retomar a busca.

Seguindo as ordens, 249 voltou ao local onde encontrara o alimento. A experiência lhe dizia que havia mais para se achar naquele lugar. Conhecendo o caminho, o percurso de ida foi mais rápido.

Chegando novamente ao extenso gramado onde encontrara a sorte poucas horas antes, 249 logo avistou um grupo de sete operárias do seu formigueiro, unidas para carregar um grande e doce achado. Sem hesitar, a formiga se juntou às demais que, com rapidez e precisão militares, se redistribuíram em volta do fardo, de forma a dividir igualmente o peso. Dessa forma, como uma máquina bem lubrificada, prosseguiram sem descanso, dispostas a dar suas vidas sem questionamentos para proteger aquela preciosidade.

Chegaram ao formigueiro depois de quatro exaustivas horas. Nessa circunstância, não houve comemoração ou agradecimentos. As operárias descarregaram o carregamento e seguiram seus próprios caminhos. O turno das sete companheiras de 249 tinha chegado ao fim, mas o seu ainda se estenderia por algumas horas. Decidiu então voltar ao mesmo local à procura de mais alimentos.

O trajeto dessa vez foi mais demorado que da primeira, devido ao cansaço da formiga. As sombras agora se alongavam pelo gramado, que não parecia esconder mais nenhuma delícia. 249 decidiu prosseguir e andou, até que o chão subitamente deixasse de ser um gramado para dar lugar a uma superfície de pedra, lisa e fria. Continuando, a formiga chegou a uma parede de madeira seca, que subiu sem maiores dificuldades. Atingindo o topo, o terreno voltou a ficar plano, e o inseto deparou com uma enorme gota de um estimado líquido dourado, viscoso e extremamente doce.

Não houve raciocínio. 249 seguiu seus instintos, de forma que avançou determinada a coletar aquela preciosidade. Acontece que a pobre formiga não conhecia os perigos do mel: ficou presa assim que entrou em contato com ele. Quanto mais se esforçava para sair, ainda tendo em mente levar o alimento para o formigueiro, mais ela se perdia

no meio da gota, até o ponto em que se viu completamente envolta. Porém, não desistiu, continuou se debatendo até a manhã do dia seguinte, quando um dedo colossal a esmagou.

As aventuras do Homem Capitalista

Isadora Scafusca



Eric Gomes Gregory

Em uma linda manhã, Homem acordou em sua luxuosa cama. Levantou-se e colocou suas pantufas vermelhas para não pisar em seu chão de madeira pau-brasil, que estava gelado.

Ao entrar no banheiro, seu banho matinal já estava preparado em sua banheira vitoriana. Seu café-da-manhã tinha mais de cinco tipos de frutas, três tipos de pães, leites variados, bolos e acompanhamentos diversos.

Para seu trabalho, Homem vestiu seu terno italiano, seu sapato do couro mais desejado e pegou sua maleta alemã. Saiu com seu carro que acabara de ser lançado no mercado.

Homem teve um intenso dia de trabalho. Teve que utilizar suas habilidades manuais para assinar muitos papéis, sentado em sua sala na qual a temperatura estava agradabilíssima e havia sua água com laranja, servida o dia inteiro.

Após seu dia puxadíssimo de trabalho, Homem voltou para sua casa, a qual não existia. Sua vida era uma mera ilusão, era feita pelas telenovelas. Homem não existe. Homem é inventado. Homem é um desejo.

Malabarista retórico

Rodrigo Peiter Carballido Mendes



Tomás Arruda Botelho de Campos Andrade

Sou assediada diariamente pelas mãos mais sujas desse país. Sempre sou empurrada com força contra a parede, mas não quebro porque, por sorte, fui feita com um certo investimento, como tudo neste palácio.

Ele sempre chega com muita raiva. Pelo que eu ouço das paredes, uma população inteira se manifesta contra esse cara, sempre com muito desprezo, mas, de uma forma ou de outra, ele conseguiu chegar onde está. Eu estou aqui há bastante tempo, e por isso já vivenciei diversos tipos de violência, ordens e até boas risadas que passam por mim; mas nunca, nos meus anos de vida, fui aberta e fechada por um homem tão desgraçado.

Tudo que ouço dele me dá dor nas mais profundas fibras de madeira, meus parafusos e porcas quase enferrujam, me sinto partida por esse partido corrupto. Felizmente, ouvi das paredes nos últimos dias que haverá um tipo de segundo turno, mesmo que ainda faltem alguns anos para as próximas eleições. Pelo que eu entendi, a população não sabe direito como esse homem chegou ao seu cargo, mas tem muita retórica envolvida.

Ele está muito incomodado com essa eleição adiantada, e por isso está convocando todos a seu favor a partir de discursos poucos precisos, deixando muita margem para interpretação alheia, e tendo atitudes duvidosas em relação a seus objetivos. Tudo isso é chocante, a palavra “poder” sai com cada vez mais ambição dos lábios dele, tudo de que ele precisa é desses próximos anos em seu cargo para que a oposição tenha muito a temer.

Agora fui empurrada com força máxima. Seus passos ecoavam pelas minhas companheiras paredes à tona. Ele deve estar indo verificar os resultados de sua candidatura. Quem sabe ele não será eleito? Saberei em breve. Talvez ele volte com raiva, talvez esbanjando alegria, mas em ambas as formas vou apanhar novamente.

O tempo passa devagar. Essa minha tortura talvez demore a acabar. Tudo depende dos votos de hoje. Se sua eleição for confirmada, vou ter que suportar essa rotina por mais quatro anos. Mas nada garante que ele não faça mais uma gambiarra e alguma manobra política e se dê o direito de governar mais tempo.

Agora, já consigo ouvir seus passos. Ele está com pressa. Mais seis homens o acompanham, mas os ecos das paredes me confundem. Ele parece estar indo por outro corredor. Curioso, nunca o vi seguir esse caminho. Ouço também o barulho de correntes balançando.

Tem uma vibração vindo das ruas, parece ser uma multidão alegre. Agora, um salto vem em direção à minha sala. Já devo me preparar para mais um empurrão, não sei se vou aguentar. Dessa vez, quem está vindo é uma mulher com alguns outros companheiros. Todos parecem alegres e aliviados. Uma mão encosta em mim. Essa mão me parece familiar, já fui aberto por ela, mas não há muito tempo. Fui colocada de forma a abrir passagem, mas sem muita agressão, me senti confortável novamente.

Lá fora ninguém para quieto, estão todos felizes que o homem não voltou para a minha sala. Parece-me que minha rotina vai voltar a ser confortável como antes, sem empurrões muito fortes e sempre com uma mão suave me abrindo e fechando gentilmente. Agora a multidão começou a gritar um coro, alguma coisa como não quererem mais temer. Acho que eles conseguiram tirá-lo.

Um conto sobre reclusão

Carolina Bergamin Neves



Francisco Villela Teixeira

A situação estava fora de controle; a fragmentação social era mais evidente do que o desespero de cada cidadão daquela província oriental. Chung Hwa, de fato, ansiava por mudança e paz. Após a guerra muita coisa havia mudado. Os poucos homens sobreviventes ao mortal e programado vírus entraram em uma espécie de guerra civil. E foi a partir do medo, da ignorância e da incapacidade do estado de dar respostas imediatas que a população levou as diferenças políticas às últimas consequências.

O prefeito estava aos prantos e o presídio, lotado: a violência era a nova tendência social. Foi então o momento da prefeitura escolher seu primeiro campo de atuação: o sistema penitenciário. De que adiantava trancar os infratores em celas? Na cadeia, a hostilidade era tão recorrente que teve de ser adaptada ao novo perfil de presos, que cada dia mais ocupavam aquele local antigo e degradado. Antes, os encarcerados eram apenas maníacos responsáveis por crimes hediondos. Entretanto, durante os conflitos civis, foram criadas mais duas alas para separar as divergências de pensamento e, conseqüentemente, os conflitos.

A responsabilidade pela reforma foi do secretário de segurança pública, sendo ele liberado de todas as burocracias de que tratava cotidianamente para imergir no novo projeto. Talvez fosse essa a oportunidade perfeita para o político pôr em prática todas aquelas ideias que articulava em sua juventude. Mas após o início de sua carreira — e principalmente depois da grande guerra —, sequer tinha tempo para sua vida social. Logo suas convicções se tornaram apenas devaneios, sendo levemente esquecidas e rapidamente banalizadas.

“A mudança estrutural ocorre a partir de uma boa educação”, pensou rapidamente o secretário. Com alguns esboços e rabiscos, ele elaborou um conjunto de aulas que seriam aplicadas aos infratores. Se resumiam a atividades para desenvolver talentos, interesses e lhes ajudar a pensar em outras coisas que não a situação em que o país se metera.

Logo, os presos estavam desenhando, pintando, ensinando. Parecia que o clima tenso havia sido parcialmente amenizado. Doce ilusão: as primeiras tentativas de convivência entre as alas renderam quatro linchamentos e a transferência de cinco presos da ala esquerda

para a dos maníacos (estes que, curiosamente, não se envolveram em confusão alguma, já que acharam mais interessante organizar uma banda de percussão no fundo do refeitório).

O secretário novamente se encontrou diante de sua escrivaninha, rabiscando novos projetos. “Como reconstruir uma noção de sociedade, estando ela completamente abalada?”, indagou sozinho. Pensou, pensou e criou um novo plano: mantendo sua ideia central de que uma boa educação é o principal fundamento para qualquer mudança estrutural, resolveu elaborar um conjunto de aulas de cidadania e sociologia. Essas aulas, entretanto, visavam primeiramente à inserção dos infratores na sociedade, pregando respeito às diferenças, ideias coletivistas e confiança no estado democrático.

Então, as coisas pareceram melhorar de fato. As experiências de convivência entre a ala esquerda e a direita se mostravam cada vez melhores. Mas bastou um grupo pequeno de conspiradores se unir para manifestar sua fúria contra o estado que as coisas começaram a desmoronar de vez. Para eles, tudo aquilo havia sido tramado para implantar obediência. Eles alegavam que, dentro da cadeia, estavam totalmente alienados da situação externa, e que provavelmente algo ruim estava acontecendo no país, o que fazia com que lhes usassem como massa de manobra.

Apesar ideia ter sido considerada por cronistas como estapafúrdia, já que a situação de Chung Hwa de fato não podia piorar, ela foi baseada em uma verdade. Talvez eles fossem rancorosos demais, mas em qualquer ambiente fechado sempre haverá aqueles que questionam seus horizontes.

Um dia, as grades que separavam os infratores foram quebradas. E o mais incrível é que o trabalho foi feito por todos, pois a revolta então foi contra o secretário. A união foi instaurada, propagando o caos total. Nenhum segurança conseguiu conter a situação, então deixaram o local trancado e torceram para que as paredes não fossem quebradas.

O político fracassado, novamente ao lado de sua caneta, pensava: “malditas ciências humanas!” As ideias coletivistas funcionaram até demais. Pensava que iria apenas inserir os criminosos na sociedade e logo poderiam viver suas vidas calmamente, deixando suas preocupações nas mãos dele e de seus companheiros de trabalho.

Seu conflito interno foi interrompido por um telefonema do prefeito. Nunca havia levado um sermão tão exaltado como aquele. Mas depois da bronca, veio a ordem. Precisava cegar de vez os detentos, utilizando métodos de lavagem cerebral. Até tentou negociar, mas foi (brutalmente) informado de que eram ordens de poderes superiores.

Ao desligar o telefone, ficou um tempo pensando no escuro, sozinho. Pensou no prefeito e em sua situação. Pensou nos “poderes superiores”. Quem representavam, afinal? Metade daquela população estava presa por pura insatisfação e anseio de respostas mínimas que deveriam ter sido dadas. Logo pensou nos detentos de Chung Hwa. Foi nesse instante que um sorriso se abriu em seu rosto.

E foi na calada da noite que o desfecho se deu. O secretário se encontrou na porta do grande e velho presídio, abrindo-a. Ficou na espreita vendo todos saírem, completamente enfurecidos e inspirados. Só parou de ouvir os gritos após um tempo, e foi nesse momento que entrou.

Caminhou lentamente até o fundo do prédio, chegando à ala central, onde anteriormente ficavam os maníacos. Com uma pequena pistola, acabou com sua vida ali mesmo, com um sorriso de canto de boca.

Taverna, jogos e álcool

Jean Carlo Mercadante De Paola



Beatriz Levi

Todos riam e gargalhavam alto da apresentação, enquanto outros gritavam e se divertiam com as histórias contadas e já perdidas no meio daquela bebedeira, dentro daquele velho teatro, onde se apresentava um antigo circo que vinha para a pequena província de Alphen.

Ao final do espetáculo, homens e mulheres saíram cambaleantes pela noite chuvosa, alguns a pé, outros de carroça, rumo às suas devidas casas. Ali ficou apenas um homem, meio perdido e melancólico, que, após certo tempo de reflexão, começou sua caminhada. Andava ébrio pela rua de paralelepípedo molhado, quase escorregando e caindo, quando adentrou a uma pequena taverna, jogando-se de bruços no balcão do

bar e tentando se manter em pé. Lá ele ficou e bebeu por certo tempo, ouvindo os homens jogarem cartas e dados, gritando e cantando naquela noite gélida de inverno.

O homem, grisalho, com as feições rígidas e os trapos rasgados, foi então abordado por um sujeito ligeiramente peculiar para um lugar como aquele numa hora daquelas:

– Posso me sentar ao seu lado? – perguntou-lhe.

O homem franziu a testa num ato de surpresa e desconfiança:

– Claro – respondeu com sua voz rouca para o outro, de terno e cartola, que puxou o banco de madeira, retirou sua cartola e colocou seus cotovelos sobre o balcão, claramente, também estava bêbado. Dirigiu-se ao barman:

– Uma cerveja com mel para mim e para meu colega aqui.

Deu um trago em sua cerveja enquanto observava aquele sujeito robusto e desolado, completamente desinteressado das impressões que o engravatado se esforçava para dar.

– Me sinto muito sozinho, sabe? Passo minhas noites ganhando dinheiro em jogos de azar e me vangloriando com prostitutas... Eu sou um viciado, entende? Eu jogo porque eu preciso ganhar sempre, e eu sempre ganho, o que eu quero dizer é: a vida é um jogo e se você parar de jogar, o que acontece? Hein? Hein?

Finalmente, o homem maltrapilho se interessou pelo assunto e decidiu virar-se de frente para o outro, para observar aquele maluco que estava num frenesi. Parecia mais uma criança ou um adolescente em crise com roupas de adulto, bebidas de adulto e problemas de adulto:

– A vida é um jogo, você diz? Vamos jogar então, estou mesmo necessitado de me alienar um pouco.

– Ha! Ha! – gritou o maluco frenético – chamo-me Jacó, e se quer jogar comigo, uma aposta teremos de fazer, mais já vou lhe avisando, eu NUNCA perco.

– Meu nome é Sagan – respondeu o outro com um ar de arrependimento do que tinha proposto. – O que você propõe?

– Apenas um jogo, cartas ou dados, pode escolher, se eu ganhar quero ouvir sua história, desde o início.

Algo naquele sujeito maltrapilho intrigava Jacó, mas não era por falta de gente para conhecer, esse doido agitado já viajara meio mundo, aprendendo os jogos e as malandragens das mesas de bares, ouvindo histórias e apreciando o gosto de todo e qualquer tipo de mulher que encontrava pela frente.

– Quero tudo com detalhes sobre você, talvez escreva até um livro a seu respeito, e se eu perder, poderá escolher o que quiser, o que pedir, terá! Tem minha palavra.

– Jogaremos dados então, e, se eu ganhar, ao partir direi o que quero.

Abriram a mesa, pegaram seus devidos copos de couro para os dados e a partida começou. Fizeram uma melhor de 10 e lá ficaram jogando toda a madrugada. Ao final, os dois já estavam exaustos e mais bêbados do que podiam imaginar, e, por fim, Sagan levou a vitória.

— Impressionante, meu caro! Há 15 anos eu viajo jogando jogos de azar, e nunca ninguém levou vantagem sobre mim! Diga-me: qual o prejuízo que o senhor vai me dar? — soltou um arrote alto de cerveja amarga e quente ao terminar sua frase.

— Darei a você mais uma chance de me vencer, porém, até lá, não poderá mais apostar com nenhum outro. Deu sua palavra, nos encontraremos amanhã para jogarmos novamente.

Jacó assentiu, enquanto acompanhava Sagan até a porta do bar e o observava caminhando pela rua enquanto o dia amanhecia à sua frente. E assim foi a última aposta de Jacó: por mais que ele procurasse por Sagan, a lembrança do homem robusto cheio de histórias para contar, caminhando pelas estreitas ruas de Alphen naquela manhã cálida, foi a sua última.

Sim Dorome

Pedro de Mattos Lopes



Lucas Ribeiro Paiva

No reino de Sim Dorome de Baixo, ao longe se ouviu um barulho que se assemelhava ao de um vidro quebrando, mas aos ouvidos de Henrique Bolos o barulho mais parecia o de um dragão ou um monstro que deveria derrotar, pois naquela tarde haveria o 2º “Dia da Admiração do Herói” e, já que o príncipe não pudera participar do primeiro, estava esperando aquele dia há muito tempo.

Henrique era o príncipe do reino, ninguém sabia sua idade direito, mas diziam que deveria ter entre 20 e 54 anos. Era uma figura estranha

e muito misteriosa, pois só aparecia em dia de comemorações e festivais. Tinha uma estatura baixa e estava acima do peso, mas no reino ele era o mais respeitado e adorado dos príncipes, apesar de ser o único.

Nem tinha chegado o almoço e todos do reino já estavam à espera do príncipe. Os seus oponentes já tinham chegado, tinham uma aparência forte e robusta, mas nenhuma face estava exposta: eles se diferenciavam pelos símbolos em seus escudos. Henrique, como sempre, estava atrasado, mas ele não perderia aquele dia por nada. A competição consistia em derrotar três criaturas, e quem derrotasse a última em menos tempo ganharia.

A sineta tocou ao longe, todos os competidores saíram em direções diferentes e Henrique, fazendo bobagem, seguiu o pior caminho: o das hortalças carnívoras. O primeiro desafio era derrotar o Vasussinaro, um monstro gigante de barro, mas como os Bolos já tinham muita experiência em artesanato, ele sabia lidar com o monstro. Então Henrique passou sem dificuldades pelo desafio, deixando o monstro em cerâmica para trás.

O próximo era o Mangoide, uma criatura comprida parecida com uma cobra. O príncipe achava que não teria problemas, mas ele não sabia que o monstro jogava água. O príncipe, confiante, pulou para cima da cobra; porém, quando a criatura lançou o primeiro jato de água, ele recuou. Ao longe, Henrique viu os seus oponentes avançando para seus últimos desafios e ele não poderia perder.

Voltou sua atenção para a criatura. Ele não podia enfrentá-la diretamente, por isso teve a brilhante ideia de correr em círculos o mais rápido possível. A cobra acompanhou-o com o olhar e, sem saber onde atacar, começou a se enrolar em si mesma. Foi nesse momento que o

príncipe a atacou. A criatura, sem movimento, caiu no chão jogando água para todos os lados. O príncipe nem olhou para trás, ele já estava a caminho do seu objetivo final: as hortaliças carnívoras.

Em sua chegada, vislumbrou três criaturas enormes com o triplo da sua altura. Era uma visão assustadora, mas o príncipe, corajoso que era, decidiu seguir em frente. Foi avançando cautelosamente e começou a perceber que algo não estava certo. A paisagem começou a dissipar-se, de repente tudo ficou preto.

A mãe da criança, assustada com os barulhos, abre a porta e vê a situação do seu jardim, seu vaso quebrado, a mangueira toda embaraçada e seu filho dormindo em cima de sua horta. Como já disse, Henrique sempre está atrasado, seja na escola ou em casa. Henrique é diferente, tem seu próprio mundo e nele, escrever, falar e brincar em seu jardim se tornam uma grande aventura.

Mulher

Maria

Francesca Colucci Ribeiro



Rafael Bim Gomez

A luz branca se reflete na pele pálida. Cabelos pretos e pernas longas, abertas sobre a maca gelada do hospital. Maria, assistida pela enfermeira enquanto a juventude lhe escorre por entre os dedos arroxeados, chora baixinho, pensando em seu futuro. Sozinha, abandonada, solitária, culpada. Não, sozinha não. Acompanhada de sua criança, sua única felicidade, sua esperança de uma vida mais digna.

Meses antes, atravessando a avenida principal da cidade, teve seu corpo violado sob o breu de uma noite de verão. Gritos abafados pela mão podre que a segurava e o sangue mais sujo que já vira, manchando o asfalto morno, juntos compunham a cena mais medonha que aquela vizinhança já presenciou. Largada na sarjeta, Maria olhava o céu com os olhos cheios d'água.

Agora, as lágrimas – que antes eram de dor – tornam-se lágrimas de emoção. Apesar de vítima da mais violenta das violências, Maria guarda em seu ventre o poder de transformação. O poder de transformar aquela semente de ódio injetada à força em seu corpo em uma nova vida.

Com as forças de Beatriz, Carolina, Luana e Clara* somadas, Maria traz luz àquele ambiente antes tão frio e escuro. Seus olhos, até então fechados, se abrem na esperança de encontrar a pureza humana em seus braços.

O bebê vai direto da maca para o colo do médico. Não se ouvem choro, risos ou comemorações. O médico, de olhos arregalados, conversa baixinho com a enfermeira mais próxima.

Maria, ausente, treme de frio. Com a voz rouca e quase inaudível, pede para vê-lo. O doutor, relutante, mostra o bebê. A pele vermelha como o mais puro sangue e os olhos pretos como a noite que os criaram. As escamas duras machucam as mãos do médico e sua textura áspera arranha o sonho daquela mulher, da qual não saiu criança nenhuma. O terror imposto ao seu corpo gerou o ser mais desumano que já vivera na terra. A criatura morna e fedida que putrefaz o ambiente abre a boca. O golfo ácido que sai do seu interior suja o azulejo branco.

Quatro gritos reverberam simultaneamente nas paredes do hospital. As duas enfermeiras presentes fogem. O médico coloca a criatura no balcão de fórmica e, com a seringa na mão, toma uma decisão. Um berro – “não!” – interrompe o ato. As mãos, antes tão certas de sua ação, cedem. Maria chora. Os dois corações, machucados e abusados

* Beatriz, 16 anos, estuprada por 33 homens, 2016. Carolina, 20 anos, assediada e assaltada por quatro homens, 2016. Luana, 34 anos, negra, periférica, lésbica e mãe, assassinada por três policiais, 2016. Clara, 13 anos, estuprada por três homens, 1992.

pelo mesmo motivo, batem concomitantemente. Os olhos escuros de Maria enxergam os olhos pretos de seu filho e, por um instante, o amor materno se sobrepõe ao ódio do homem. A criatura pisca, e sua íris, antes negra, se torna branca. Como num pedido por paz, vira o rosto para o médico. O desespero evidente em sua íris não é o suficiente para comover o profissional. Com os dedos firmes, ele aperta com força a seringa transparente, agora vazia.

A negritude volta aos olhos. O médico se volta para Maria. Pega o corpo agora morto com as mãos e coloca junto à mãe. Tira as luvas vermelhas e coloca um novo par. Sai da sala e deixa os dois no escuro. Maria, num último suspiro de vida, abraça o filho. O choro contínuo limpa o sangue dos lençóis. No gelado da maca do hospital, a família ali morre. O filho morto, a mãe violada e a família assassinada.

Metido a feminista

Mariana Tavano Gabriel

Estudante de música da Santa Marcelina, Tom era o típico esquerdomacho: ex-estudante do Santa Cruz, ria de quem acreditava em meritocracia, mas com certeza não pagava sozinho o apartamento em Pinheiros e as cervejas no Copo-a-copo. Metido a feminista e respeitador das mulheres, não sabia ouvir um não na balada, insistia até ser esbofeteado ou acabar xingando a moça.

Tom, em uma linda quarta-feira não tão ensolarada, subia a Rebouças (de ônibus, porque era do povão, sim!) em direção à Alameda Jaú, ao querido bar do litrão de seis reais. Pensava em acordes, ouvia The Smiths: “So please don’t stand in my way... because I’m gonna meet the one I love”. Sentia-se romântico, tão romântico que sentiu seus pelos se arrepiarem ao observar a menina sentada no ponto em que o ônibus acabara de parar: de saia de cintura alta, tatuagem feminista e vestindo uma blusa com os dizeres “Girl Power”, a mais vendida da Zara (sim, aquela marca que usa trabalho escravo).

Inspirado pela canção dos Smiths (ai, como tinha que se sentir e ser guiado pelos sinais dos deuses musicais!), Tom desceu do ônibus, afinal não iria perder nada de interessante no encontro de quarta-feira no bar: tinha que ir atrás de seu amor à primeira vista.

Desceu e se sentou perto da menina; tão bonita, delicada, charmosa. Ela subiu no ônibus sentido Metrô Vila Madalena, perto da casa de Tom. Caso “desse ruim”, era só voltar e tomar dois litros de Coca-cola enquanto assistia a *Pulp Fiction* em sua humilde residência. E assim começou a perseguição do Esquerdomacho Feminista à Menina Do Ponto de Ônibus, a feminista com a blusa da Zara.

Não foi difícil de reparar: Tom descera de um ônibus que vinha da Vila Madalena para entrar em outro que ia para a Vila Madalena. Deixou todos na fila do ônibus passarem até parar exatamente atrás da menina, se sentar do seu lado, puxar um papo e descer no mesmo ponto que ela. Para finalizar, Tom pediu o número de telefone da menina, que se chamava Ana Luísa. Tomou um fora de Ana: “me respeite”, disse ela, que com certeza vai contar para todas as amigas que foi perseguida por Tom, e com certeza no meio dessa elite paulistana alternativa musical, as amigas de Ana conhecem os amigos de Tom, que vão entender porque ele não apareceu no encontro semanal no bar e ainda vão zoá-lo por ter tomado um fora. Tom vai xingar a menina: “era só uma feminista puta mesmo, tudo falta de rola.” É, Tom, era melhor você ter ignorado os Smiths e ir ter tomado seu litrão.

Virgínia, a Virgem

Natália Bettini Paes Leme



Rafael Soares Calamita

Virgínia era virgem. Mas não era apenas uma virgem em meio a todas; ela era a única adolescente de sua cidade que ainda não havia perdido a virgindade. Se isso era um orgulho para ela? Definitivamente, sim. Havia muita pressão de familiares, amigos e até mesmo desconhecidos para que ela “perdesse o cabaço”, mas era muito conservadora, homofóbica, transfóbica e todos os fóbicas possíveis.

Para ainda não ter transado, ela tinha que ser extremamente insegura e totalmente evangélica, pois só prometeria sexo com o parceiro quando já estivesse com um anel caro em seu dedo anelar esquerdo e assinaturas em um papel, além de ajoelhar-se numa almofadinha da igreja.

Apesar de ser virgem, ela era a menina mais cobiçada por todos os sexos naquela pequena cidade chamada Kiel. Virgínia curtia Jeremaia, que curtia Rochelle, que gostava de Virgínia e de Jeremaia, ou seja, rolava um triângulo amoroso entre os sujeitos. Porém, como já dito, Rochelle e Jeremaia não eram mais virgens e, portanto, transavam sempre; mas sentiam-se incompletos sem a participação de Virgínia.

Em um belo entardecer em Kiel, a população inteira se reuniu no centro da cidade para celebrar o Dia Da Liberdade e Amor Livre, comemorada sempre no dia 6 de setembro, feriado muito importante e valorizado. Nele, todos os cidadãos se reuniam e faziam uma grande festa, com docinhos com desenhos de pintos e vaginas, a bandeira LGBT e toda forma de amor existente. Havia tendas onde podiam comemorar de uma forma mais sexual, enfim, era uma loucura.

Nesse dia, a virgem resolveu sair de sua bolha e passar o feriado no centro com todas as pessoas. Acompanhada de Jeremaia, ao chegar, logo desgostou do ambiente. Não queria tocar nem sentir nada. Ela sabia que se tocasse em algo ou participasse de alguma forma de celebração, ela acabaria sendo induzida ao “mau caminho”.

Com sua cabeça conservadora, a virgem resolveu despistar-se de Jeremaia e foi andando de volta para sua casa. Chegando lá, viu que os seus pais, que já tinham saído, haviam deixado a casa completamente trancada e com o alarme ligado. Sem um teto para refletir, Virgínia resolveu ficar parada em frente à sua porta retangular.

Cansada, após esperar quatro horas sem nenhum sinal de vida na rua, a “moça de família” baixou a guarda e foi em direção ao centro para encontrar seus pais. Quando lá chegou, a bela, recatada e do lar foi direto para a barraca LGBT: nenhum sinal deles.

Mais tarde, Jeremaia apareceu acompanhado de Rochelle. Insistiram e perturbaram tanto a santinha que fizeram com que ela fosse a uma balada ali mesmo no centro.

Dançaram. Dançaram muito, mas Virgínia não estava se sentindo confortável naquele ambiente. Foi aí que Rochelle lhe ofereceu uma dose de absinto. Depois, provando quase o cardápio inteiro de bebidas, Virgínia deixou sua ideologia pré-histórica de lado e resolveu tacar o foda-se.

Dançando cada vez menos travada, ela começou a aproximar-se cada vez mais dos dois amigos. Foram se aproximando, se aproximando, se aproximando... e BUM! Beijo triplo. Cabe muito bem para a Virgínia a seguinte frase: “um pequeno passo para uma população liberada, mas um enorme passo para a vida de uma conservadora”.

Perto das cinco da manhã, os três amantes já haviam se cansado e foram andar nas ruas da cidade. Nisso, passando pela sua casa, Virgínia reparou que o tapetinho em que estava escrito “Willkommen” se encontrava um pouco mais elevado do que o normal, como se tivesse uma chave por baixo; ou seja, a casa podia ser aberta.

Sem pensar duas vezes, os três entraram na casa e chamaram pelos pais de Virgínia. Ninguém respondeu. Bêbados e sem pensar em nada, logo subiram para o quarto de Virgínia. Ela se trancou. Verificou-se no espelho. Só havia um borrão cor salmão e loiro sem formas muito definidas e ela resolveu preparar um discurso pra si mesma: “Eu, Virgínia, sou virgem, mas daqui 69 segundos não serei mais! Dane-se, todo mundo é mais feliz que eu, né? Por que não experimentar?”

Virgínia saiu do banheiro. Despiu Jeremaia. Beijou Rochelle. Beijou triplamente e...

– Vivi, filha linda, chegamos! – os pais de Virgínia gritaram.

– Oi, papais! Estou com a Ro e o Je aqui em cima! – gritou Vivi.

– Tô subindo aí, filhona! Trouxe um bolo de aniversário em forma de você sabe o quê pra você!!

Não era o momento de Virgínia perder a virgindade, muito menos no dia do seu aniversário. Mas vejamos pelo lado bom, Virgínia desconstruiu-se! Pelo menos foi a última conservadora preconceituosa da cidade alemã.

São Paulo

Vocês em mim

Livia Prazim de Albuquerque

João esperava seu ônibus ao lado da Praça da Sé. Tinha o cabelo raspado curto e usava uma calça jeans surrada. Seu corpo alto e desajeitado se curvava ao peso de sua mochila preta. Vinha do trabalho. Tinha decidido, por estar cansado demais, que não iria para a faculdade nesse dia.

Do terminal Barra Funda, foi empurrado para fora um homem que parecia ser um morador de rua. O mendigo esbravejava violentamente contra o motorista do ônibus e os demais passageiros. Antes que João pudesse ver o desenrolar daquele acontecimento, o Terminal Pirituba encostou e o rapaz embarcou.

O ônibus estava lotado. João sentou-se na frente, pois sabia que em alguns pontos o ônibus esvaziaria consideravelmente. Assim que metade dos passageiros desceu, ele se levantou. Encostou sua carteira no cobrador eletrônico. A máquina deu erro. Ele tirou o bilhete e tentou novamente. Sem saldo.

O cobrador fez uma cara de reprovação. O homem grisalho, de testa franzida e grossos bigodes, conseguia facilmente tirar qualquer um do sério. João encostou seu bilhete único na máquina novamente, obtendo o mesmo resultado. “Não adianta tentar de novo, não vai aparecer mais dinheiro”, falou o cobrador com voz de deboche.

João sentou-se novamente. Procurou em todos os compartimentos de sua carteira por seu antigo bilhete único, na esperança de que nele houvesse algum dinheiro. Quando o achou,

levantou-se e o encostou na catraca eletrônica. Sem saldo. “Rapaz, você vai pagar ou não?”. Alguns passageiros já estavam atentos ao que ocorria e olhavam a cena de soslaio.

O rapaz, acanhado, não conseguiu responder nada e se sentou novamente para pegar algum dinheiro. Quando abriu sua carteira, se espantou ao não achar seus esperados cinco reais. Tinham sido gastos em um maço de cigarros. O troco, mais uma nota de dois, mais umas moedas contabilizavam 2,70. João buscou em seu bolso e encontrou mais dez centavos.

Olhou para o dinheiro em suas mãos e limpou o suor da testa em aparente preocupação. Enfiou o bolo de nota e moedas em seu bolso de modo brusco. Procurou no fundo de sua mochila, em todos os compartimentos esquecidos, no bolso de sua calça de trabalho. Nada.

“Se não for para pagar a passagem, é para descer do ônibus”, exigiu o cobrador, que testemunhava o sofrimento do moço. “Olha, cobrador, só vou ter isso. Será que não dá pra quebrar um galho?”. O cobrador mediu João de cima a baixo e pegou o dinheiro dele. “Falta um real”, “Eu sei. Eu não tenho outro jeito de voltar para casa”. “É o seguinte, ou você paga os 3,80 da passagem ou fora do ônibus”, vociferou, o bigode mexendo a cada movimento de sua boca.

A essa altura, as dificuldades do rapaz já eram acompanhadas atentamente por quase todos dentro do ônibus. Ele se virou. Imediatamente, os passageiros que olhavam o ocorrido olhavam pelas janelas ou para frente. A figura alta se sentiu pequena. O esforço conjunto de não o notar diminuiu o moço.

O orgulho de João não falou mais alto do que os quilômetros que o separavam de sua casa. Ele se aproximou, envergonhado, de uma mulher que vinha com dois filhos. “Com licença senhora, estou sem dinheiro e preciso voltar para casa, você não pode me ajudar com umas moedinhas?”. “Não tenho, não, moço”, ela respondeu sem olhar para a cara dele.

João seguiu pedindo para um senhorzinho de óculos, que respondeu com um “não” seco. Perguntou para uma jovem de fone de ouvido, que fingiu que nem ouviu. Falou com uma velhinha que respondeu com “Deus te ajude, filho”. Pediu para um grupo de engravatados que veio com a resposta pronta de “Não tenho”.

Olhou pela janela, sem rumo. Ainda estavam na Barra Funda. “Eu preciso de um real pra voltar para casa, ninguém pode me dar?”, anunciou alto. Diante do completo silêncio dos passageiros daquele ônibus, João se descontrolou.

“Por que fomos ensinados a ignorar os outros, a não ajudar estranhos? Estamos no mesmo transporte precário. Com o mesmo objetivo de voltar para casa. Indo todos para a mesma periferia. Como vocês podem não reconhecer vocês mesmos em mim? Somos semelhantes, devemos nos ajudar. A empatia é o sentimento que nos diferencia dos animais, então como podem vocês desviarem o olhar de mim e ignorar minhas aflições?”, gritou.

João estava em pé, no meio do ônibus. Ofegante. Todos os olhares se voltaram para ele. Os passageiros o fitavam com os olhos arregalados. Atônitos.

No ponto seguinte, o ônibus parou. As portas se abriram. Segurado pelo cobrador e pelo motorista, o rapaz foi despejado para fora. João, no ponto, sem ninguém, desamparado, observou o ônibus cruzar a ponte e sumir de vista. O transporte indo embora, levando consigo um pedaço seu.

O Senhor da Sé

Julia Moutinho Ramalho Pinto



Giovanna Tito Nastas

Nas ruas de São Paulo ele vivia. Não era gente nem cidadão. Algumas vezes tinha o privilégio de ser senhor, e ficava tão feliz quando era! Ao lado da Praça da Sé, havia um canto que ele chamava de seu; determinado por caixas de papelão. Da vida não esperava nada, só vivia os seus dias monotonamente, observando as pessoas.

Em uma bela tarde de primavera, nosso protagonista observava uma garota. Ela tinha pinta de turista, talvez fosse gringa. Usava uma

bermuda verde musgo, blusa branca e uma câmera pendurada no pescoço. Fotos de toda a praça eram tiradas, até que ela se aproximou lentamente. “Boa tarde, posso tirar uma foto de você?”.

Emocionado, ele aceitou. Fazia anos que não se via, nem que o admiravam. “Que sorriso bonito!” exclamou ela, fazendo um aceno, enquanto se direcionava para outro canto da praça. “Senhorita, por favor, volte!”. A conversa rolou, e por uma meia hora os dois ficaram ali. Um contava sobre as pessoas que por lá passavam e suas possíveis histórias; ele havia ficado bom nisso. Ela detalhava suas viagens pelo mundo, enquanto fotos dos mais diversos lugares eram mostradas. Mas a moça tinha que ir, então, acanhado ele se apressou: “Eu queria te pedir uma coisa... Me traz uma cópia do meu retrato?”.

Duas semanas haviam se passado, e a rotina nossa de cada dia prosseguia. A Praça da Sé continuava com seu morador fiel, que não era mais o mesmo. O acontecimento de semanas antes não saía da cabeça do pobre coitado. Ele havia se sentido como gente e, além disso, se visto! Porém, a adorável garota viajante não trouxera seu retrato ainda. E ele tinha medo de que ela não viesse. Esquecer novamente de sua própria face e assim seu eu, seu passado, o aterrorizava.

Já não sabia que dia era. Uns velhinhos jogavam xadrez, enquanto seus cachorros latiam para todos que passavam. Os donos nada faziam, eles não escutavam mesmo. Gravatas e terninhos apressados batiam os pés por ali. Uma jovem caminhava procurando alguma coisa. Mas era conhecida. Após um cumprimento, ele recebeu um envelope: “Para o senhor do sorriso bonito, que conheci em São Paulo”.

Realizando um sonho

Rafael Conti Pereira Luiz



Daniel Rabello Guerra Vieira

Todos os dias, lá estava ele. Com os ombros cobertos, um cachorro deitado ao seu lado e um monte de lixo ao seu redor. Fizesse frio, calor, chovesse ou fizesse sol, sempre que eu passava por ele, era assim que o via. Nos dias quentes, até que eu evitava passar tão perto. O cheiro era péssimo, talvez o suor o tornasse pior ainda.

Na primeira vez em que o vi, ele era mais um mendigo dessa cidade. Meu olhar sobre essa situação não me gerava nenhum incômodo. Era só acelerar o passo, e em segundos aquela figura já não existia

mais. Mas um dia, ele me olhou. Eu passava acelerando a caminhada, segurando firmemente minha pasta. O mendigo era um homem de idade. Ele olhou e aquilo me incomodou.

No dia seguinte, passei mais devagar. Tinha perdido o “medo”, o receio. Estávamos mais acostumados um ao outro. Ele estava sentado tomando algo numa caneca velha e suja e, ao me ver, ele sorriu e estendeu a caneca, oferecendo o líquido humildemente. Aquele gesto me desconcertou. Parei. Naturalmente sorri, ele sorriu também. E vi que seus olhos eram bondosos, sua expressão, serena. Ele me lembrou alguém. Agradei com um gesto de mão e segui meu caminho. Mas daquela vez a impressão não passou. A imagem daquele senhor permaneceu o dia todo na minha cabeça. Eu me perguntava por que ele morava na rua, o que o teria levado àquela situação. Será que tinha família?

Chegando em casa, conversei com a Bruna (minha esposa). Ela me olhou com espanto. “Você, preocupado com um mendigo?” Naquele momento, me arrependi de ter falado, mas logo ela perguntou: “Rafa, quer que eu vá lá com você?”

Quando chegamos, levamos conosco um pote de sopa e um pão que compramos na padaria. Fazia frio, e ele estava sentado, com um gorro na cabeça e o cobertor envolvendo seu corpo. O cachorro latiu quando percebeu nossa presença, saindo de baixo de uma cadeira. O homem o chamou de volta, e ele voltou para seu canto. Sem dizer nada, olhava para mim como se dissesse: “Por que está aqui?” E eu não conseguia falar. Então minha esposa pegou o pote de sopa, agachou e colocou no colo do homem, feliz da vida, dizendo que ela tinha acabado de fazer e que o pão estava quentinho.

Com naturalidade, o homem pegou a comida, colocou em um banquinho, tirou o cobertor de cima de seu corpo e se levantou. Numa caixa de papelão tinha uma colher de plástico e do lado, um pote de margarina vazio. Ele abriu o pote, cheirou a sopa, soltou um suspiro de satisfação e olhou para mim. “Vocês me fazem companhia?”

Minha esposa não pensou duas vezes. Sentou-se no chão, pegou o pão e com a mão partiu um pedaço. O homem despejou um pouco da sopa no seu pote, devolveu o restante para ela e pediu um pedaço de pão. Ele e a Bruna encharcaram seus pedaços de pão na sopa e comeram juntos. Ela então começou a puxar papo. Sem muita opção, me sentei ao lado dela e peguei um pedaço de pão também, molhei na sopa e comi.

Ali, debaixo daquele viaduto, sob os olhares espantados de quem passava, tive um dos melhores jantares da minha vida, não porque estava num restaurante chique, comendo uma comida requintada, mas porque pela primeira vez realizei meu sonho de criança, que era fazer o bem para as pessoas. Naquele dia, finalmente eu o fiz.

Ele só queria mais atenção

Beatriz Levi

Eu venho lá do Nordeste. Deixei meus dois filhos e minha mãe para vir trabalhar aqui em São Paulo em busca de melhores condições. Arranjei uma casinha lá na Zona Leste, moro perto de Itaquera e agora trabalho aqui nessa casa no Jardins. Meu horário de entrada é, todos os dias, às sete da manhã, mas costumo chegar umas seis e meia para acordar o Nandinho e preparar seu café antes que o motorista o leve para a escola. Eu trabalho aqui há mais de 10 anos. Antes, tinha outros bicos, mas larguei tudo. Já estou muito velha e cansada para tanto trabalho e nem sei mais quanto tempo vou aguentar aqui, longe dos meus filhos e da minha mãe. Já vai fazer quatro anos que não os vejo.

A vida da família Albuquerque é muito corrida. O senhor Paulo trabalha o dia inteiro no escritório, só chega para o jantar e olhe lá... A dona Clara só Deus sabe, ela não trabalha, mas passa o dia inteiro fora de casa e, meu querido Nandinho, tem aula até as duas e depois vem para casa, normalmente acompanhado de algum colega.

Nandinho sempre teve um grupo de cinco amigos, eles vinham almoçar aqui quase todos os dias, jogavam futebol no jardim, brincavam com o Toby (o cachorro), entravam na piscina... Era sempre uma bagunça aqui na casa, até porque seus pais só chegavam tarde e nós tínhamos um combinado de que quando seus amigos fossem embora, ele me ajudaria a arrumar tudo.

Passou um tempo e os meninos começaram a sumir, passei a perceber Nandinho muito sozinho, ele chegava em casa, se trancava no quarto e só saía para o jantar. Essa rotina começou a se repetir e eu comecei a ficar preocupada, mas parecia que só eu notava isso.

Minhas conversas com dona Clara não duravam mais do que cinco minutos. Ela nunca tinha tempo, mas um dia insisti e resolvi perguntar o que poderia ter acontecido com seu filho. Ela simplesmente me respondeu que eu deveria parar de criar coisas na minha cabeça e que ele continuava o mesmo. Eu não fiquei satisfeita com a resposta, até porque eu convivia mais com Nandinho do que ela e, com certeza, sabia que alguma coisa estava errada.

Passou um mês. Nandinho continuava muito sozinho. Tomei coragem e perguntei para ele o que estava acontecendo nesses últimos tempos e ele me contou que um de seus amigos havia mudado de escola e depois disso, todo o grupo se afastou. Ele chorou, mas pela primeira vez, me falou que alguém tinha dado atenção e se mostrado preocupado com ele. Passamos a tarde inteira conversando e, no final do dia, ele me pediu que continuássemos com isso sempre que desse. Inclusive, também pediu para que eu me sentasse com ele nas horas de almoço para lhe fazer companhia.

A rotina, então, passou a mudar: Nandinho chegava da escola mais feliz, eu me sentava com ele na mesa para almoçar e depois ficávamos no jardim conversando, enquanto eu regava as plantas. Após um tempo, Nandinho começou a trazer novos amigos para casa, mas mesmo assim, sempre tirávamos um dia na semana para conversar.

Sentia ainda que faltava um apoio maior dos pais, até porque estava chegando a época de vestibular e eles não se mostravam preocupados com o futuro do próprio filho. Eu sempre perguntava o que ele gostaria de fazer e até pouco tempo antes ele me dizia que queria seguir seu pai, mas agora tinha mudado de ideia, disse que iria estudar alguma coisa de exatas.

Além disso, já estava chegando a hora de eu ter que pedir minhas contas e voltar para a minha casa. Minha mãe já estava muito idosa e cheia de problemas de saúde. Meus filhos também sentiam muito a minha falta e já estava na hora de Julia pensar em sua faculdade, eu gostaria de estar perto para poder ajudá-la em sua escolha.

Uma certa tarde, em uma de nossas conversas no jardim, resolvi contar a Nandinho que já estava chegando a hora de eu voltar para o Nordeste. Ele ficou em choque com a notícia, não conseguia acreditar que iria deixá-lo e dizia também que me amava e que eu era praticamente sua mãe. Começamos a chorar juntos.

Na manhã seguinte, resolvi partir de surpresa deixando seu café da manhã pronto e um bilhete de adeus grudado na geladeira. Achei que seria muito mais sofrido se eu esperasse mais um mês para ir embora. Meu único desejo era que as coisas naquela casa melhorassem, que Nandinho pudesse receber a devida atenção que merece de seus pais e que ele nunca me esquecesse.

Como uma ironia do destino

Giulia de Paula Rivellino



Gabriel Markus Ortiz

Era sábado. Gilberto acordou com um pulo ao som do despertador, às seis da manhã. Droga, ele tinha esquecido de desligá-lo na noite anterior. Resmungando, decidiu levantar logo da cama, abriu a janela de seu quarto e observou de longe a nuvem cinza que se aproximava entre o aglomerado de prédios. Como era de tradição, nos sábados de folga após uma intensa semana de análise de gráficos, Gilberto gostava de tomar um longo café da manhã, mas como uma ironia do destino, não havia pão. Ele decidiu então sair para comprar.

Ao sair à rua, virou à esquerda, e logo que deu o primeiro passo tropeçou em uma pedra. Mas tudo bem, essas coisas acontecem.

Continuou andando. Depois de aproximadamente 15 passos, pisou em um cocô. Isso já o deixou mais irritado, “como as pessoas não tiram a merda de seus cachorros da rua? Isso é um desrespeito!”, pensou. Com um cheiro desagradável que o acompanhava, foi atravessar a rua e um carro desgovernado quase o atropelou. Proferiu um xingamento do fundo de seus pulmões para o motorista ainda bêbado da noite anterior e seguiu seu caminho.

Enquanto caminhava, passava e repassava em sua cabeça as palavras que sua namorada tinha dito na semana anterior quando terminara o namoro. “Desculpa, não é você, sou eu. Acho que esse relacionamento não está mais dando certo pra mim”. Ainda chateado com o que tinha acontecido, um pingo molhou seus óculos e subitamente uma forte chuva começou a cair. Ficando encharcado rapidamente, Gilberto colocou as mãos no bolso, o capuz na cabeça e apertou o passo. Ao virar a esquina, uma moto passou perto da calçada onde a água da chuva tinha se acumulado e um jato sujo o molhou ainda mais. Limpando o rosto com as costas da mão, marchou irritado e dentro de dois minutos estava parado à frente da padaria, encarando com a expressão incrédula o recado preso à porta: “Estamos fechados para manutenção. Desculpe o incômodo, tenha um bom final de semana! Att. Padaria Estrela”.

Gilberto, então, diante desse acontecimento, virou à direita, entrou no supermercado, comprou seu pão e voltou para casa. Ao se sentar à mesa com uma xícara em uma mão e o jornal na outra, falou: “Eu deveria ter lido meu horóscopo antes de sair de casa”.

Futebol

Do estádio para o hospital

João Renato Pacce Pinto Serva



Pedro Ito Asbahr

Pedro, corintiano roxo, mora com sua mulher e quatro filhos no conjunto habitacional atrás do Ceasa. Com sua mulher trabalhando de empregada doméstica em Alphaville e ele de pedreiro, todo o dinheiro que pode ser guardado é visto como um pote de ouro. Porém, Pedro tem um vício: defender o Corinthians com garras e dentes e, assim, ir a todos os jogos do time.

Em algumas situações, Pedro já chegou a gastar metade da renda familiar em coisas relacionadas ao time. Sua família, apesar de

também torcer, era 100% contra o fanatismo do pai, até porque quando a torcida esquentava, Pedro era o primeiro a pegar na barra de ferro e ir para a “guerra”.

Em uma quarta-feira à noite, em um jogo do Corinthians decisivo para ir à final da Copa Libertadores, a torcida esquentou e, como de costume, Pedro se estressou junto. Diferente da maior parte das brigas de torcida, naquela noite a PM não conseguiu controlar os torcedores e as ruas perto do estádio se tornaram um verdadeiro campo de batalha. Pedro, que estava ligeiramente bêbado, pegou a faca que guardava na meia e foi pra cima do primeiro homem que não estava com a farda do seu time. Porém, ao fazer isso, se deparou com um policial que não pensou duas vezes para espancá-lo até que ele desmaiasse.

Pedro acordou no dia seguinte em um hospital público, com apenas alguns curativos mal feitos nas feridas maiores e, sem ninguém perceber, levantou-se. Com certa dificuldade para andar, foi embora para casa. Chegando lá, encontrou apenas uma carta em cima da mesa da cozinha dizendo que sua mulher e seus filhos não aguentavam mais a vida sem saber o que aconteceria no dia seguinte e que haviam ido embora. Pedro, que nunca havia chorado por nada, apenas pelo seu time de coração, se afundou em lágrimas e foi para o bar e bebeu, bebeu até não aguentar mais. Seus amigos o carregaram até sua casa e o deixaram na porta.

Ao acordar, ele deparou com uma visita inesperada. Sua própria mulher estava ali, em pé, na sua frente. A princípio, ele achou que era um sonho, alguma espécie de alucinação dada ao excesso de pinga bebida na noite anterior, mas não era. Sua felicidade passou rápido depois que

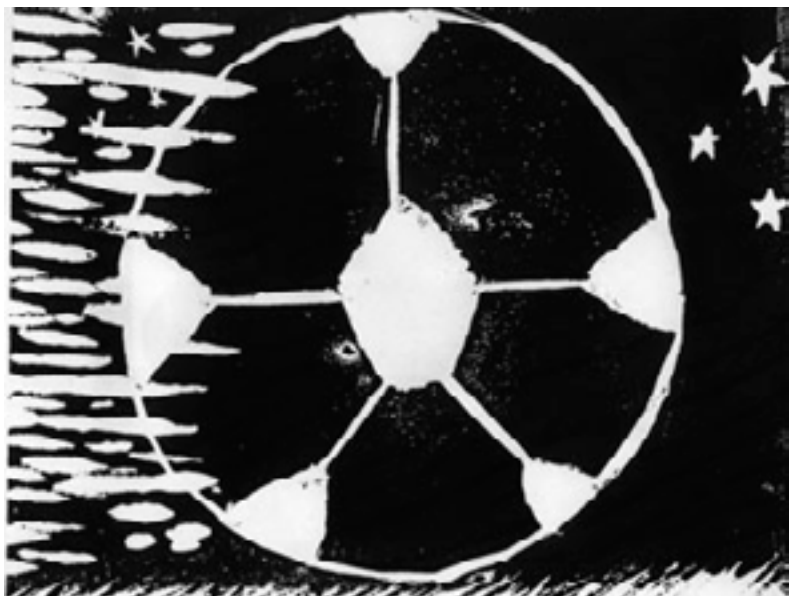
ela anunciou que estava ali apenas para pegar sua carteira de trabalho, que havia esquecido no criado mudo do seu lado da cama. A depressão de Pedro voltou.

Ele já havia pensado em todas as possibilidades sobre o que poderia fazer dali para frente. Chegou a uma conclusão simples: a morte. Estava prestes a pular da janela de seu quarto quando olhou o calendário e ouviu no rádio que o jogo em que ocorrera a briga tinha sido positivo para o Corinthians. Pelo calendário, viu que a final seria em quatro dias e lembrou que, para ele, a principal razão de viver nunca havia sido sua mulher e sim seu tão amado timão.

Desceu da janela, vestiu a blusa do time e, sem pensar duas vezes, foi para a casa do seu melhor amigo conversar sobre futebol e contar sua história da briga. Nunca mais pensou em sua família.

De operário a sensação

Guilherme Toassi Gualtieri



João Renato Pacce Pinto Serva

James era único. Se destacava onde vivia. Desde os jogos na escola, impressionava a todos. Vivia em uma pequena cidade da Inglaterra chamada Sheffield, onde morava em uma casa bem apertada com sua família. Era rápido e determinado: em campo, era difícil de parar.

Logo ao acabar a escola, James já jogava nas categorias de base do time de sua cidade e criava grandes expectativas futebolísticas. Porém, por morar e jogar numa cidade muito pequena, sabia que seria difícil ser reconhecido e escolhido por grandes times. Mesmo assim, sua paixão pelo que fazia era inexplicável.

Certo dia, quando voltava de um jogo, recebeu uma ligação. Seu pai havia falecido. Isso o abalou muito, e a toda família.

Com a morte de seu pai, o dinheiro que sua mãe ganhava não era suficiente para sustentar os dois. James teria que começar a trabalhar para ajudá-la. Assim foi. De manhã, treinava no clube de sua cidade e à tarde, trabalhava em uma fábrica como um simples operário. No entanto, seu desempenho em campo caiu muito, chegava cansado aos treinos e, então, a direção resolveu dispensá-lo. James sabia que não podia largar seu emprego, mas de nenhuma maneira iria desistir do futebol, sua maior paixão.

Ficou meses sem jogar a sério. De vez em quando, jogava no campo do bairro com seus amigos, mas nada mais do que isso. Foi atrás de inúmeros agentes e clubes, até que um dia, conseguiu o que queria. Seu novo time jogava na 5ª divisão da liga inglesa e, naquela mesma temporada, não atingiu as expectativas. Em poucos meses naquele clube, James estava de novo sem nada.

Três meses depois, ele conseguiu uma vaga em outro clube. Sabia que dessa vez não poderia falhar, não de novo. Logo em sua primeira temporada no clube, conquistou o título, sendo artilheiro da liga. A partir desse momento, tudo melhorou. James recebeu propostas de grandes times da primeira divisão, a elite do futebol, e sem hesitar largou seu emprego na fábrica. Aceitou a proposta de um grande time, sua história estava apenas começando. Tudo o que havia sonhado quando criança estava vivendo naquele exato momento. Sua ambição futebolística havia gerado sucesso.

Operário artilheiro

Rogério Delfino Alves Júnior



Rogério Delfino Alves Júnior

Enquanto se deslocava em direção aos vestiários da usina, Jamie Vardy, um jovem garoto britânico de cabelos curtos castanho, olhos claros e de estatura mediana, se alegrava em saber que havia terminado a longa jornada de trabalho e dali em diante poderia fazer o que realmente gostava. Colocou um sorriso no rosto e correu para sua casa para pegar seu material para treinar.

Antes de ir para treino do Sheffield Wednesday, o menino, todo sujo, largou seu macacão personalizado com um número nove atrás em cima da cama e comeu o último pedaço de pão que havia restado

em sua casa. Em seus 30 minutos de caminhada até o treino, Vardy lembrou sua família, se culpando por não ter conseguido oferecer uma boa infraestrutura e uma boa condição de vida para sua mulher com seu mísero salário recebido na indústria e no clube.

Enquanto se trocava, os mesmos pensamentos continuavam a perturbá-lo. Então ele tirou de sua mochila uma garrafa toda encapada com couro com uma tampa de metal por cima. Olhou para os dois lados, observou que apenas ele tinha permanecido no vestiário e virou a garrafa em sua boca. Durante o treino, o jovem rapaz se sentiu meio tonto, mas mesmo assim permaneceu no jogo.

Em um rápido contra-ataque, Vardy se deslocou em alta velocidade para o lado esquerdo do campo, recebeu a bola de seu companheiro e partiu para cima dos marcadores. Depois de ter passado pelos dois volantes, ele adiantou a bola sem ver que o zagueiro havia chegado para marcá-lo. Em uma forte dividida, Vardy sentiu uma forte dor em seu joelho direito, o qual já tinha sido um problema para ele durante sua infância.

Após o acidente, o atacante foi levado para o departamento médico do clube, onde os médicos detectaram a lesão. Vardy foi chamado para conversar com o presidente do clube e as notícias não foram boas, já que ele foi dispensado do time por não se comprometer com os horários da instituição e chegar, mais de uma vez, embriagado ao treino.

Assim que chegou em casa, antes mesmo de buscar gelo para colocar em seu joelho, foi para dispensa e, ao abrir o armário, pegou mais uma daquelas garrafas que estavam envoltas pelo couro e começou a beber.

Depois de seis meses de recuperação, Vardy foi chamado para jogar os cinco jogos do time do bairro em uma competição estadual de futebol. Em seu primeiro jogo, a insegurança prevaleceu. Cada vez que tocava na bola, o atacante se desesperava e acabava perdendo a posse para o time oposto. No final do jogo, o jovem garoto pensou muito se realmente era capaz de se tornar um jogador de futebol e se tinha as qualidades e virtudes técnicas necessárias para conseguir esse sonho, que é o mesmo de muito meninos e crianças do mundo.

No segundo jogo, Vardy se sentiu mais confiante, fez uma excelente partida. Entretanto, toda vez que ele ficava frente a frente com o goleiro, com totais condições de marcar um gol, tinha medo. Medo de errar e acabar com seu sonho, medo de prejudicar o time por “não ser bom suficiente”. No final do jogo, o garoto percebeu que uma das pessoas da torcida, que usava um traje esportivo colorido e um chapéu de um time da liga nacional, estava lhe observando. Nos três jogos seguintes, o operário repetiu a sua atuação, e o homem desconhecido estava lá, vendo-o jogar.

Passado um tempo, quando Vardy estava voltando da indústria para sua casa, o homem desconhecido que o observara em todos os seus jogos apareceu na sua frente. O homem era o olheiro de um time da terceira divisão do nacional, o Leicester. O time estava há três anos tentando subir para a segunda divisão e, para isso, precisava de um atacante de qualidade. O homem ofereceu uma proposta de trabalho impressionante, com o salário ele poderia sair da agonizante e desgastante vida de operário. Porém, o jogador sentiu um certo medo e desconfiança em aceitar a proposta.

Depois de muitas conversas com a sua mulher, Jamie decidiu aceitar o convite. No seu primeiro dia de treino, sentiu toda aquela

desconfiança e medo de jogar que já sentira antes. Então pegou a garrafa coberta por couro e bebeu. O técnico observou que o novo contratado estava embriagado e pediu para que o ex-operário ficasse depois do treino para conversar com ele.

Ao final do treino, o técnico teve uma conversa com Vardy e mostrou para ele que todos nós somos capazes de realizar nossos sonhos se tivermos força de vontade. A conversa demorou cerca de duas horas e, assim que saiu, o jogador pegou a garrafa que estava em sua mochila e jogou fora. Da mesma forma ele fez com as garrafas que estavam em sua casa.

Nos treinos seguintes, o treinador pediu para que Vardy ficasse treinando chutes para recuperar a confiança. Ele estava treinando duro para que pudesse estar pronto para o grande jogo que podia fazer com que o time subisse de divisão.

O jogo chegou e o jovem garoto começou a partida no banco. A partida foi muito disputada, com chances reais para os dois times. No intervalo, o técnico mandou seu novo camisa-nove se aquecer, pois ele entraria em breve. O tão sonhado momento chegou, Vardy finalmente iria estreiar como profissional.

O jovem britânico entrou muito bem no jogo, dando trabalho para a defesa adversária. No final, recebeu um belo lançamento e driblou a zaga inteira do outro time, ficando frente a frente com o goleiro.

Nesse momento, o mundo parou para o camisa-nove. Ele se lembrou de tudo o que havia passado e da conversa que ele tinha tido com seu técnico. Olhou para um lado e viu seu treinador aflito; olhou

para o outro lado e viu sua mulher com sua pequena filha no colo e, finalmente, olhou para o goleiro. Com uma enorme frieza, Jamie Vardy deu um toque na saída do goleiro, trazendo o estádio à loucura.

Ele conseguiu, o ex-operário conseguiu superar seu medos e levou seu time para a segunda divisão do campeonato nacional da Inglaterra.

Cristiano Ronaldo

Petro Ito Asbahr

Cristiano Ronaldo era um garoto sorridente. Desde pequeno apaixonado por futebol, se divertia enrolando seus poucos pares de meias e brincando na praça central de Funchal, capital da Ilha da Madeira, com seu irmão mais velho. Sua mãe trabalhava como faxineira na casa de uma das famílias mais ricas de toda a cidade, os Mendes, enquanto seu pai passava os dias em bares e botecos, voltando para casa apenas de madrugada, embriagado.

Em seu 12o aniversário, o garoto foi se encontrar com a mãe no fim do expediente para um passeio de barco. Cris estava muito animado, já que nunca havia estado em um barco antes e, principalmente porque seu pai havia prometido que iria comparecer. Viu que havia chegado cedo, então tirou sua bola de meia do bolso quase todo rasgado e começou a jogar perto do portão da grande mansão. Encostado em uma grade próxima, estava o filho dos Mendes, Jorge, um empresário recém-formado, que procurava por um primeiro cliente para que ficasse famoso no mundo empresarial. Ao avistar o menino esbanjando habilidade com o objeto de pano, Jorge ficou maravilhado e foi correndo abordá-lo.

Ambos papearam por um bom tempo. O empresário contou a Ronaldo seu plano de transformá-lo em um jogador rico e famoso, e a ideia de mandá-lo para fora do país para jogar em grandes clubes europeus. O garoto nunca ficou tão feliz em toda a sua vida, só que havia um porém: ele deveria dar a resposta na manhã seguinte, para que ambos pudessem viajar à tarde. Se encontrou com a sua mãe, lhe contou as novidades e os dois retornaram para casa para falarem com o pai.

Chegaram ao local. Uma pequena casa de madeira, com um único quarto para quatro pessoas e uma cozinha simples. Ao entrarem, não encontraram ninguém. Sem sinal do pai, foram no bar mais próximo procurá-lo. Não tiveram sucesso. Ao voltarem para casa, avistaram um carro da polícia em frente à porta. A mãe do menino o mandou entrar e esperar. O que seria dito pelo oficial mudaria a vida de Ronaldo. Seu pai estava morto. Inconsolável, passou toda a madrugada chorando em sua cama, olhando pela janela e imaginando que seu pai não iria estar ao seu lado para ver suas conquistas ao longo da vida. Porém, outro pensamento passou por sua mente. Decidiu que iria honrar a vida e a morte de seu “rei”, tornando-se o melhor que já existiu, melhor até do que o brasileiro Pelé. Partiu no dia seguinte com seu novo empresário em direção a Madri para jogar no melhor time da Espanha.

Anos se passaram. Cristiano Ronaldo se tornou o melhor jogador do mundo. Dedicou todas as suas conquistas ao pai e depois de duas décadas jogando em alto nível, decidiu “pendurar as chuteiras”. Retornou para casa, em Funchal, e abriu centros para garotos e garotas de talento poderem mostrar seus potenciais não só no futebol, como em outros esportes.

Viagem

Beto

Luiza Alegre Caballero



Pedro de Mattos Lopes

A história que vou lhes contar é real. Não foi um sonho, delírio de entorpecentes ou fruto de minha imaginação. Aconteceu quando eu tinha 18 anos. Era a primeira semana de férias do mês de julho, estava indo viajar com meus três amigos, Julia, Gustavo e Marina, para a casa de praia de Gustavo. Sua mãe havia feito um mapa a mão para nós, pois naquela época não existiam esses tais GPS que explicam o caminho passo por passo. Talvez por esse motivo, nos perdemos. Entramos em uma estreita estrada de terra e chegamos em um lugar lindo, cheio de montanhas, com um lindo pôr-do-sol. Estávamos com pouca gasolina, precisávamos encontrar alguém que nos ajudasse. Então, avistamos no topo de uma das montanhas uma grande casa antiga. Com o pouco de gasolina que nos restava, fomos até a casa, com esperança de sermos socorridos.

Batemos na porta, que se abriu aparentemente sozinha: entramos. A casa era iluminada à luz de velas, possuía móveis chiques; porém, ninguém se encontrava lá. Quando estávamos prestes a sair, ouvimos uma voz grossa e rouca “Quem são vocês?...” Viramos e nos deparamos com um homem alto, magro, branco, que usava um terno velho e um grande chapéu. Nos apresentamos, falamos de onde viemos, para onde íamos e pedimos ajuda para resolver o nosso problema. “Claro, verei o que posso fazer” – respondeu. Fomos até o carro. Depois de muito analisar a situação, o homem concluiu que não era apenas a gasolina, mas também uma peça faltava. “Não tenho como resolver isso agora, já está escuro. Durmam aqui esta noite, logo cedo resolveremos esse problema.” – disse. Sem ter outra saída, com um pé atrás, aceitamos. “Muito obrigado senhor...” “Beto”. Nos acomodamos em um quarto no andar de cima e adormecemos.

Durante a noite acordei assustado com um pesadelo, não me lembro o que era, porém sei que era terrível. Resolvi pegar um copo de água na cozinha para tentar me acalmar. No caminho, passei por um quarto e ouvi choros de criança. Bati na porta e imediatamente o som parou, nada mais ouvi. Peguei a água, voltei para minha cama, me revirei de um lado para o outro, e não me veio o sono por quase toda a noite. Na manhã seguinte, quando todos nós acordamos, resolvemos sair do quarto, que para a nossa surpresa, estava trancado. Batemos na porta, chamamos por Beto e nada. Olhamos pela janela e avistamos um campo agrícola cercado de muros. Nele trabalhavam muitas crianças, com idades aparentemente diferentes. Pareciam muito infelizes. Perto delas estava Beto, olhando e comandando tudo.

Quase uma hora depois, Beto bateu em nossa porta e gritou: “Estão acordados? Trouxe um café da manhã.” “Beto, precisamos ir, pode nos ajudar a arrumar o carro?”, perguntou Gustavo. “Já? Não querem

ficar mais um dia?” “Não, precisamos ir”, disse Marina. Ele fingiu que nada ouviu, abriu uma janelinha que havia na porta e nos deu o café da manhã. Em seguida afirmou: “Ficarão aqui mais um pouco, vou sair, volto para trazer o almoço”.

O tempo passava e nada do que tentávamos fazia a porta se abrir. Até que tivemos a ideia de sair pela janela. Enrolamos todos os lençóis e cobertores que havia no quarto, formando uma corda. Em seguida, amarramos a corda na janela e descemos. Tudo ocorria bem, Marina foi a última a descer. Deparamos com a enorme plantação de tomates de seu Beto, manuseada por aproximadamente 15 crianças. Uma delas, ao nos ver, se escondeu assustada. Fui até ela, convenci-a a conversar comigo. Seu nome era Laura, fora roubada dos pais no ano anterior e escravizada por Beto, como todas as outras crianças. Pediram socorro, desejavam voltar para suas famílias, serem libertas do trabalho escravo. Prometemos ajudar.

Fomos até a saída do campo para dentro da casa; estava trancada. Peguei uma ferramenta de uma das crianças e, com muito esforço, quebrei a fechadura da porta. Entrando na casa, deparei com Beto, olhando furiosamente para todos nós. Nesse momento, Julia gritou: “Crianças, corram!” Todas correram desesperadamente na direção da porta. Beto conseguiu impedir algumas, mas eram muitas, o suficiente para despistar o homem. Julia e eu saímos da casa, buscando ajuda. Tentamos pegar o carro, porém não estava consertado. Do lado da casa, avistamos um cavalo. Montamos nele e voltamos por toda a estrada de terra. Chegamos a outra estrada, a que estávamos antes de entrar no lugar errado. Rodamos por 35 minutos buscando uma delegacia, até que encontramos um carro policial parado no meio da calçada. Paramos ao lado e pedimos desesperadamente sua ajuda. Após saber do que se tratava, o policial pediu reforços e foi nos socorrer.

Chegando a casa, algo terrível acontecera. Tudo estava em chamas. Enquanto tentávamos encontrar nossos amigos e tirar as crianças do local, o policial havia saído em busca do corpo de bombeiros. Entramos na casa e abrimos todas as portas possíveis. Saiu a maioria das crianças, outras careciam de nossa ajuda, pois se encontravam desmaiadas. O corpo de bombeiros finalmente compareceu, todas as crianças já se encontravam fora da casa, porém nenhum sinal de nossos amigos, muito menos de Beto. Após muita procura, Marina foi encontrada, desfalecida. Junto com algumas crianças, foi levada ao hospital, porém não resistiu. As crianças foram encaminhadas para lugares dignos, algumas encontraram seus pais, mas Gustavo... nunca mais o vi.

Através das vacas

Marina Vieira Moraes Martins

Marcelo aguardava seus companheiros de viagem para que pudessem pegar a estrada rumo a Cumuruxatiba. Abasteceram o carro, colocaram o jaleco no porta-malas, compraram três pacotes de biscoito de polvilho e seguiram seu caminho, com a meta de chegar à praia antes do amanhecer seguinte.

Quando os quatro viajantes passavam pelo estado de Minas Gerais, receberam a notícia de que suas famílias já estavam instaladas na pousada, o que aumentou ainda mais a vontade de chegar logo ao destino final.

Por volta das duas horas da tarde, os viajantes decidiram parar novamente para que pudessem comer. Retornaram à estrada que, em poucos minutos, havia passado de uma via vazia e livre para um congestionamento que, segundo o GPS, duraria umas duas horas.

O grupo optou então por um desvio. Depois de umas quatro horas, retornou à rodovia principal. Ainda faltavam 300 km e já estava escuro. De repente, os amigos começaram a perceber algo estranho: vários carros parados na estrada com o farol aceso. Alguns metros à frente, havia vacas no meio da pista. Sem ter mais tempo de frear o veículo, Marcelo começa sua pilotagem: desviou de quatro vacas, mas na última hora a cabeça do quinto animal esbarrou no retrovisor direito do carro.

Um silêncio se instaurou até que, cinco minutos depois, um dos viajantes resolveu comentar o fato de que ainda faltavam 280 km de viagem e eles tinham perdido um retrovisor. Decidiram que o melhor seria seguir.

Conseguiram finalmente chegar ao destino final à meia noite e meia, com o carro cheio de barro e sem um dos espelhos retrovisores. Chamaram a família para contar a história.

Campo

Sob chammas

Rafael Diogo Piesco Polifemi

Num belo dia de 38° C no interior paulista, em Rondonópolis, Humberto Cascão, um grande criador de gado nelore da região, após almoçar um típico prato caseiro, carregou seu defensor, conhecido popularmente como 38, usado para se defender de outros fazendeiros locais e ameaças de Sem Terra.

Seguindo seu ritual diário, deixou a sede de sua fazenda e foi tomar uma pinga no bar. Lá encontrou Bernardo Ruiz, o rei do gado da região. Com discrição, ambos se sentaram no balcão. Depois de duas horas com a pinga na cabeça, Bernardo começou a contar vantagem de suas cabeças de gado e de seus lucros mensais. Humberto, descontrolado, começou a discutir. A discussão foi à frente com garrafas quebradas e uma promessa de morte. Porém, quando Humberto foi pegar seu revólver para acabar com a discussão e talvez com a raça do rei do gado, percebeu que o tinha esquecido na sede de sua fazenda. Por isso, se retirou e volta à sua residência.

A vontade de soltar chumbo no rei do gado era grande. No dia seguinte, Humberto subiu em sua caminhonete e se dirigiu à cidade, dessa vez com seu 38 carregado. O que não esperava era o bloqueio da estrada pelos Sem Terra fortemente armados por Bernardo, que se aliou a eles para assassinar seus inimigos. Humberto acelerou sua caminhonete a 130 km/h, atropelou alguns deles e fugiu. Ligou para o seu amigo Joaquim, que possuía uma fazenda e uma loja de fertilizantes agrícolas e, ao chegar na loja, escondeu o veículo baleado em um galpão. Estava determinado a passar um tempo morando lá, nos fundos, até acabar com a raça de Bernardo e seus aliados.

No primeiro dia, estranhou a calma nos fundos da loja onde dormia. Àquela altura do campeonato, não sabia o que pensar, Joaquim poderia ter sido assassinado, sequestrado, torturado etc. Passaram-se horas e seu amigo não voltava, até que Humberto ouviu uma alta cantada de pneu e observou seu amigo sendo jogado de um caminhão. Humberto correu para socorrer Joaquim. Seu pensamento estava correto: ao sair para comprar comida, Joaquim fora sequestrado por Bernardo.

Depois de tantas más notícias e um amigo sequestrado, Humberto ficou decidido a matar todos de uma vez. Para isso, montou um plano que envolvia seu amigo.

O plano era o seguinte: Joaquim contataria Bernardo pedindo emprego como matador de aluguel e funcionário da fazenda encarregado da fertilização aérea. Trocaria o fertilizante por gasolina e colocaria fogo em tudo.

Passado algum tempo, Joaquim foi ao aeroporto pegar o avião e colocar a gasolina no compartimento de fertilizantes, e lá se foi pelos ares. Após uma hora de extrema ansiedade, a fazenda se aproximava. Joaquim “fertilizou” a plantação com o avião duas vezes. Lá embaixo, Humberto arremessava mais combustível e começou a jogar fósforos acesos. Os capangas logo perceberam e começaram a atirar contra a picape de Humberto, que levou um tiro de raspão no ombro, mas continuou. Logo em seguida, Bernardo, que estava observando a fertilização do novo funcionário da sede da fazenda, começou a perceber o incêndio. Porém, não havia mais formas de fugir daquele lugar. Seu carro já havia sido incendiado. Sem rotas de fuga, ao rei do gado e seus capangas só restou a morte ardida sob o fogo.

A traição de Bernardo

Guilherme Jimenez Marino



Raphael Dall'Acqua Morgan

Era uma fria noite no campo. Estavam em sua casa Bernardo e sua esposa, Maria. Bernardo era um homem de cerca de 50 anos, não muito inteligente, meio baixo, mas muito forte e muito temperamental. Tinha problemas com a bebida e sempre que possível, arranjava briga com qualquer um. Bernardo trabalhava em sua fazenda e tinha um ódio mortal por seu vizinho e principal concorrente, João, conhecido na área como "Jão". Ambos eram os maiores agricultores da região e lutavam por mercado e propriedades o tempo todo. Jão era um homem de cerca de 40 anos, alto, meio fraco, mas muito inteligente. Tinha uma fazenda menor, mas com uma produção muito maior.

Sempre que Bernardo saía, Maria esperava um tempo em casa e saía também. Suas saídas tinham sempre o mesmo destino: a casa de João. Ambos tinham um caso havia anos. Bernardo não tinha noção da situação. É claro, se ele soubesse, violento como era, já teria surtado.

Em um fim de tarde, chegou em casa e ninguém estava lá. Sua primeira sensação foi de medo: Bernardo achou que algo de ruim poderia ter acontecido com sua esposa; mas é claro, não era o caso. Quando Maria chegou, seu marido estava genuinamente preocupado, queria saber o que havia acontecido com ela, se ela estava bem.

Sem hesitar, Maria disse que estava tudo bem e que havia apenas ido vender alguns produtos da fazenda na cidade. Um pouco desconfiado, mesmo assim Bernardo quis acreditar nela. No dia seguinte, o homem saiu novamente, seguido por Maria, é claro, que como de costume ia se encontrar com seu amante, inimigo mortal de seu marido.

Ao chegar em casa à noite, Bernardo viu que sua esposa novamente não se encontrava lá. Quando ela chegou e foi questionada, deu a mesma desculpa do dia anterior. Dessa vez, o homem já estava desconfiado e ficou mais ainda naquele momento. Por isso, ele tomou uma decisão: no dia seguinte, ao sair, ele iria seguir a estrada e se esconder no meio do mato. Quando a mulher passasse por ele, ele iria segui-la até seu destino.

À noite, a mulher sentiu a desconfiança do marido e também teve uma ideia. Ao invés de seguir sua rotina de sair e se encontrar com João, imaginando que Bernardo iria planejar algo, ela decidiu realmente ir à cidade vender seus produtos.

Seu marido a seguiu e viu que ela dizia a verdade. Mesmo assim, ficou muito bravo, ela não tinha por que demorar tanto para uma tarefa tão simples. Voltou para casa e seguiu sua rotina. Aquela vez ele não questionou a mulher, mas ficou com a dúvida na cabeça. Não conseguia dormir, passou a madrugada inteira na varanda da casa pensando no acontecido. Mesmo assim, teimoso que era, decidiu seguir a esposa novamente.

No dia seguinte, a esposa imaginou que já tinha despistado o marido, mas estava redondamente errada: ele a seguia desde a saída da fazenda. Quando ela chegou á casa de João, Bernardo não acreditou no que viu, sua mulher o estava traindo com seu principal rival!

Ele esperou algumas horas, pegou sua espingarda, arrombou a porta da casa e viu exatamente a cena que imaginara: pegou os dois no flagra. Bêbado que estava e explosivo que era, espancou a mulher até que ela ficasse inconsciente e matou João. Decidiu então que iria matar a esposa também e deixar os corpos lá.

Sentindo a falta dos dois, os vizinhos chamaram a polícia. Já na casa de João, a cena foi traumatizante até mesmo para o delegado. Após se recuperar do choque, os policiais começaram a raciocinar melhor sobre o que havia acontecido e perceberam que havia pegadas de sangue saindo da casa e na estrada de terra. Seguindo-as, chegaram à fazenda de Bernardo e encontraram-no na casa fechada. Ele não queria sair.

Sabendo que seu fim estava próximo, Bernardo pegou sua espingarda e acabou com seu sofrimento. O som do disparo pode ser ouvido por toda a região e os policiais já tinham certeza, era o fim do fazendeiro.

A traição vivia no galpão de animais

Vitoria Maria Sutiro

Em uma fazenda no interior de Goiás, vivia Rodrigo e sua família. Não havia nenhuma cidade ou população perto de onde moravam, apenas uma estrada que sabe-se lá onde ia dar. Por estarem tão isolados, eles produziam tudo o que consumiam, tinham animais e plantações. O casal tinha três filhos, um menino mais velho e dois mais novos.

Rodrigo, em seus quase 50 anos, de tanto trabalho, já tinha a aparência de ser muito mais velho. Gostava de agradar sua esposa Luana e, para isso, plantou campos e mais campos de flores, de vários tipos e cores. Ele tinha o hábito de todo dia acordar sua mulher com uma flor recém-colhida. Todos os dias, sem exceções.

O marido tinha nascido estéril, porém a mulher engravidou e teve três filhos, coisa que Rodrigo considerava um milagre de Deus. O primogênito se chamava João. Ele ajudava o pai nas plantações, enquanto sua mãe fazia questão de cuidar dos animais, que ficavam em um galpão afastado da casa onde eles viviam.

Certo dia, Luana perdeu a hora de despertar e quando acordou já havia passado do meio dia, o sol estava brilhando lá fora, nas janelas. Olhou para a cabeceira de sua cama e não encontrou a flor que seu marido deixava lá todos os dias de manhã, e assim, imaginou que alguma coisa devia estar acontecendo.

Desceu as escadas e encontrou seus filhos na cozinha almoçando; já seu marido, não. Eles sempre almoçavam juntos, era uma das regras da

casa. João disse que seu pai havia decidido cuidar dos animais a fim de poupar o trabalho de Luana, para deixá-la dormir mais um pouco, já que ela parecia estar cansada no dia anterior.

Luana ficou pálida, ela já imaginava o que havia acontecido. Foi só chegar ao local onde ficavam os animais que viu que imaginara certo. Lá estava seu marido, em pé, ao lado do corpo morto de seu amante, Danilo. Rodrigo nunca foi pai, ele era mesmo estéril, não existem milagres.

Romance

Rosas guardadas

Camila do Val Lauretto



Helena de Godoy Ferreira

Alice morava sozinha em uma casa de campo, mesmo tendo apenas 26 anos. Desde que perdera os pais aos 15 em um acidente de carro no qual estava presente, ela vivia por si só, acompanhada pela tristeza. Para passar o tempo, costumava ler, assistir a filmes, cuidar de seus animais... Porém, nunca parecia estar feliz. Tentava viver sua vida no interior dos vitrais de sua triste casa, sem ninguém para lhe dar amor e atenção.

Certo dia, quando caminhava pelos arredores, deparou com um homem. Magro, alto, cabelos claros e olhos azuis que, mesmo com o dia

estando nublado, pareciam brilhar para ela. Desde o momento em que o viu, sentiu-se diferente. Toda a sua alegria que se foi no dia em que seus pais morreram voltou na forma daqueles olhos azuis.

Nicolas, quando a viu, também conseguiu enxergar através do cabelo mal cuidado, da pele áspera, de roupas largadas e de toda a má aparência da mulher um raio de felicidade, uma beleza que estava escondida por uma solidão e tristeza profundas.

Passou um tempo, os dois acabaram se conhecendo, ficaram perdidamente apaixonados e entraram em um romance. Era um amor como nenhum outro. Alice já não era mais a menina triste e melancólica que perdera os pais, agora tinha alguém com quem compartilhar sua vida e para lhe fazer feliz.

Tudo ia perfeitamente bem, a vida do casal era maravilhosa. O homem se mudara para a casa de Alice e, todos os dias, ao levantar de sua cama, ia ao jardim buscar flores para ela, para que quando ela acordasse, as visse em sua cabeceira. Ao vê-las, a mulher se sentia como se não pudesse estar melhor e se esquecia, uma vez mais, de todos os seus traumas do passado. Um simples ramo de flores podia parecer pouca coisa, mas para ela com certeza não era, era a prova de que não estava sozinha. Ela as guardava com todo o carinho. E a cada dia a felicidade crescia mais e mais.

Certo dia, quando sua felicidade chegou ao auge, os dois foram dormir tarde da noite. Ficaram em volta de uma fogueira, vendo a chama arder, até que se apagasse com os sopros do vento. Naquela noite, Alice notou algo estranho no amado. Ele parecia triste, cansado, sua voz estava fraca e ele tossia de tempos em tempos.

Lembrando-se dos dias anteriores, percebeu que já estava acontecendo há algum tempo, mas não tão aparentemente quanto naquele momento. A expressão do homem era fria, ele parecia profundamente triste e um tanto quanto melancólico, sua aflição era facilmente percebida.

Ela reparara que ele não parava de repetir a mesma frase enquanto estavam em volta da fogueira:

— Alice, querida, prometa-me que, aconteça o que acontecer, você nunca irá se esquecer do quanto eu te amo, e do quanto nós somos felizes juntos.

A cada vez que ela ouvia isso, um arrepio percorria todo o seu corpo. “Será que aquilo que saía repetidamente da boca dele tinha algum significado oculto?” “Será que algo estava errado?” Ela não sabia o que fazer. Criou coragem e perguntou:

— O que está acontecendo? Tem alguma coisa que você queira me contar?

A única resposta, mesmo não sendo verdadeira, era que não havia nada de errado. As horas foram passando e a mulher foi se deitar, enquanto Nicolas ficou no jardim, alegando que ficaria olhando a lua até que viesse o sono.

No dia seguinte, quando acordou, Alice não viu seu marido na cama. Ele poderia estar no jardim, colhendo suas belas flores, mas uma parte dela sabia que não estava tudo bem, que ele não estaria lá.

Olhou para a cabeceira da cama: não encontrou um ramo de rosas recém-colhidas como sempre, mas, sim, muitas delas dentro de vidros. Em um sobressalto, levantou-se e foi olhar de perto. Viu então que junto delas havia uma carta:

“Querida Alice. Sinto não ter te contado isto antes, e saiba que eu só fiz o que fiz para o seu bem, para que você não se sentisse mal, e para podermos aproveitar o tempo que ainda nos restava. Há alguns meses eu descobri que tinha uma doença. Não uma doença comum, mas uma daquelas doenças que vão destruindo o nosso corpo pouco a pouco. A cada dia que passava, eu pensava em nós, em você e no quanto eu te amava. Eu não queria te deixar. Eu não queria deixar você sozinha em um mundo que você não conhecia, que você não entendia. Se você está lendo esta carta, significa que chegou ao fim. Eu não quero que você sofra, eu nunca quis ver você mal. E por isso não te contei antes. Eu posso ter sido egoísta, mas também pensei na sua felicidade. Estas flores que eu deixei nos vidros para você estão fresquinhas, eu colhi ontem à noite mesmo. O fato delas estarem em vidros é devido ao fato de que assim, elas durarão mais tempo, espero que para sempre, assim como o meu amor por você. Todos os dias, quando você acordar, quero que olhe para elas e se lembre do quanto eu te amei e que sempre irei te amar, mesmo não estando com você. E quero que você se lembre de como era feliz, eu não quero que você se esqueça do que nós passamos e de como nossos olhos brilhavam quando estávamos juntos. Alice, querida, prometa-me que, aconteça o que acontecer, você nunca irá se esquecer do quanto eu te amo, e do quanto nós fomos felizes juntos.”

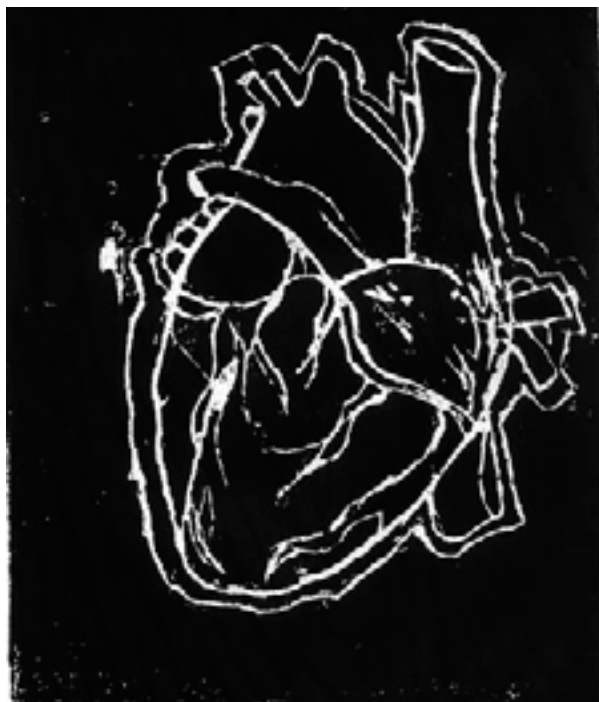
E assim, ao ler a última frase da carta, angústia, solidão e tristeza tomaram conta do coração de Alice. Ela desabou em um choro sem fim. Ficou noites e noites sem pensar em nada, apenas com um vazio em seu peito que havia sido preenchido por algum – pouco – tempo, desde que encontrara seu amor. Aquele amor, que quando surgiu levou embora toda a tristeza guardada dentro dela a partir do momento que seu carro se despedaçou levando consigo seus pais, havia sido levado, deixando em seu lugar a tristeza que a fazia não ter vontade de levantar da cama.

Com os anos, as flores, mesmo nos vidros, foram se desfazendo. E com elas, toda a sua esperança de uma vida feliz. Um dia, quando a última flor murchou, Alice ficou um tempo olhando para os vidros. Não lhe restavam nem as lembranças. Perturbada, ela levantou-se, pegou os vidros com as flores murchas por conta do tempo, pegou a chave da casa, a carta, e saiu andando sem rumo pelo campo.

Foi então até o morro mais alto da cidadezinha em que morava. Parou por alguns instantes bem na beirada, fechou os olhos, não pensou mais em nada, e deu um passo à frente. O passo que a faria reencontrar o seu amor, seus pais que perdera tão cedo e, junto disso, sua felicidade.

Verdades ocultas

Giorgia Maria Leme Parrini



Sofia Blanco Belmonte

René tinha três filhos, Elena, Silvia e Francesco, e morava na Itália. Vera Maria era solteira e morava no Brasil. Ele trabalhava na Fiat e ela ainda estava na faculdade. Edgar Leme, pai de Vera Maria, era advogado da Fiat e propôs um jantar em sua casa para dar as boas-vindas a René e seus filhos, recém-chegados ao Brasil.

A filha do advogado compareceu ao jantar para fazer companhia ao pai, já que sua mãe estava doente. A jovem foi cumprimentada por todos os cavalheiros e a ceia seguiu agradável.

René e Vera Maria conversaram muito e resolveram se contatar novamente depois de um tempinho. O “gentiluomo” contou que era casado na Itália. Contudo, não era feliz com a esposa. Disse que estava passando por um período árduo em sua vida, pois seus pais o matariam se soubessem o que lhe passava pela cabeça há um tempo: divórcio.

Vera Maria sentiu pena do amigo estrangeiro e fez questão de ajudá-lo durante essa fase; e René retornou para a Itália com um objetivo em mente: mudar-se para o Brasil com a família. Maria, sua mulher, recusou a proposta e implorou para que seu marido jamais voltasse para as Américas.

Depois de alguns meses, Vera Maria ficou sabendo que René estava de volta ao Brasil e resolveu visitá-lo. Eis que uma notícia soou em seus delicados ouvidos: “Eu e Maria nos divorciamos.”

Bum. Uma bomba fora jogada na vida do italiano... Seus pais ficaram furiosos e juraram jamais dirigir uma palavra sequer ao filho. René contou que já não era mais bem-vindo em sua casa nem em sua família. Tais palavras tocaram muito Vera Maria, e ela respondeu quase sem pensar duas vezes: “Mas é claro que tem uma família. Eu sou sua família.”

Bum. Outra bomba explodiu: Vera Maria e René namorando. O Doutor Edgar Leme não estava contente com o fato de que sua filha estivesse acompanhada de um estrangeiro mais velho e pai de três crianças. Ele e sua mulher, Maria Cecília, foram rígidos com o casal, afirmando que não dariam apoio a eles.

O casal, sem qualquer ajuda externa, resolveu seguir em frente e superar os desafios que estivessem por vir. Alugou um apartamento e começou a trabalhar.

Neste meio tempo, uma terceira e última bomba caiu, explodindo em luz, amor e união: Vera Maria ficou grávida.

Giorgia Maria era seu nome. Uma pequena menina loiríssima de olhos cor de mel e um tom de pele sutilmente rosado. Essa criança foi o único remédio que fez efeito unindo as duas famílias. René voltou para a Itália com sua nova família e sua mãe emocionou-se com o mais novo membro dos Parrini, desculpando-se por não ter falado por tanto tempo com o próprio filho. Giorgia Maria tornou-se a netinha mais querida de Maria Cecília, sua avó.

Atualmente, as famílias continuam unidas, porém separadas por um grande oceano, que, a cada ano, é atravessado por Giorgia Maria e seus pais.

Por mais árduo que seja, nunca desista dos seus sonhos.

O que o destino junta pode ser separado

Gabriela Eidman



Guilherme Guanciale Franco

Em uma manhã nebulosa de sexta-feira, os pássaros cantam, mesmo contra a vontade dos vizinhos. Maria, uma menina comum de 16 anos, sem muitos amigos, vai para a escola como em todos os invernos de sua vida: embaixo de um guarda-chuva, com seus membros praticamente congelados pelo frio da cidade de Florianópolis. Apenas uma coisa tinha mudado desde seu dia anterior: ela havia brigado com seu melhor amigo. Sim, Maria e José haviam brigado, por conta da grande influência de Marquinha, grande inimiga de Maria e melhor amiga de José.

Os dois eram inseparáveis: Maria e José, José e Maria... sempre juntos – e nada mais passava na cabeça da linda menina:

– Eu preciso pedir desculpas a ele. Como a ludibriadora da Marquinha conseguiu colocar na cabeça dele que eu, a melhor amiga, havia falado mal dele para todos da classe? Isso é inacreditável!!!

Ao chegarem à escola, houve apenas uma troca de olhares entre os dois: Maria não imaginava o que estava por vir. Na terceira aula, ao meio dia, José finalmente criou coragem para contar a ela toda a verdade que estava escondida por baixo do tapete por todo esse tempo.

– Maria! Eu... eu... Não aguento mais tanta pressão! Preciso te contar isso que está dentro de mim faz tempo! Eu e a Marquinha estamos... namorando! E não há nada que você faça que possa interferir no nosso amor.

– Por que você não me contou isso antes? E o que o seu namoro tem a ver com a nossa briga? – disse Maria.

– Na verdade, eu não briguei com você. Eu sei que você não falou mal de mim pra todos da sala. Na verdade, eu só inventei a briga pra poder namorar com a Marquinha em paz, mas achei que você teria ciúmes de nós dois. Acabei não aguentando tanto peso na minha consciência.

– Bom, Zé... Nossa amizade foi boa enquanto durou, não é mesmo? Eu não iria interferir no seu namoro jamais, mas você fez sua escolha, então por mim tudo bem, o que importa é que vocês sejam felizes. Estou aqui sempre que você precisar, minha consciência está limpa, e isso que é bom pra mim.

José e Maria, Maria e José – sempre juntos, agora separados por uma Marquinha.

Não existe amor em São Paulo

Andressa de Siqueira Pereira

Desde pequena, eu sonhava em sair da minha cidade natal, Extrema, em Minas Gerais. E agora, com 26 anos, realizaria meu sonho, pois estava indo morar na tão famosa São Paulo, a grande metrópole.

– Fernanda! Não esqueça sua bolsa Chanel. – Minha mãe abriu o porta-malas da minha Bugatti branca e me entregou a bolsa. Me despedi dela, e logo abracei meu noivo, Hugo, que estava ao seu lado.

Hugo era dono de uma grande empresa e por isso não podia ir para São Paulo comigo. Estávamos compromissados desde pequenos, pois seria para o bem das duas famílias.

Já em São Paulo, no final de uma tarde de domingo, resolvi dar uma volta para conhecer o bairro. Totalmente perdida e andando com um salto 15 da Louis Vuitton, fui parar em uma rua deserta, escura, onde nenhum carro estava passando. Eu estava ficando aflita, o medo me consumia e meus passos se apressaram quando ouvi uma moto parando atrás de mim. Senti alguém me agarrando, deixando meus braços e pernas imóveis. Vi todos os meus pertences serem levados por dois homens. Sem conseguir me defender, outros dois homens tentavam arrancar o que me restava.

Ao sentir minhas lágrimas escorrendo pelo rosto, fechei meus olhos desejando que tudo aquilo acabasse. Naquele momento de muita tensão, só pude ouvir os passos daqueles monstros correndo, após serem derrotados. Despertei no colo de um estranho que aparentava ser jovem e nem um pouco assustador. Seu nome era Jorge. Me ofereci para pagar um jantar como agradecimento.

Ele me contou que tinha vindo aos 18 anos de outra cidade em busca de emprego, enquanto o resto da sua família continuara morando lá. Desempregado, estava morando em uma casa, com o aluguel atrasado e em uma região periférica de São Paulo, onde não havia infraestrutura, nenhuma segurança e péssimas condições. Ele era um homem muito humilde, mas que tinha como seu maior pesadelo o medo de acabar nas ruas e não conseguir realizar seu sonho de retornar à sua cidade natal.

Fiquei muito comovida e interessada com a sua história e decidi ajudá-lo. Arranjei um emprego muito bom para ele em uma empresa, e ofereci um quarto do meu apartamento, provisoriamente.

Eu me interessei muito pela sua história, acabamos ficando muito amigos e com o passar do tempo eu desejava cada vez mais que ele não fosse embora. Fazia mais de um mês que eu havia me mudado, mais de um mês longe da minha família e do meu noivo. Estava sendo uma experiência incrível, apesar de todos os obstáculos que havia passado. E mesmo morando longe deles, eu não me sentia solitária, pois tinha Jorge comigo.

Após alguns dias, como ele havia conseguido pagar todas as suas dívidas, disse que iria retornar à sua cidade. Eu estava muito feliz por ele, então, para comemorar, fui buscar uma taça de champanhe na cozinha. Após ter aberto a geladeira, senti uma respiração forte atrás de mim, era ele.

— Fernanda, eu não aguento mais fingir e esconder que não sinto nada por você.

Ficamos frente a frente por alguns segundos, até ele me puxar e me beijar. Aquilo parecia tão errado, mas ao mesmo tempo tão certo...

Não pensei nas consequências, apenas o beijei. De repente, alguém bateu e empurrou a porta. E lá estava Hugo, sempre elegante com seus ternos da grife.

– Olá, querida, como... – Hugo não terminou sua frase, pois ficou paralisado ao ver aquela cena. Então, começou a gritar e jogar os móveis no chão. – O que está acontecendo?

Fiquei sem reação. Jorge, constrangido com a situação, me segurou e disse:

– Quem é ele?

– Eu sou o noivo dela! Acho que ela não te contou sobre isso, pelo que me parece. – Disse Hugo, rudemente.

Eu não sabia o que fazer, só conseguia pedir desculpas. Jorge me encarou por alguns segundos e saiu da sala, apressadamente, para ajeitar suas coisas.

Hugo apenas ficava olhando tudo que estava acontecendo. Não liguei. E assim, saí correndo atrás de Jorge, porém já era tarde demais, ele tinha sumido.

Retornei para o apartamento para pegar a chave do carro, recebi uma mensagem da minha mãe dizendo que eu me casaria o mais rápido possível e que eu era uma vergonha para a família. Eu não aceitei isso, pois eu nunca seria feliz. Joguei o telefone no chão e fui diretamente para a antiga casa de Jorge.

Dirigindo pelas ruas de São Paulo, eu estava parada no semáforo quando os mesmos homens que haviam me roubado pararam com suas motos ao lado do meu carro: eles estavam armados. Eles apontaram suas armas para a minha cabeça, me forçando a descer do carro. Logo me reconheceram e começaram a me provocar.

Inesperadamente, surgiu uma voz atrás de mim pedindo para que eles me soltassem. Era Jorge. Começaram a brigar e o que mais me preocupava eram as armas.

Tiros para todos os lados, barulhos estrondosos. Mas foi necessário apenas um tiro para que acabassem todos os sonhos e a vida daquele jovem. Todos saíram correndo quando o barulho da sirene da polícia soou, deixando o meu grande amigo deitado ali, morto.

Amor sem fronteiras

Eduarda Lamarca Freire

Rio de Janeiro, Leblon. Era uma da tarde; Isadora estava na saída de sua escola esperando seu motorista para levá-la para sua casa, localizada no mesmo bairro. Era um dia muito importante para ela, pois seu pai, Fabrício, havia proposto um jantar em seu restaurante preferido, o que a deixou muito animada. Isadora passou o dia se arrumando, nem chegou a almoçar. Às 20h00, completou seu look, pegou sua bolsa Chanel e saiu com seu motorista. Ao chegar ao restaurante, encontrou Fabrício com seu terno casual Brookfield, conversando com o manobrista sobre sua Ferrari. Com o cabelo um pouco grisalho, ele nem aparentava seus 55 anos. Fabrício e Isadora entraram no restaurante abraçados e rindo muito, até que pararam na mesa e ele apresentou à filha sua futura mulher, Heloísa.

Isadora entrou em um estado de paralisia: seu pai não namorava ninguém desde a morte de sua mãe, mas a menina sentou-se à mesa normalmente, conversando com Heloísa e seu filho, Bernardo. Heloísa estava com um vestido Prada, aparentava ter uns 45 anos, era simpática e bem bonita. Já Bernardo aparentava ter a mesma idade que Isadora. No mesmo minuto em que ela o conheceu, pensou: “o que tem de bonito tem de arrogante” (começou nesse momento o “bode” de Isadora por Bernardo).

Após o casamento, Fabrício e Heloísa passaram a morar na mesma casa. A relação era bem difícil, os dois viviam brigando por qualquer coisa, até por um balde de pipoca. Isso durou cerca de um ano, até que em um dia, quando Isadora estava cumprindo sua rotina, Bernardo a chamou para conversar. Por incrível que pareça, ele se desculpou e prometeu que iria mudar sua postura com ela. Uma semana

depois, Fabrício e Heloísa, vendo a mudança no relacionamento dos filhos, ficaram muito contentes, mas mal sabiam eles o que realmente aconteceria.

Na tarde de um sábado, Isa convidou os amigos para passar o dia na piscina de sua casa. Assim que chegaram, ela foi até a cozinha, sentiu alguém lhe puxando pela cintura e, num piscar de olhos, se viu prensada na parede por Bernardo, que dizia: “Qual foi, maninha? Fica tranquila, não vou te beijar”. Riu e a soltou, fazendo com que ela ficasse furiosa, xingando-o de todos os nomes possíveis. Desde então, essas brincadeiras de Bernardo foram se tornando constantes.

Isa, claro, era muito boba, pensava que Bernardo só queria brincar com ela e não conseguia admitir que ficava pensando nele, principalmente depois do dia da festa. É, talvez ela estivesse apaixonada por ele (ou talvez não), mas foi ele quem se declarou. Sim, isso mesmo. Depois, eles passaram a se pegar na escola, em casa, no shopping, e quem sabia era só a galera que era compartilhada por ambos.

Os problemas começaram a aparecer. O ex-namorado da Isa, Henrique, voltou pedindo uma chance; ela ficou sem saber o que fazer, ficou entre um amor romântico e um amor cafajeste. Be ficou arrasado e por dias eles nem se falaram, mas aos poucos tudo foi se encaixando, até que um dia Isa entrou em casa, subiu as escadas onde havia roupas espalhadas fazendo um caminho até o quarto de seu pai e resolveu conferir, é claro. Eram nada menos do que Bernardo e uma de suas melhores amigas transando na cama de seu pai. Ela ficou muito mal, em transe. Os passos vindos do corredor a fizeram sair dele e começar a recolher as roupas, pedindo para que saíssem da cama antes que o pai

chegasse, mas foi tarde demais. Isa viu seu pai expulsando Bernardo de casa, jogando suas malas e tudo doeu mais ainda. Ela implorou muito, mas seu pai não abriu exceção.

Alguns meses se passaram, Bernardo não foi para a escola durante um bom tempo e, quando voltou, mal falou com Isa. Às vezes, ela lhe mandava mensagens dizendo que sentia saudades, mas ele sequer respondia. Ainda postou foto com outra menina, e Isa nunca mais tentou nenhum contato.

Um espírito de loucura invadiu o subconsciente de Isa, o que a fez decidir que iria seguir Be no final da aula para ver onde ele realmente estava, então assim ela fez. Descobriu que seu irmão por herança era o “dono da favela, controlava tudo. Ela passou a ir quase todos os dias encontrá-lo na comunidade. Só ficaram na amizade, o que deixou Isa bem chateada, mas uma coisa a deixava animada: uma de suas melhores amigas, também melhor amiga de Bernardo, faria uma festa de aniversário a fantasia, então ela pensou ser sua oportunidade.

No dia da festa, Bernardo foi com sua acompanhante, sua mais nova ficante oficial, o que fez Isa querer beber, beber muito. Isa puxou Bernardo e começou a falar muitas coisas enroladas, batendo nele em seguida, e ele respondeu; mas ela só pôde ouvir: “Seu namorado é que te trai toda sexta-feira no motel 3422, ele sempre fica no quarto 45”.

Realmente, ela tinha voltado com Henrique e todos sabiam que ele traía Isadora todas as sextas, mas Isa fora “poupada” disso, nenhum de seus amigos chegara a comentar isso com ela, o que a deixou muito chateada. Então, ela resolveu ir ao tal lugar e o que ela mais temia, ela viu: seu namorado a traindo. Aquilo não doeu nela, não da forma que deveria. Isa saiu correndo de lá e foi para a comunidade, entrou na casa

de Bernardo e assim que o viu, o beijou. Ele ficou assustado e disse: “Isa, você está fazendo o que aqui? Eu não posso, eu tô com a Bela.” Ela só respondeu: “Eu tô aqui porque amo você e se você me amar também, tô disposta a tentar.” Eles então se beijaram e passaram a noite juntos.

Desde então, namoraram escondido na casa dela. Ela mentia para o pai para ir ficar com ele na comunidade, mas isso também não durou muito tempo. Obviamente, alguma coisa tinha que dar errado e realmente deu. Em pouco tempo, Fabrício passou a ficar desconfiado dos sumiços da filha. Bernardo também estava desconfiado, mas com relação à saúde de Isadora, que vivia passando mal, com desmaios, dores de cabeça e náusea. O pai dela descobriu sobre os dois e proibiu que a filha voltasse a ver Bernardo. No primeiro dia de aula após essa conversa, ela se abriu com o namorado. Bernardo não a viu mais por duas semanas; ela não ia para a escola, não via os amigos. Até que em uma conversa com Bela, Bernardo viu o sobrenome de Isa relacionado a uma garota internada e decidiu ir atrás.

Foi até o hospital Sírío Libanês e procurou por ela. Ela estava careca, magra. Quando o viu, ela ficou assustada, sem reação nenhuma; mas quando ele chegou perto, a primeira coisa que ela fez foi abraçá-lo. Ela estava com leucemia e precisava logo de transplante de medula, algo que só poderia ser realizado por alguém compatível.

Não acredito em sorte, mas sim em destino: naquele dia, uma moça chegou ao hospital para visitar Isa e ouviu brevemente a conversa; decidiu então que queria tentar ajudar. O médico pediu que ela fizesse um teste de compatibilidade.

Esse dia foi muito feliz. Bruna (a doadora) era filha de Fabrício (que havia sumido); ganhou então um pai amoroso e uma irmã muito carinhosa. Já Isa ganhou a chance de viver, uma nova irmã e a chance de viver seu romance sem mais fronteiras.

Álcool, mulheres e brigas

Julia Galliás Bronzeli

Caio era um homem normal, como todos os outros. Tinha uma carreira profissional, morava com sua namorada, pagava todas as suas contas, mas tinha um problema: era alcoólatra. Toda noite depois do trabalho, ele ia para o bar ao lado de seu escritório, bebia até cair e sua namorada tinha que ir buscá-lo.

Ele era extremamente apaixonado por Maia, sua namorada, e vice-versa. Contudo, ela não aguentava mais ter que buscá-lo toda noite no bar e discutir por ele estar brigando com alguém ou dando em cima de outra mulher.

Um dia, assim como os outros, Caio foi para o bar beber e, como sempre, extrapolou. Maia então foi buscá-lo, mas, quando chegou lá ele estava com uma menina sentada em seu colo. Maia então começou a brigar com ele:

– Caio, por favor! Como você pode ficar fazendo isso comigo? Já estou cansada de vir te buscar e você está fazendo alguma merda!

– Ah, meu amor, vem cá, essa mulher é apenas minha amiga Joana!

– Sua amiga? Eu vou tirar então essa sua amiga daí!

Maia foi para cima de Joana, e Carlos, amigo de Caio, que também sempre estava no bar, foi separar as duas. Depois daquele dia, Maia e Caio pararam de se falar.

Uma semana depois, ambos já estavam morrendo de saudades, mas nenhum deles tomava a iniciativa de falar com o outro. Até que chegou sábado e Caio foi para o Bar do Nena, na Vila Madalena. Como de costume, bebeu demais. Mas dessa vez, ele passou muito dos limites e, quanto mais lhe aconselhavam a maneiras, mais ele bebia. As coisas começaram a ficar mais sérias. Antes de se dar conta, Caio já estava caído no chão, quase em coma, e a única coisa que ele conseguia falar era:

– Alguém, por favor, “pega” meu celular e “liga” para a Maia vir me ajudar!

Carlos ligou trilhares de vezes para ela, mas ninguém atendia. Foi então que Caio apagou. Levaram-no para o hospital. Mesmo depois de Maia ter recebido a notícia, não se deixou abalar nem foi ao hospital.

Quando Caio voltou a si, ligou para ela que, depois de uma longa discussão, foi ao hospital vê-lo. Ele parecia estar convencido de que precisava mudar. Ela não estava tão convencida quanto ele, mas mesmo assim resolveu lhe dar outra chance, com duas condições: que ele se comprometesse a beber menos e fosse a reuniões de apoio ou a uma psicóloga para ajudar em sua recuperação.

No casamento gay, pode ser bem pior

Guilherme Guanciale Franco

Após sete ou oito meses de casamento, Cadão e Bruno resolveram se separar. Cadão, 32, era alto, forte e com o peito depilado. Amava a academia e o *street dance*. Quem não conhecia, jurava que ele era hétero. Bruno, 29, era como ele mesmo se denominava, a “bixa loka”. Magro como um palito e *fashion*. Chegava aos lugares gritando e dando pulinhos. Logo se sentava no colo de Cadão, que lhe dava beijos e carinhos, o que fazia com que a dúvida dos outros em saber se ele era hétero ou bi fosse respondida. Ambos eram filhos de pais ricos e estudaram em escolas e faculdades particulares. Seus lugares preferidos eram o Parque do Ibirapuera e a Vila Madalena.

Após uma pequena discussão, Cadão resolveu sair de casa e deixar Bruno por alguns dias. Acabou indo a baladas com suas amigas e, numa das noites no Villa Mix, conheceu Jorge. O novo bofe era alto, grisalho e beirava os 40 anos. “Camuflado”, do mesmo tipo que Cadão, não se mostrava um possível gay, deixava sua identidade aparecer somente entre quatro paredes. Muita conversa rolou e o fortão de 32 anos acabou encontrando seu futuro nessa nova pessoa.

Resolvido sobre o que fazer e com muita dor no coração por estar largando o homem com quem fora casado durante muitos meses, Cadão resolveu ir acompanhado de Jorge dar a notícia a Bruno. Chegando lá, eles encontram o pobre rapaz sentado no sofá de seu apartamento assistindo *Grey’s Anatomy* no Netflix. Sentaram-se na frente da TV e começaram a falar.

Bruno, em choque com a situação, ficou arrasado, principalmente porque seu ex havia encontrado outra pessoa tão rapidamente. Mas

o pior é que ele foi caindo no charme do novo namorado de Cadão e, como num amor à primeira vista, encontrou também seu futuro naquele homem. Teve início então uma troca de olhares raivosos entre os dois ex-namorados. Cadão reparou que Bruno estava se derretendo por seu novo *boy* e tentou acabar a conversa o mais rápido possível para ir embora dali.

Finalmente, Cadão e Jorge conseguiram sair dali e começaram sua vida amorosa. Porém, não sabem que a “bixa loka” está planejando outros modos de conquistar Jorge e acabar com Cadão.

A arte do flerte

Manuela Bueno Silva Arap



Gabriela Luiza Freitas Bernal

Lá estavam elas: as quatro amigas prontas para invadir o casamento que haveria na casa ao lado. Manuela, Julia, Ana e Serena já estavam observando os convidados chegando, muitos homens bonitos, porém todos mais velhos. Enfim, um em especial se destacou, irmão mais novo do noivo, um dos padrinhos do casamento.

O menino parecia ser um ou dois anos mais velho que elas, tinha olhos azuis e um sorriso reluzente. As meninas não pensaram duas vezes, o jogo do flerte estava prestes a começar.

Adentrar a cerimonia não foi difícil: todas colocaram vestidos coloridos e se misturaram facilmente com os convidados. O padrinho

logo as notou, já que eram tão jovens quanto ele. De primeira, todos já puderam perceber que, quando o garoto olhou para Serena, a menor das amigas, seus olhos brilharam. A reação foi recíproca.

Uma troca de olhares entre as meninas e o padrinho foi o que predominou durante a cerimônia. Depois de alguns minutos, um “pode beijar a noiva” foi dito pelo mediador e todos começaram a celebrar. Já era tarde e a música de dentro da casa já havia começado a tocar.

As quatro não planejavam invadir a festa, seus planos só incluíam a cerimonia que havia acabado ali, o que significava que estava na hora de se despedirem. O que não estava nos planos era a visão daquele belo jovem, que havia conquistado seus corações...

Quando estavam se retirando, uma voz disse de longe: “vamos bater fotos dos padrinhos em frente às pedras” – que estavam posicionadas em frente ao condomínio das garotas. Elas se levantaram dos seus bancos e foram andando em direção a um local que dava uma visão perfeita de onde as fotos seriam tiradas. Ali se sentaram e permaneceram observando. O menino, de tempos em tempos, olhava e sorria discretamente.

Até que enfim, escureceu. Todos foram aos poucos entrando na casa, onde a festa estava acontecendo. Uma por uma, as pessoas foram desaparecendo, e a praia se tornando mais vazia... Até que ali só restaram as quatro meninas e o garoto. O pensamento não podia ter sido outro; elas começaram a acenar e chamar o menino para se aproximar.

Claramente, ele percebeu que dele que se tratava. “E agora... se ele vier aqui o que a gente diz?” perguntou Ana. “Se ele vier, na hora a gente decide” – Julia respondeu risonha.

O menino as encarou por alguns segundos. O coração das quatro pulsava muito rapidamente, quando de repente... ele entrou novamente na festa. Julia, Ana, Serena e Manuela ficaram sem reação.

“Bom... acho que acabou”, disse Serena, ainda um pouco confusa. “Espera! Eu acho que sei como encontrá-lo no Instagram!”, disse Manuela, com uma esperança no olhar. Elas seguiram para dentro de casa e entraram na rede social, onde pesquisaram pelo *hashtag* #casamentobrunoealice, já que haviam descoberto o nome dos noivos e muito provavelmente fotos já haviam sido publicadas.

Não deu outra. Na mesma hora, uma foto dos padrinhos apareceu, com o tal garoto misterioso no centro da imagem. “É agora meninas, hora da verdade” disse Manuela, clicando na foto para ver se havia marcações... Pronto, ali estava: “Felipedesouza”. Na tela de seus celulares estava a página do Instagram do menino, do qual agora já sabiam o nome.